

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

JOVANIA GONÇALVES TEIXEIRA

**IMAGENS E SEXUALIDADE: LENDO *BLOGS* E PÁGINAS DE *FACEBOOK*
DE PROFESSORES/AS DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA**

Uberlândia - MG

2017

JOVANIA GONÇALVES TEIXEIRA

**IMAGENS E SEXUALIDADE: LENDO *BLOGS* E PÁGINAS DE *FACEBOOK*
DE PROFESSORES/AS DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, linha de Pesquisa Educação em Ciências e Matemática, como exigência para obtenção do título de Mestra em Educação

Área de concentração: Educação em Ciências e Matemática

Orientadora: Profa. Dra. Elenita Pinheiro de Queiroz Silva

Uberlândia - MG

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

T266i
2017
Teixeira, Jovania Gonçalves, 1980-
Imagens e sexualidade : lendo blogs e páginas de facebook de professores/as de Ciências e Biologia / Jovania Gonçalves Teixeira. - 2017.
112 f. : il.

Orientadora: Elenita Pinheiro de Queiroz Silva.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Educação.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.32>
Inclui bibliografia.

1. Educação - Teses. 2. Educação - Blogs - Teses. 3. Professores de ciência - Teses. 4. Redes sociais on-line - Teses. I. Silva, Elenita Pinheiro de Queiroz, 1965-. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

Glória Aparecida – CRB-6/2047

**IMAGENS E SEXUALIDADE: LENDO *BLOGS* E PÁGINAS DE *FACEBOOK*
DE PROFESSORES/AS DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, linha de Pesquisa Educação em Ciências e Matemática, como exigência para obtenção do título de Mestra em Educação

Uberlândia, 30 de junho de 2017

Profª. Dra. Elenita Pinheiro de Queiroz Silva - UFU (Orientadora)

Prof. Dra. Ana Maria de Oliveira Cunha – UFU

Profo. Dr. Marlecio Maknamara de Oliveira Cunha – UFBA

Profª. Dra. Juliana Bom-Tempo Soares – UFU (Professora Convidada)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

T266i
2017 Teixeira, Jovania Gonçalves, 1980-
 Imagens e sexualidade : lendo blogs e páginas de facebook de
 professores/as de Ciências e Biologia / Jovania Gonçalves Teixeira. -
 2017.

112 f. : il.

Orientadora: Elenita Pinheiro de Queiroz Silva.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Educação.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.32>

Inclui bibliografia.

1. Educação - Teses. 2. Educação - Blogs - Teses. 3. Professores de
ciência - Teses. 4. Redes sociais on-line - Teses. I. Silva, Elenita
Pinheiro de Queiroz, 1965-. II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

Glória Aparecida – CRB-6/2047

É do “entre” que desejo falar... entre o discurso e a imagem.

AGRADECIMENTOS

Venho por aqui dar sentido a este estudo, à minha vida, à minha existência. Entender que estar no mundo é movimentar se por entre o vai e vem de pessoas e que isso cria humanidades é parte intrínseca ao processo. Gratidão é sentimento nobre, é sensatez de espírito, é nos posicionarmos como um átomo a mais na imensidão do universo é sobre entender que a vida traz dores em forma de pessoas, mas que também faz sorrir por meio de outras tantas; é sobre aquilo que o dinheiro do mundo não compra; é sobre riso frouxo; é sobre embebedar se com as prosas; aliviar se com os abraços; enamorar se com beijos; aprender com atitudes e perder se em olhares.

Ao Deus que me tornei íntima por meio do espiritismo e me possibilitou entender tantas coisas, aceitar outras e mudar muitas. Sou resultado de forças do bem que convergem para reproduzir o bem, então gratidão pelos instrumentos que me viabilizam a viver essa experiência humana como ser espiritual.

João Tomáz e Vânia Maria as primeiras pessoas que me lançaram para as possibilidades da vida e me pariram para o mundo. Penso que se não fosse sua filha pediria ao universo que estreitasse minha vida à de vocês porque carregam nobrezas, a humildade e a honestidade são heranças indeléveis que cuido com esmero. São vocês que concedem significado às minhas conquistas.

Aos meus avós maternos Catarina e Clarindo que me concederam oportunidade em abrigo. À minha vovó Maria Izaura que com seus noventa e quatro anos me ensina o que é resignar se na vida. À minha irmã Cicera Teixeira que habita minha vida compartilhando meu cotidiano.

Elenita Pinheiro Queiroz Silva mulher forte, sotaque que te convida a delongadas conversas, professora que sempre me pôs a pensar, doutora por esforço e com isso me ensinou que a luta e a resistência precedem a existência do ser, minha orientadora. Esse predicativo vem por último porque nosso encontro aconteceu por um afetamento mútuo e impregnado por bem querer, gosto dela porque a admiro, a tenho como minha referência de vida, de profissional, de ser humano. Este estudo é o resultado de uma relação de confiança, de saberes, de inquietações, de desabafos, de angústias, de medo, de histórias, de compartilhamentos, de respeito, onde sua condução dosada em sensatez

e paciência me disseram “Vem por aqui” e és culpada por não mais “Ir por aí” e aceitar ou calar me diante às (des) humanidades produzidas por indivíduos medíocres e cruéis. Pelas estradas da vida certamente você é uma das pessoas com a qual tenho e sempre terei prazer em fazer parada, já que é morada certa em meu coração.

Juliana Bom-Tempo gratidão por ter conduzido o encontro mais pleno de minha vida – o despertar da minha essência. E por ser a imagem de pessoa que nunca canso em ver.

Ao grupo GPECS nas pessoas de Sandro Prado (com quem dividi tantas angústias e me afetou tantas vezes durante a escrita), Lauana Araújo, Bill Robson, Fátima Dezopa, Alinne Neves, Carolina Cintra, Gabriela Almeida Diniz (a quem sou grata por possibilitar a releitura de seu trabalho e com isso definir o meu rumo). À todos e todas professores/as que possibilitaram minha vivência no mestrado. À Universidade Federal de Uberlândia que na competência de quem a integra promove minha formação intelectual. Ao James Madson com sua presteza e afabilidade sempre colaborou para que os trâmites burocráticos fossem menos desgastantes. E aos/às demais pessoas que direta ou indiretamente dentro do espaço da academia possibilitaram minha caminhada.

À Leila Maria Saad Fernandes minha gratidão por ter zelo por mim e promover no espaço do meu trabalho a minha existência. Sem você certamente este resultado não seria alcançado. Gratidão pelas manhãs compartilhadas na sala dos/as professores/as, das idas e vindas e de vida estreitada: aqui reverencio todos e todas pela figura humana da caríssima colega/amiga/exemplo professora Nelma Góes Silva, minha gratidão. Aos/as meus/minhas alunos/alunas minha razão em acreditar na humanidade.

Àqueles que me motivaram a percorrer a mesma estrada, Piscilla Andrade (minha comadre), Pedro Parada Ferrari, Ludimila Lemes Moura, Nayara Araújo, Danielle Martins, Rogério Justino, sem a intimidade que nos cabe e os saborosos encontros que temos nada seria possível.

Ao aconchegante lar que sinto como meu e ao deleite que se prestam nossos domingos juntos, não suportaria sem vocês, tios Clebson e Maria Claudia. Matheus pela particularidade, Lucas pela forma como toca minha alma e Maynara pela existência que contemplo.

Nunca caminho sozinha, tenho amigos, tenho amigas, tenho gente sempre por perto, tenho loucuras, conselhos, risos, abraços, toque, devaneios, sonhos e por isso

compartilho vida com aqueles/as que dão sentido à minha vida, Amanda Dayrell, Leandro Fraga, Mariana Stutz, Leonardo César, Nádia Corsino, Cíntia Corsino, Renata Martins, Juliana Beatriz, Graziella Moura, Marcos Túlio, Rodrigo de Araújo, Lucas Reis. Vocês tornam leve o fardo que é pesado, me traduzem pelo olhar, me serenam a alma, certamente se não existissem inventaria cada um/uma porque o sentido das nossas relações é o próprio sentido de ser. Aos saborosos cafés e prosas recheadas por risos e incentivos Sônia Sartri e Salvador Ferrissi.

Enfim, agradeço a todos/as que de alguma forma promoveram a construção deste estudo, aos visitantes que se prestaram por alguma razão, aos que acreditaram, aos que confiaram e, sobretudo àqueles/as que sempre consideraram minha competência e apostaram nela. Gratidão.

Diante as incertezas da vida

Diante as inúmeras possibilidades de ser

O que mais é possível que eu nunca considere?

RESUMO

O presente estudo foi resultado de um trabalho desenvolvido no interior do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, na Linha de Pesquisa Educação em Ciências e Matemática. Propus como guias para orientar este estudo as seguintes questões: O que as imagens, dispostas em *blogs* de autoria de professores/as de Biologia, que também me olham querem que eu veja? Como essas imagens operam na produção de sexualidades, de corpos e de gêneros? O que elas carregam? Para tanto, defini como objetivo geral analisar imagens veiculadas em publicações relacionadas à sexualidade, corpo e gênero em *blogs* de professores/as de Ciências e Biologia e sua repercussão em páginas do *facebook* a eles relacionados e os objetivos específicos dizem respeito à investigação dos elementos constituintes das imagens divulgadas em publicações relacionadas à sexualidade, corpo e gênero pelos *blogs* e o esquadramento dos modos como as imagens selecionadas operam na produção de modelos de sexualidades, corpos e gêneros. A investigação tomou as mídias eletrônicas - *blogs* e páginas do *facebook* de professores/as de Ciências e Biologia - como campo de inquietação, observando a constituição e operacionalidade acerca do modo como a sexualidade é apresentada, observando seus enunciados e as imagens associadas à eles. Para fundamentar a investigação, foram utilizadas metodologias que dialogam com as imagens, Didi-Huberman, Jacques Rancière, Gilles Deleuze e discursos foucaultianos. A partir do levantamento nos *blogs* e páginas do *facebook*, analisou-se o discurso científico em diálogo com o discurso midiático, o discurso da produção imagética dentro do discurso de sexualidade, o discurso de normalidade e (a) normalidade e o discurso da ressonância sexo-gênero-sexualidade. O estudo permitiu lançar olhares às estratégias contemporâneas utilizadas para efetivar o dispositivo da sexualidade em espaços midiáticos como *blogs* e páginas do *facebook*, nas formas em ser/estar homens e mulheres, bem como à força disruptiva da imagem em produzir subjetividades.

Palavras-chave: Imagem – Corpo – Sexualidade - Educação

ABSTRACT

The present study was the result of a work developed within the Program of Post-Graduation in Education of the Federal University of Uberlândia - UFU, in the Line of Research Education in Sciences and Mathematics. I proposed as guides to guide this study the following questions: What images, arranged in blogs written by teachers of Biology, who also look at me want me to see? How do these images work in the production of sexualities, bodies and genres? What do they carry? For that, I defined as a general objective to analyze images published in publications related to sexuality, body and gender in blogs of teachers of Science and Biology and its repercussion on facebook pages related to them and the specific objectives relate to the investigation of the constituent elements Of images published in publications related to sexuality, body and gender by blogs and the scrutinizing of the ways in which the selected images operate in the production of models of sexualities, bodies and genres. The research has taken the electronic media - blogs and facebook pages of science and biology teachers - as a field of concern, observing the constitution and operability about how sexuality is presented, observing its statements and the images associated with them. In order to base the research, methodologies were used that dialogue with the images, Didi-Huberman, Jacques Rancière, Gilles Deleuze and Foucaultian discourses. From the survey on the blogs and facebook pages, we analyzed the scientific discourse in dialogue with the mediatic discourse, the discourse of imagery production within the discourse of sexuality, the discourse of normality and (a) normality and discourse of resonance sex -gender-sexuality. The study allowed us to look at the contemporary strategies used to implement the device of sexuality in media spaces such as blogs and facebook pages, in the ways in which men and women are, as well as the disruptive force of the image in producing subjectivities.

Key-words: Image – Body – Sexuality - Education

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGUR A 1:	Pintura presente na Capela Sistina, concebida por Michelangelo entre 1508-1512 17
FIGUR A 2:	Acervo pessoal da pesquisadora 29
FIGUR A 3:	Fernanda Lima última exibição de Amor & Sexo - 02/04/2016 34
FIGUR A 4:	Talk sex with Sue Hohanson 35
FIGUR A 5:	Gabi quase proibida 36
FIGUR A 6:	Existe “opção sexual”? A resposta da ciência é “NÃO” 61
FIGUR A 7:	Mulher engravida através de sexo anal e choca médicos. Veja como aconteceu! 63
FIGUR A 8:	Essa menina nasceu menino. Dannan Tyler é transexual e já tentou cortar o próprio pênis para “se livrar do problema” 65
FIGUR A 9:	Romeo Clarke, criança transexual da Grã-Bretanha 67
FIGUR A 10:	Os amantes da genética piram! Geneticistas criam machos a partir de cromossomos femininos 68
FIGUR A 11:	Instinto materno? Ciência garante que mulheres querem sexo 72
FIGUR A 12:	Vacina do HPV é liberada para meninos 74
FIGUR A 13:	Você já ouviu falar em transplante de pênis? 75
FIGUR	O pênis humano não tem osso, mas

A 14:	poderia ter	. 77
FIGUR	Sugestão de Plano de Aula –
A 15:	Reprodução Humana	. 79
FIGUR	Sexo, Gênero e Orientação Sexual
A 16:		. 80
FIGUR	Sistema de determinação do sexo:
A 17:	XY, X0 e ZW	. 83
FIGUR	Cigarro e Genética
A 18:		. 84
FIGUR	Fumar: Dano Genético Expresso
A 19:	Composição de imagens	. 85
FIGUR	
A 20:		. 91

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
FACED/UFU	Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PPGED/UFU	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

Capítulo 1 - Capítulo I - Imagem, corpo, sexualidade e gênero	29
1. 1 – Imagem, Corpo, Sexualidade e Gênero em pesquisas na área de educação ...	32
1. 2 – Imagens, Corpos e Discursos midiáticos.....	34
1. 3 – A propósito das imagens ou sobre como e a partir de quem a concebemos nesse estudo	43
1.4 – E qual o propósito das imagens? Uma rápida incursão em Jacques Rancière	53
Capítulo II – A produção da imagem nesse estudo	57
2. 1 – As imagens do <i>blog</i> Diário de Biologia	60
2. 2 – As imagens do <i>blog</i> Biologia Total	71
2. 3 – As imagens do <i>blog</i> Dicas de Biologia	79
2. 4 – As imagens do <i>blog</i> Eu Quero Biologia	81
2. 5 – As imagens do <i>blog</i> Tudo de Bio	83
Capítulo III – Afetamentos da pesquisa	87
3.1 – O encontro entre as imagens e a escola	88
3.2 – As imagens no <i>facebook</i>	98
3.3 – As imagens no <i>instagran</i>	101
Sobre “Ir por aí”	104
Sobre a imagem que abre o texto	109
Referências	111

Figura 1 – O pecado original e a expulsão do paraíso.



Fonte: <http://medicineisart.blogspot.com.br/2010/06/michelangelo-o-pecado-original-e.html>

SOBRE A MOTIVAÇÃO E OUTRAS COISAS DO ESTUDO

Cântico negro

"Vem por aqui" — dizem-me alguns com os olhos doces
 Estendendo-me os braços, e seguros
 De que seria bom que eu os ouvisse
 Quando me dizem: "vem por aqui!"
 Eu olho-os com olhos lassos,
 (Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)
 E cruzo os braços,
 E nunca vou por ali...
 A minha glória é esta:
 Criar desumanidades!
 Não acompanhar ninguém.
 — Que eu vivo com o mesmo sem-vontade
 Com que rasguei o ventre à minha mãe
 Não, não vou por aí! Só vou por onde
 Me levam meus próprios passos...
 Se ao que busco saber nenhum de vós responde
 Por que me repetis: "vem por aqui!"?

Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
 Redemoinhar aos ventos,
 Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
 A ir por aí...
 Se vim ao mundo, foi
 Só para desflorar florestas virgens,
 E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!
 O mais que faço não vale nada.

Como, pois, sereis vós
 Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem
 Para eu derrubar os meus obstáculos?...
 Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,
 E vós amais o que é fácil!
 Eu amo o Longe e a Miragem,
 Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! Tendes estradas,
 Tendes jardins, tendes canteiros,
 Tendes pátria, tendes tetos,
 E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...
 Eu tenho a minha Loucura!
 Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,
 E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...
 Deus e o Diabo é que me guiam mais ninguém!
 Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;
 Mas eu, que nunca principio nem acabo,
 Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Autoria: José Régio (1906)

Interpretação: Maria Bethânia - Álbum Tempo Tempo Tempo (2016)

Princípio¹ o texto com a poesia *Cântico negro* – interpretada por Maria Bethânia, no álbum intitulado *Tempo Tempo Tempo*, lançado no ano de 2016. Ao ouvi-la pela primeira vez entendi a que caminhos as escolhas que vinha fazendo estavam por me conduzir. Assim, ao me propor a pensar sobre os Corpos, os Gêneros e as Sexualidades, faço de mim alguém diferente do que era e ainda alguém distante do que poderei vir a ser. Não poderia mais “*ir por aí*” sem levar comigo possibilidades de estar no mundo, já não poderia mais “*ser*” e sim “*estar*”. Essa compreensão me envolveu em um cenário de possíveis caminhos que foram aguçando a minha capacidade de perceber o mundo e, sobretudo, as pessoas. Minha prática docente foi sendo movida pela prática da escuta e pela tentativa de pensar sobre os ensinamentos de Biologia e Pedagogia daqueles que diariamente me ensinam coisas por meio de suas histórias - meus/minhas alunos/as.

Hoje, percebo muitas mudanças que a arte da produção desse trabalho foi capaz de provocar em mim, entre elas, o entendimento dos processos educativos nos quais estou envolvida, o diálogo entre a academia e a comunidade, a responsabilidade com a formação de alunos/as, a inserção de discussões políticas no contexto escolar e em minhas aulas e, mais que isso, a possibilidade de desconstruir conceitos sobre as formas de viver as feminilidades e masculinidades que se arrastaram comigo por tanto tempo e perceber que elas estão articuladas a construções sociais e culturais mais amplas.

Meu interesse pelo Mestrado em Educação foi construído a partir das minhas experiências em salas de aula de Ciências desde a graduação – concluída em 2012 –, onde tive meu primeiro contato com a docência por meio da minha inserção e alcance de uma bolsa no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID – Biologia) no ano de 2010. Como bolsista do PIBID, entrei em contato com uma escola pública da educação básica, da periferia da cidade de Uberlândia-MG, e pude reconhecer o espaço da escola e seus/suas integrantes. Voltar à escola da educação

¹ O leitor irá perceber que ao longo da escrita as pessoas do discurso se misturam ora a primeira pessoa do singular, ora a terceira pessoa do plural, isso se deu por não conseguir delimitar o afastamento de tantas/os outros/as e especialmente minha orientadora e onde eu a faço solitariamente. Os movimentos de troca foram constantes, ainda que a reclusão se fizesse presente em grande parte da escrita, defino então que este texto foi um compilamento de ideias, encontros, mãos, afetos e, sobretudo empenho, verdade e estudo.

básica não mais como aluna e perceber as nuances daquele cotidiano me inquietaram e me lançaram a questionamentos sobre o trabalho docente e o ensino de Biologia. As curiosidades, as vivências e os questionamentos sobre esse campo me fizeram desejar estudar e, ao mesmo tempo, marcaram a minha vida.

No entanto, apesar da experiência com o PIBID, ao concluir a graduação não ingresso de imediato no exercício da docência. Em 2012, ingresso como estagiária em um laboratório de pesquisa em Hanseníase na cidade de Uberlândia-MG, que se constituía, naquele momento, para mim, um espaço promissor economicamente no exercício profissional – atuar na área de pesquisa em um campo específico da formação em Biologia. Olhando para aquele momento da minha vida percebo que, na verdade, eu agia reafirmando estereótipos e padrões hegemônicos de uma sociedade que desmerece a educação e tudo que com ela se relaciona.

Retomando o poema de José Régio, posso dizer, agora, que naquele momento ainda escutava quem me dizia “*vem por aqui*” e não conseguia (nem queria) olhar com “*olhos lassos*” para aquele convite e possibilidade. E eu ia por ali, por onde diziam que a “prosperidade” estava em seguir algum campo específico da pesquisa biológica e não o campo do ensino das Ciências e Biologia ou da educação – como se estes não fossem campos de atuação do/a biólogo/a. No entanto, a vida é marcada por acontecimentos e foi, em meio ao estágio no laboratório de Hanseníase que realizava, no ano de 2012, que fui indicada para lecionar Ciências nos anos finais do ensino fundamental em uma escola da rede privada na cidade de Araguari – MG.

Ao iniciar o trabalho como professora na escola citada, não me restou dúvidas de que a sala de aula seria meu laboratório e todo aquele ambiente me lançou outras experiências - desde o tipo de trabalho e de público até a estrada que passei também a experimentar todos os dias ao longo destes últimos 05 anos (2012 – 2017). A cidade de Araguari dista 40 km de Uberlândia, o que me faz acordar e sair na madrugada em direção ao meu local de trabalho. A viagem todos os dias é, de certo, muito cansativa, mas a experiência e o encontro com a sala de aula, os/as colegas que junto comigo também se deslocam de Uberlândia e os/as estudantes a torna muito enriquecedora. Compondo esse cenário, muitas histórias têm sido contadas e ouvidas diariamente, abraços afetuosos, amizades sinceras, conversas prazerosas, a nomeação “tia”

sacramentada por eles/as, me faz tecer este trabalho com gosto, amor e sufoco. Fazem-me reafirmar e tornar o enfrentamento pelo campo da educação possível.

O afeto pelo que faço e pelo campo da educação e as inquietações que me envolviam no espaço escolar, mobilizaram o meu desejo em busca pelo Curso de Especialização em Educação em Direitos Humanos, ofertado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) no ano de 2013. Cursei seus módulos que problematizavam o processo educacional e me fizeram refletir sobre a prática docente em aspectos nunca antes discutidos. O curso me possibilitou pensar nos preconceitos e estereótipos que circulam no espaço escolar. Em um dos módulos, ministrado pela Profa. Elenita Pinheiro, ela discorreu sobre seu grupo de estudos e pesquisas GPECS - Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Corpo e Sexualidade – e fez o convite para participarmos do mesmo. Interessei-me pelo grupo e dele passei a fazer parte.

Entrar em contato com os referenciais teóricos, as conversas, discussões, relatos de experiências e encontros no GPECS e/ou a partir dele me subsidiaram a escrever este texto, me conduzindo por um caminho delicado e possível, com muitos “poréns”, haja vista a existência de diversos anteparos ante a ressonância de um tema relevante, emergente e que diz sobre todos/as. Estar nesse caminho se tornou importante para a aproximação de ideias múltiplas de que ser homem ou ser mulher suscitam discussões para além da fisiologia, da anatomia humana ou da Biologia como única possibilidade. Tal aproximação requer que volte meu olhar para pessoas e modos de vida que clamam por suas possibilidades de existência, pelos seus corpos diversos marcados por lutas, quase sempre abafados por organizações político-partidárias manipuladoras, por políticas públicas ineficientes ou inoperantes quando essas próprias não representam entraves para a livre manifestação dos corpos e dos modos como estes se identificam ou são identificados.

Percebo que minha luta persistirá no ambiente escolar, afinal penso-o como espaço profícuo para provocar, refletir e possibilitar reflexões e incômodos nos comportamentos de tantos/tantas alunos/as – e outras pessoas - imersos em muitas experiências. Não tenho mais como me manter “a mesma” depois de conviver com tantas pessoas que me apontaram rumos outros antes não percebidos, em especial minha orientadora Elenita que, após participar de seu grupo de estudos e pesquisas, mostrou-

me que o caminho das construções de sujeitos e de conhecimentos só é possível quando feito de “mãos dadas”, partilhando assim as inquietações e lamentações e o espanto com as crueldades feitas pelo “ser humano” a outro ser humano.

Sob novas perspectivas, no Curso de Especialização que realizei, me lancei a desbravar um campo indubitavelmente relevante no ambiente da sala de aula, bem como no espaço da escola – a discussão dos direitos sexuais e reprodutivos de adolescentes. Sob a orientação da referida professora, elaborei e defendi meu Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização intitulado *Direitos sexuais e Direitos reprodutivos: a relação entre a vivência reprodutiva e o exercício da sexualidade*, a partir do qual elaborei o projeto de submissão ao processo seletivo de Mestrado em Educação na UFU, com ingresso no ano de 2015.

Coma participação no GPECS pude entrar em contato com as pesquisas que vinham sendo desenvolvidas no âmbito do mestrado e doutorado dos/as orientandos/as das pesquisadoras/os do grupo. As ponderações entre as discussões do grupo, as pesquisas realizadas ou em realização, as minhas inquietações de sala de aula e as intenções da Linha de Pesquisa à qual me vinculei me fizeram pensar junto com a minha orientadora a alteração do tema de investigação do projeto que submeti para ingresso no mestrado².

Para isso, aponto para a relevância, bem como a importância da releitura nossa do trabalho de dissertação da Gabriela Almeida Diniz (2015), intitulada *Sexualidade na internet: a publicação em blogs de professores/as de Ciências e Biologia*, que investigou *blogs* de professores/as de Ciências e Biologias e os discursos de sexualidade presentes em suas publicações, na composição do meu trabalho.

O caminho que faz Diniz (2015) chegar aos *blogs*³ inicia-se por meio da leitura e discussão de uma pesquisa, coordenada pela orientadora do nosso trabalho, que na época, versava sobre livros didáticos de Biologia. Na realização da pesquisa sobre os livros foi discutido e considerado o edital do PNLD-2015 que apresentavam recomendações sobre o uso de outras linguagens, como a da internet, das artes, entre

² O projeto que submeti ao processo seletivo do mestrado tinha como título seguinte: *Direitos sexuais e direitos Reprodutivos no ensino de Ciências*.

³ Os *blogs* surgiram na rede mundial de computadores em 1995 [...] quando os primeiros *blogs* foram disponibilizados na internet – com esse nome – eles eram uma ferramenta de comentários e dicas de sites desconhecidos, ou seja, funcionavam como publicação eletrônica e forma de expressão.

outras, nos livros didáticos. Na leitura dos livros aprovados pelo programa e distribuídos nas escolas pelo edital de 2015⁴, foi verificado que eles apresentam um conjunto de sugestões de materiais complementares para professores/a disponibilizados em ambientes virtuais. As sugestões dos materiais, segundo Diniz (2015), incluíram publicações disponíveis em *websites* vinculados ao portal do Ministério da Saúde do governo brasileiro, ao *Department of Health & Human Services* do governo norte-americano, a portais de universidades brasileiras, a páginas de revistas acadêmicas e não acadêmicas, a *websites* de associações médicas e em *blogs*.

Um dos livros didáticos analisados, de autoria de Silva Júnior, Sasson e Caldini Júnior (2012), conforme citado por Diniz (2015), ao abordar o tema sexualidade, indicava dois *links* de um *blog* – o “Simbiótica” -, de autoria de uma professora de Biologia portuguesa, fato que chamou a atenção da pesquisadora quanto à sua indicação para professores/as de Ciências e Biologia. A curiosidade pela indicação daquele *blog* leva-a a verificar se essa era uma ocorrência comum entre professores/as – produção desse tipo de mídia, uma vez que já estávamos vivendo a era das redes sociais, em particular, o *facebook*. Diniz passa então a realizar o levantamento por meio da ferramenta Google e, a junto à orientadora, localiza o portal do InfoEnem⁵, chegando a uma lista dos 10 melhores *blogs* de professores/as de Biologia no Brasil. A partir desta lista ela levanta 45 (quarenta e cinco) *blogs* e procede a seleção para a sua pesquisa fazendo uso de critérios - atualização, autoria e presença de publicações referentes a discussão de sexualidade nos *blogs* – que a permitiram eleger 07 (sete) *blogs* para a sua investigação. São eles: “Diário de Biologia”; “Biologia Total”; “Dicas de Ciências”; “Eu quero biologia”; “Tudo de Bio”; “Planeta Bio”; “Fabiano Biologia”.

No seu trabalho, a autora ao apresentar os discursos sobre sexualidade nas publicações aponta para um conjunto de imagens que permeiam e/ou acompanham as publicações, mas não fora seu objetivo realizar a análise das imagens, o que nos apontou para uma possibilidade de continuidade de seu estudo.

Desse modo, ao relermos e discutirmos a dissertação de Diniz (2015), eu e minha orientadora, nos deparamos com um conjunto de imagens fotográficas compondo as publicações eleitas na produção da sua pesquisa. Ela mostrou como os *blogs* –

⁴ Foi aprovadas um conjunto de 09 coleções de livros didáticos pelo PNLD – Biologia/20.

⁵ Disponível em URL: <http://www.infoenem.com.br/>. Acesso em: 23 jul 2016.

entendidos como locais de produção, veiculação de imagens, textos, gráficos, projetos, aulas de autoria própria ou não e discursos, entre eles, os de gênero, corpo e sexualidade e também como produção cultural – estão inter-relacionados com outras redes sociais como o *facebook*⁶, destacando o quanto as conexões com estas, possibilitam-nos a ampliação do acesso das suas publicações e imagens pelos/as internautas. Esta rede social apresenta ferramentas que permitem não apenas a postagem de comentários, mas de curtidas e compartilhamentos das publicações e das imagens a elas associadas pelas pessoas que as acessam. Favorece ainda que tenhamos a partir do perfil dos/as usuários/as, a possibilidade de saber de quem se trata.

Considerando as imagens presentes nos *blogs* investigados por Diniz (2015) e que vivemos em um tempo saturado pelas mesmas, elas passaram a nos interessar. Primeiro porque temos nelas uma possibilidade de pensar a produção das sexualidades no espaço da internet; segundo, porque temos a possibilidade de dar continuidade à discussões e estudos iniciados no GPECS e na Linha de Pesquisa de Educação em Ciências e Matemática do PPGED/UFU; e, em terceiro lugar, porque pensar as imagens, sua produção e uso em redes sociais e em *blogs* me permitem, como professora de Ciências e Biologia, problematizar o que elas permitem e desejam que sejam vistos em contextos de veiculação de ideias sobre o ensino e a aprendizagem dos corpos, gêneros e sexualidades em salas de aula de Ciências e Biologia .

Nesse tempo de busca ‘do que pesquisar’, na imersão no GPECS e na releitura do trabalho de Diniz (2015) fui sendo deslocada para as ‘imagens’, pelo olhar educado que temos diante daquilo que está à frente de nossos sentidos, de como perceber, como ‘encontrar’ com tantas imagens que atravessam nossas vidas cotidianas e, sobretudo o afetamento⁷ provocado por elas. Este estudo, portanto, buscou pensar a abordagem de corpo, sexualidade, gênero a partir das imagens veiculadas em *blogs* e páginas de *facebook* de professoras/es de Ciências e Biologia. Pensar nas imagens é pensar em discursos que operam comportamentos, desejos e manifestações dos corpos, como também pensar em discursos como sendo imagens que também apesentam tal função. Olhar para o que me olha, ler o que me olha e olhar para o que leio, são os movimentos

⁶ A rede social nominada *Facebook* foi criada no dia 4 de fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, alunos da Universidade de Harvard.

⁷ Ao longo do estudo utilizarei esse termo, baseada nas leituras de Gilles Deleuze (2013) para dizer dos atravessamentos provocados pelas imagens e as implicâncias disso em mim.

que esse estudo provocou em mim. Saliento que este estudo dista do trabalho de Diniz (2015), pois nele nos ativemos às imagens veiculadas nos mesmos *blogs* por ela investigado. Evidencio, portanto, que a pesquisa que realizamos amplia o estudo mencionado.

Este texto então é o resultado do meu trabalho de conclusão do curso de Mestrado em Educação na Linha de Pesquisa Educação em Ciências e Matemática, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Uberlândia. O que apresento para seu desenvolvimento está ligado às imagens veiculadas em *blogs* e páginas *facebook* de professores/as de Ciências e Biologia. Assim, propus os seguintes guias para orientar este trabalho: O que as imagens, dispostas em *blogs* de autoria de professores/as de Biologia, que também me olham querem que eu veja – o que elas selecionam? O que elas operam na produção de sexualidades, de corpos e de gêneros? O que elas produzem, o que gestam?

Em torno desses guias, perguntei pelas minhas intencionalidades e as defini da seguinte maneira: a mais geral, analisar imagens veiculadas em publicações relacionadas à sexualidade, corpo e gênero em *blogs* de professores/as de Ciências e Biologia e sua repercussão em páginas do *facebook* a eles relacionados; e as mais específicas, que dizem respeito à verificação dos elementos constituintes das imagens divulgadas em publicações relacionadas à sexualidade, corpo e gênero pelos *blogs* e o esquadramento dos modos como as imagens selecionadas operam na produção de modelos de sexualidades, corpos e gêneros.

A partir disso, a relevância deste trabalho se situa no fato de entendermos o quanto nossa relação com as imagens se estabelece em um campo de forças, seja no estético, seja no campo político. E essa relação se utiliza de estratégias para capturar e reconfigurar os sujeitos, codificar mensagens, ela propõe um processo de subjetivação, em que os sujeitos modificam as imagens, pois as imagens afetam os sujeitos e produzem ‘coisas’ e esses sujeitos produzem outras imagens.

Percebendo que esse campo de forças se estabelece na relação entre sujeito e imagem, há uma conexão de afetos, as imagens só são capazes de afetar os sujeitos, porque a relação entre eles é estabelecida, portanto é o espaço do ‘*entre*’ que provoca os sujeitos e cria um interstício o qual não se estabiliza, promovendo produção incessante.

Vivemos em uma era em que as pessoas, coisas, informações são vistas, percebidas e apreendidas por meio de imagens. As imagens produzem e propõem coisas, elas propõem um real, criam um real, da mesma forma em que percebemos o dizível, o visível também tem esse poder, um poder que é capaz de capturar os sujeitos antes que o discurso o faça.

Pensando nos processo de constituição dos sujeitos reconhecemos que muitos discursos são veiculados e disseminados por meio de piadas, brincadeiras racistas, misóginas e homofóbicas⁸. Muitas são também as imagens que codificam, comunicam essas práticas e modos de instituição dos sujeitos, haja vista a diversidade de imagens encontradas em materiais didáticos, nas diferentes mídias, textos e etc. Estas imagens também circulam e povoam as salas de aula e a escola. Os/as professores/as lidam com esses materiais em suas aulas, prova disso é a problemática situada em torno do uso de celulares e outras fontes de acesso à internet por parte dos alunos/alunas dentro do ambiente escolar.

Com isso há um direcionamento dos discursos que circulam com relação a tal tema, orientando as práticas com relação à sexualidade, seja nos modos de vivenciar a sexualidade, seja nos modos de concebê-la. É possível afirmar que hoje, essa incitação se dá também pelo excesso das imagens.

Entendendo a necessidade de voltar o olhar às imagens, dar a pensar sobre elas, reservado o poder que possuem em torno de questões relacionadas a gênero, aos corpos e às sexualidades, o texto que ora apresento está assim organizado: *Sobre a motivação e outras coisas do estudo*, aqui procuro narrar os caminhos, encontros e afetos que tive até chegar ao momento em que estou no âmbito da minha experiência acadêmica.

Imagem, corpo, sexualidade e gênero, o primeiro capítulo apresenta os discursos midiáticos provindos da produção imagética dos corpos; a abordagem metodológica que utilizo para embasar minhas análises; a pesquisa bibliográfica baseada nos trabalhos localizados no banco de dissertações da CAPES; meus afetamentos sobre imagens e busco apresentar meus referenciais, Georges Didi-Huberman, Gilles Deleuze, Jacques Rancière e Michel Foucault.

⁸ Misoginia e homofobia: práticas de aversão à mulher e à homossexuais, travestis, lésbicas, bissexuais e transexuais, respectivamente.

No segundo capítulo, *A produção das imagens no estudo*, aponta para as imagens presentes nos *blogs* e *facebook* sobre sexualidade, gênero e sexo, e em seguida comento sobre as construções dos discursos que operam nas manifestações dos corpos e sexualidades, modos normativos que conduzem os indivíduos a (re) afirmarem padrões de comportamento imperantes no coletivo social.

Afetamentos da pesquisa, terceiro capítulo, relato um exercício que realizei com as imagens em turmas de ensino fundamental onde atuo, em uma página do *facebook* que criei e adicionei pessoas do meu convívio e também em minha conta pessoal no *Instagram*. A intenção foi a de entrar em contato com os deslocamentos causados pelas imagens nestes grupos de pessoas. Esse movimento não estava previsto na realização da pesquisa, mas foi a partir dela que ele se constituiu.

As considerações finais (“Sobre ir por aí”) é a última parte do texto, onde aponto para os impactos que experimentei com este trabalho, retomo as questões iniciais do mesmo e apresento o que vi e as leituras que fiz das imagens. Destaco também a importância da produção de imagens nos contextos sociais e no cenário da educação, como lugar de informações e manifestação de discursos que por vezes segregam, discriminam e cerceiam corpos na manifestação de seus modos de existência, quer do ponto de vista do corpo quer da sexualidades e dos gêneros.

Meu estudo não tem pretensões de provocar mudanças no cenário culturalmente e socialmente vigente, no entanto, busca pensar que as imagens afetam (ou não) quem as olha de diversas formas e pensar que algo se passa ‘entre’ a imagem e quem a olha, possibilitado pelo encontro que dirá o que se vê o que se olha e o para onde se olha.

A motivação para este trabalho foi então a de criar “*desumanidades*”⁹ por meio da (*des*) leitura das imagens, dos modos considerados verdadeiros de sermos homens e mulheres, de viver as experiências das sexualidades e dos gêneros tendo como lugar para realizar o pensamento. É também desconfiar das certezas, dos caminhos únicos e válidos a que elas possam nos levar. Recorremos, mais uma vez a poesia escolhida no começo dessa escrita para dizer que

Prefiro escorregar nos becos lamacentos,

⁹ Ao utilizar o termo “desumanidades” retomo o poema de José Régio que inicio o estudo. Promovo ao longo do estudo e sempre que possível uma interlocução com o mesmo.

*Redemoinhar aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí...*

*Se vim ao mundo, foi
Só para desflorar florestas virgens,
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!
O mais que faço não vale nada.*

Nessa aventura do mestrado, amar *o Longe e a Miragem*, [...] *os abismos, as torrentes, os desertos* [...] tem sido a nossa grande motivação. E assim compus, nesse texto, um pedaço da minha história de professora, de pesquisadora, de luta e de vida. Sendo assim, que o deleite da leitura e o olhar daquele/a que lê possam ser promovidos por saborosos encontros com esse texto e suas imagens.

Capítulo I**IMAGEM, CORPO, SEXUALIDADE E GÊNERO**



Figura 2: acervo pessoal da pesquisadora.

Uma mulher. Um homem. Duas crianças. Uma família. Uma imagem.

Em meio à produção deste trabalho, quando me pus a pensar sobre “imagens”, o movimento que mais se fez profícuo em mim, foi o de imersão em minhas memórias. E isso foi também possível pelos registros fotográficos que possuía, portanto, pelas imagens que guardava.

Dentre os vários registros que detinha em meu acervo, a imagem da figura 02, foi a escolhida, pois atende a prerrogativa do ideal da família normativa: mulher, homem e filhos/as, me pondo a pensar ainda mais sobre as questões que concernem meu estudo.

Mais uma vez reitero a ideia de que estamos cercados/as por elas, em todos os espaços, virtuais, reais, cinematográficos, didáticos e percebendo como elas nos atravessam de formas plurais, sutis mantendo ou reforçando discursos, imperando formas de ser e estar no mundo.

É por meio de recortes que as imagens são concebidas. Elas são um recorte do real, elas não são inteiras, não registram a cena inteira, elas são a captura de um momento breve, marcados pela intencionalidade de quem o faz. Porém são ardilosas, não se resumem ao recorte, elas produzem, gestam coisas em quem as olha.

Outra característica intrínseca das imagens é a potência que elas carregam: é capaz de disparar outras imagens, pois é estabelecidas no plano sensível, um plano que se define na perspectiva do encontro e posterior afetamento provocado pela mesma. Sendo esse afetamento o disparador de outras imagens.

Só se pode dizer algo de uma imagem, ou “ler” uma imagem quando se encontra com ela e quando ela atinge o olhar de quem a procura. E, portanto o que define esse elaborado plano do encontro é o espaço concebido entre quem a olha e como ela nos olha, ou seja, no “entre”.

Há um articulado processo de agenciamento, de captura, promovido pelas imagens, já que estabelecem um vínculo entre o que se lê e o que se vê, entendendo essa leitura como os variados discursos que operam os sistemas sociais, políticos e econômicos.

E o que mais é possível considerar nas imagens? Elas podem não afetar quem a olha e, portanto, não produzir absolutamente nada, por isso diz-se do poder que elas carregam, elas existem por si só, não precedem a existência de outro ser, e por isso se abstêm da relação entre sujeito e objeto. Esse plano não é dialético, porque ele não foi codificado, só o será na medida em que os encontros se dão, independente da relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto.

O abster-se dessa relação - sujeito e objeto - ocorre porque nesse espaço do “entre” há diversas possibilidades de afetamentos. Indubitavelmente o olhar do sujeito também muda, os signos que a imagem lança também são capazes de mudar os sujeitos.

Assim a imagem que abre o capítulo é um exemplo do que foi dito, ao deparar-se com ela, e só o farão aqueles/as que tiverem acesso a esse texto, serão capturado/as por ela de formas diversas e sutis. Alguns/as podem olhá-la como uma singela fotografia composta por pessoas desconhecidas; outros/as podem ser afetados/as ao ponto de elaborarem outras imagens que dizem deles/as; e, outros/as ainda, podem vê-la como uma imagem ordinária, como tantas outras que os/as atravessam cotidianamente.

É fato que as intencionalidades que permeiam as imagens dizem do lugar que elas falam. A engrenagem que permite que o dizível cole no visível reproduz um discurso estabelecido no espaço do “entre”, que direciona e agencia o olhar da imagem, daí sua perspicácia na captura, como me dizem os/as autores/as que faço uso neste estudo.

O que eu quero dizer é que o modo como se olha para a imagem também produz-a. A da abertura deste capítulo, ao ser observada por alguém não implicado/a com as discussões de gênero, sexualidade e corpo podem não ver nela o padrão de normatividade que aponto. A colagem entre o dizível e o visível se estabelece com muita eficiência.

É salutar evidenciar que essa captura e ou agenciamento delegado pelas imagens pode ser quebrado, interrompido, ao impedir que o imperativo produzido por elas alcance êxito. Não orientar o olhar confirmando os discursos dominantes e normativos, é uma maneira de fazê-lo, isso porque há uma eficiente rede ou engrenagem que direciona o olhar, que faz com que vejamos o que se pretende mostrar ou apenas o que quer que seja visto.

O estudo segue seu itinerário assinalando para referenciais que ajudarão a compor a diligência proposta. A singela pretensão com ele é a de que os olhares se voltem para as imagens. Que os afetos desmontem as normatividades estabelecidas, entendendo para isso que as imagens portam um poder próprio, por operarem no campo do sensível.

Este capítulo segue agora com uma parte que aponta para informações acerca de pesquisas que levantamos em base de dados sobre a nossa temática, e, numa outra parte, situando ao/a leitor/a sobre os conceitos e referenciais que utilizamos em nossa

produção. Com isso, situamos ao/a nosso/a leitor/a dos movimentos teóricos e a localização de nosso estudo no campo da pesquisa em educação.

1.1 Imagem, corpo, gênero e sexualidade em pesquisas na área de Educação

Na tentativa de encontrarmos trabalhos que dialogassem com a abordagem ou se aproximassem da temática deste estudo, fizemos um levantamento das publicações apresentadas no Banco de Teses e Dissertações, um portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior – CAPES e dos trabalhos disponíveis no Grupo de Trabalho 23 – Gênero, Sexualidade e Educação (GT 23), da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). O levantamento dos trabalhos, no portal da CAPES, se concentrou nos anos de 2013 a 2016, sendo a busca concentrada no período de dezembro de 2016 a janeiro de 2017.

O procedimento de busca no portal da ANPED e em cada uma das 13 reuniões nacionais da ANPED, em seu GT 23, se deu por entendermos que este é um grupo de trabalho de maior referência para as pesquisas que envolvem gênero e sexualidade na área da educação, como defendem Cláudia Maria Ribeiro e Constantina Xavier Filha (2015). Assim, olhamos para as publicações datadas a partir de 2004, quando o GT ainda tinha a configuração de Grupo de Estudos (GE), e se instala como “[...] espaço legitimado no interior da mais importante associação brasileira de educação, para constituir uma rede que ampliasse as possibilidades para as visibilidades e para o fortalecimento do campo, marcando uma consolidação acadêmica e política” (RIBEIRO; XAVIER FILHA, 2015, p. 2).

Na busca dos trabalhos, selecionamos aqueles que tinham como tema central imagem, sexualidade, corpo e gênero. A abordagem da ‘imagem’ quando feita, de longe remetia-se ao nosso estudo, quando muito encontramos trabalhos que promoviam discussão com redes sociais e sexualidade, imagem na perspectiva dos corpos, porém nenhum trabalho que observasse a interface das imagens em *blogs* de professores/as de biologia com relação a construção de subjetividades relacionadas aos corpos, ao gênero e as sexualidades.

Assim nas publicações do GT-23 da ANPED encontramos um total de dez (10) trabalhos envolvendo de algum modo a relação com a nossa temática, entretanto, de

forma direta apenas um (1) deles dizia respeito à nossa temática - *As imagens e a educação generificada dos corpos*, de autoria de Maria Simone Vione Scwengber, 2013, onde a autora pergunta sobre como “uma campanha publicitária tematiza e/ou fortalece as formações corporais de feminilidade e de masculinidade” e sobre o que poderia a fazer. Ela conclui apresentando o movimento que associa as meninas/mulheres a questões relativas à aparência e os meninos são associados a virilidade, poder e a um ar moderno. A autora defende a importância de uma posição crítica da escola acerca dos percursos da educação e da generificação dos corpos. Destarte ela utiliza-se dentre outros referenciais, Foucault (2014), Louro (1997) que também são utilizados em nosso estudo.

Os demais trabalhos versam sobre relações de sexualidade e gênero estabelecidas em interações de mulheres educadoras com a imagem cinematográfica, de Vera Helena Ferraz de Siqueira (2004); a construção das identidades masculinas com a mediação das telenovelas e seus personagens, em Cláudia Regina Santos Ribeiro e Vera Helena Ferraz de Siqueira (2005); Os demais trabalhos versam sobre: relações de Sexualidade e gênero estabelecidas em jogos de videogame – Lara Croft - de Cláudio Lúcio Mendes (2005); a contribuição do cinema na constituição das identidades de gênero de mulheres idosas de Wânia Ribeiro Fernandes e Vera Helena Ferraz de Siqueira (2006); análise da boneca Barbie e dos mecanismos publicitários que conformam modelos de corpos, gênero e sexualidades para crianças, em Fernanda Theodoro Roveri (2007); análise das campanhas oficiais de prevenção ao HIV/AIDS (produzidas sob a coordenação do Ministério da Saúde), de Luís Henrique Sacchi dos Santos e Dora Lúcia C. L. Oliveira (2006); as relações de gênero, sexualidade, infância e o amor romântico no cinema, de Mariangela Rosa Pereira (2010); análise de entrevista de um cartunista e de suas experimentações no campo político e artístico e de sua transgeneridade, de Gabriela Garcia Sevilla (2015); análise de materiais presentes na internet, que discutem o *sexting* - compartilhamento de mensagens e imagens de conotação sexual, através das tecnologias digitais, de autoria de Suzana da Conceição de Barros; Paula Regina Costa Ribeiro e Raquel Pereira Quadrado (2015).

Na busca feita no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED), os trabalhos encontrados que dialogam com o ensino de ciências em articulação com corpo, gênero e sexualidade, a partir de 2012, estão vinculados ao Grupo de Estudo Gênero, Corpo, Sexualidade e Educação (GPECS), liderado pela

orientadora deste trabalho. Ao findar a busca concluímos o quão escassa é a discussão sobre imagem, corpo, gênero e sexualidade no campo da Educação em Ciências e mesmo no campo da área da educação. Desse modo, reiteramos que a partir do entendimento de que as imagens compõem o universo humano e de que estamos o tempo todo interagindo de alguma forma com elas, ressaltamos, mais uma vez, a relevância da construção desse estudo, e, passamos aos tópicos seguintes em que além de apontarmos para o quanto estamos envolvidos/as pelas e com as imagens, discorreremos sobre os nossos entendimentos em torno delas e das noções de corpo, sexualidade e gênero.

1.2 – Imagens, corpos e discursos midiáticos

Ao longo das últimas décadas do século XX e dos 17 anos do século XXI, sem dúvida, estamos vivendo em um mundo marcado por imagens sobre corpos, gêneros e sexualidades. Nestes últimos tempos, temos assistidos em canais de televisão aberta e fechados programas que tem como foco a abordagem do sexo e da sexualidade, dentre eles citamos, “Amor & Sexo”, que tem como apresentadora a modelo e atriz Fernanda Lima; o quadro com a sexóloga Laura Muller, do programa “Altas Horas”, apresentado por Serginho Groisman; e a série “Liberdade de Gênero”, dirigida e produzida pelo cineasta João Jardim. Os dois primeiros veiculados pela Rede Globo de Televisão, canal aberto, e o último pelo canal fechado GNT.

O programa Amor & Sexo, semanal, exibido em formato de temporada, foi ao ar em 29 de agosto de 2009 (1ª temporada) e encerrou sua programação (9ª temporada) no dia 02 de abril de 2016. Caracterizava-se como programa de auditório, com a direção de Ricardo Waddington e roteiro de Rafael Degraud. Os temas veiculados no programa relacionavam-se a práticas e comportamentos sexuais entre casais, majoritariamente, focando as experiências

Figura 3 - Fernanda Lima última exibição de Amor & Sexo - 02/04/2016



Fonte:

<http://gshow.globo.com/tv/noticia/2016/04/fernanda-lima-voa-e-usa-look-leve-e-chique-em-despedida-do-amor-sexo.html>.

Foto: Inácio Moraes Gshow.

heteronormativas, embora, o programa tenha tratado também de questões relativas às orientações sexuais e identidades de gêneros consideradas transgressoras – homossexualidade, transexualidade, etc. Nesse sentido, os/as convidados e plateia apresentavam-se dentro dessa multiplicidade de existências e vinculavam-se a campos artísticos, literários, da moda e pessoas de segmentos variados – estudantes, policiais, donas de casa, comerciários/as etc., de modo que havia uma interação entre plateia, convidados/as e apresentadora. O programa era embalado por uma banda de música e estruturado por um conjunto de quadros e reportagens com os seus temas-foco.

Figura 4 - Talk sex with Sue Johanson



Fonte: <http://gnt.globo.com/programas/falando-de-sexo-com-sue-johanson/ultimas.html>

No entanto, se recorrermos às memórias da TV brasileira, encontraremos entre os anos de 1980 a 1986, o programa TV Mulher, também exibido pela Rede Globo de Televisão. Esse programa apresentou temas de interesse das mulheres, hoje denominadas cisgêneras e nele havia apenas um quadro que se referia diretamente ao tema sexo. Outro canal de TV aberta, o SBT – Sistema Brasileiro de Televisão -, apresentou o programa Aprendendo Sobre Sexo em formato similar a um programa da TV americana, intitulado Talk Sex with Sue Johanson, de novembro de 2002, figura 3, contava com doses de humor, tal como o programa Amor & Sexo. Aprendendo Sobre sexo foi ao ar em 2006 e teve como apresentadora a psicóloga Carla Cecarello. Os formatos dos programas – da TVs brasileira e americana - apresentavam uma “pedagogização do sexo e da sexualidade” e, para tanto, faziam uso de recursos didáticos como escuta de perguntas dos/as telespectadores/as, dúvidas acerca do ato ou comportamento sexual e, de modo organizado, as apresentadoras procedem às respostas de modo a informar a “verdade do sexo” e das práticas e condutas sexuais permitidas.

O SBT, a partir de 26 de junho de 2013 passou a apresentar o programa *Gabi*

Figura 5- Gabi quase proibida



Fonte:

<http://www.sbt.com.br/gabiquaseproibida/programa/>

[quase] proibida, figura 4, tendo como apresentadora Marília Gabriela. Na *website* da emissora, localizamos a informação de que é um programa semanal que alia entretenimento e entrevistas com especialistas, artistas e convidados/as sobre temas como “[...] orientação sexual, pedofilia, transexualismo¹⁰(sic), saúde,

novidades e dicas para esquentar a relação a dois, entre outros assuntos relacionados à temática.” (SBT, 2016)¹¹. Há espaço de interação da apresentadora com os/as seus/as telespectadores/as por meio do *site* e da rede social *Twitter* do programa.

A função das apresentadoras, dos programas referidos, e de seus/as convidados/as, cada uma a seu modo, lhes confere autoridade para falar e apresentar as verdades sobre o sexo, o corpo, a sexualidade e o gênero. Este último é tratado a partir dos variados momentos em que homens, mulheres e pessoas do universo trans são interpeladas pelas brincadeiras, perguntas, respostas, entrevistas piadas e etc. – artifícios de funcionamento do tema nos programas.

Sem dúvida que as imagens das apresentadoras estão carregadas de variados sentidos que nos dizem sobre sexualidade, práticas, desejos, corpos, mulheres e as artes (e verdades) do (ou sobre o) sexo e a sexualidade. Tal fato nos coloca em diálogo com Rosa Maria Bueno Fischer (2006), quando ela afirma que

Assim, todas as “dicas” médicas e psicológicas ou até de ordem religiosa ou moral, comunicadas através de inúmeros especialistas de todos esses campos do conhecimento, a respeito daquilo que devemos fazer com nosso corpo e nossa sexualidade, ao se tomarem presentes no grande espaço da mídia, não só ampliam seu poder de alcance ao público como conferem à própria mídia, ao próprio meio um poder de verdade, de ciência, de seriedade. (FISCHER, 2006. p.50).

¹⁰ Expressão pejorativa cujo sufixo ismo, denota doença, patologia.

¹¹ O endereço eletrônico do programa é: <http://www.sbt.com.br/gabiquaseproibida/programa/>.

Os programas televisivos mencionados nos mostram como o campo da sexualidade e dos gêneros sempre esteve sob a mira da grande mídia, nos dando a ver que há discursos que circulam com relação à sexualidade, aos corpos e aos gêneros, e assim dizem tanto dos modos de vivê-los como também de concebê-los. Há, portanto, uma “multiplicação dos discursos sobre o sexo” como apontado por Michel Foucault. “[...] Incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sobre a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado”. (FOUCAULT, 2014, p. 20).

Pensar sobre a incitação de fazer e ouvir falar do sexo, bem como da multiplicação discursiva na contemporaneidade, não pode ser desatrelado do complexo sistema imagético que tem sido ligado ao tema da sexualidade, do corpo e do gênero. Ele desencadeia o que Louro (2013) aponta como uma possível “pedagogia da sexualidade” que legitima práticas, linguagens e modos de existir.

Para Fischer (2006),

A TV [...] opera como uma espécie de processador daquilo que ocorre no tecido social, de tal forma que “tudo” deve passar por ela, “tudo” deve ser narrado, mostrado, significado por ela. Não há dúvidas, por exemplo, de que a TV seria um lugar privilegiado de aprendizagens diversas; aprendemos com ela desde forma de olhar e tratar nosso próprio corpo até modos de estabelecer e de compreender diferenças de gênero (isto é, de como “são” ou “devem ser” homens e mulheres), diferenças políticas, econômicas, étnicas, sociais, geracionais. (FISCHER, 2006, p. 16).

Fischer, na citação acima, pontua para o modo como opera a TV, para o seu lugar de aprendizagens diversas, entre elas as de sexualidade, corpo e gênero, e diríamos também de ensinamentos. Não obstante, a autora no texto referido também mostra que as profundas alterações do que podemos compreender hoje pelas noções de *público* ou *privado* “igualmente têm um tipo de visibilidade especial no espaço da televisão, e da mídia de um modo em geral”. (FISCHER, 2006, p. 16).

Estou falando em modos de existência narrados através dos sons e imagens que, a meu ver, têm uma participação significativa na vida das pessoas, uma vez que de algum modo, pautam, orientam, interpelam o cotidiano de milhões de cidadãos brasileiros – ou seja, participam da produção de sua identidade individual e cultural e operam sobre a constituição de sua subjetividade. (FISCHER, 2006, p. 16).

Realizar a leitura das mídias, das imagens e sons por elas mobilizados, é, para Fischer (2006), um exercício complexo, pois nele se está, no mínimo, “[...] simultaneamente tratando de linguagem e de modos de produzir sujeitos na cultura; de uma estética específica e de projetos culturais, políticos e econômicos.” (p.16).

Partimos do pressuposto que levantar ou provocar discussões acerca dos gêneros e das sexualidades, das imagens e das mídias não contemplam aspectos apenas informacionais ou de conhecimentos sobre a organização dos corpos e de suas expressões, mas envolvem fatores éticos, estéticos e políticos diante à diversidade das possibilidades de viver e de ser. Pensar as imagens veiculadas nas publicações dos *blogs* e páginas de *facebook* a eles associados nos levam a pensar no “[...] que é imaginado quando o sexo é imaginado e o que é imaginado quando aquilo que é eufemisticamente chamado de “educação sexual” é imaginado”. (LOURO, 2013, p. 89).

Quando nos remetemos ao espaço da educação escolar, verificamos que em muitos textos e imagens da disciplina Biologia e aqueles discursos tomados por muitos/as professores/as de Ciências e Biologia, o sexo e a sexualidade são apresentados por uma linguagem didática, explicativa, dessexuada, deslocada do desejo e do erotismo; uma linguagem que se estrutura a partir dos domínios da moralidade e do repreensível. Ela também provoca o deslocamento de professores/as para ocuparem o lugar de quem não sabem responder questões sobre corpos e sexualidades colocadas por seus alunos/as. Aspectos como esses revelam, para nós, a importância e a emergência em se tratar das sexualidades, dos corpos e dos gêneros e de suas produções em imagens que circulam em *blogs* e redes sociais de autoria de professores/as da área de ensino citado, pois acreditamos que as imagens e as mídias, por onde elas são veiculadas e produzidas, são lugares de ensino e de aprendizagens e, conseqüentemente, de (des) normatização.

Ao falar sobre as discussões acerca da sexualidade é importante ressaltar que elas dizem de todas as práticas e linguagens que constituem os sujeitos a partir de seus corpos sexuados, pelos padrões produtores de modelos sociais, políticos, econômicos, disseminados e reforçados pelas instituições sociais, tais como a família, a religião, a mídia, a ciência, a escola que se tornam agências garantidoras da manutenção de tais padrões e das condutas dos indivíduos quanto ao seu sexo. É o que Foucault afirma (2013, p. 29): “Através da economia da população forma-se toda uma teia de

observações sobre o sexo. Surge a análise das condutas sexuais, de suas determinações e efeitos, nos limites entre o biológico e o econômico”.

Para Foucault (2013, p. 40), o sexo é apropriado como dispositivo de dominação com a “implantação perversa” confirmada nas condenações às irregularidades sexuais, na organização do controle pedagógico e tratamentos médicos, disseminando um ideal de sexo como reprodução, sendo, portanto, economicamente útil, permitido e politicamente conservador, moralizante, definidor de práticas sexuais e condutas humanas. Agora, por que tantas questões surgem em torno da sexualidade? Por que dar destaque a esse tema? Bem, as respostas não parecem óbvias, haja vista as dimensões que alcançam nos sujeitos e a conservação secular do encarceramento de seus corpos. Porém, as respostas para estas perguntas não podem ser deslocadas da forma como o corpo tem sido utilizado, para marcar as relações de poder sobre outros corpos, dos modos como são criados a gestão e produção das subjetividades, das práticas e dos prazeres por meio de múltiplos dispositivos disciplinares e de controle que incluem as produções imagéticas e midiáticas. Segundo Foucault (2013, p. 133):

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. (FOUCAULT, 2013, p. 133).

Nesse sentido, a sexualidade é um dos dispositivos, segundo o autor, capaz de criar permanentes domínios e maneiras de controle do corpo e do sexo. Ele parte do vínculo entre os parceiros com *status* definido, às sensações e qualidades do prazer, ou seja, o critério de escolha para se exercitar o sexo obedecendo a padrões preestabelecidos pelo dispositivo. Sob esse imperativo, a primeira exigência é a da heterossexualidade como modelo de sexualidade a ser seguida e normatizada. Outra imposição do dispositivo estaria na produção de padrões que atendam às exigências de uma estética corporal que visa legitimar e fazer funcionar uma política do corpo.

De acordo com Edgard Castro (2009), Foucault ao discutir o dispositivo da sexualidade afirma que é ele que, em suas diferentes estratégias, instala uma ideia de sexo e esta desempenhou quatro funções nesse dispositivo:

Permitiu agrupar em uma unidade fictícia elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações, prazeres [...] Em segundo lugar, [...] serviu para marcar a superfície de contato entre o saber da sexualidade e as ciências biológicas; desse modo, o saber da sexualidade recebeu, por vizinhança, a garantia de um saber biológico e fisiológico como princípio para estabelecer a sexualidade normal. [...] Em terceiro lugar, permitiu inverter a representação das relações de poder com a sexualidade. Com efeito, pensou-se essa relação em termos de repressão, de lei, de proibição; deste modo, sua dinâmica produtiva ficou mascarada. [...] Em quarto lugar, o sexo foi o ponto imaginário e fixo pelo qual há que se passar para alcançar a própria inteligibilidade. (CASTRO, 2009, p. 402).

Desse modo, a instauração da ideia do dispositivo da sexualidade está intimamente vinculada ao modo como foi inventado a noção de sexo. Para Foucault (2013, p.92)

o poder sobre o sexo se exerceria do mesmo modo em todos os níveis. De alto a baixo, tanto em suas decisões globais como em suas intervenções capilares, não importando os aparelhos ou instituições em que se apoie, agiria de maneira uniforme e maciça; funcionaria de acordo com as engrenagens simples e infinitamente reproduzidas da lei, da interdição e da censura: do Estado e à família, do príncipe ao pai, do tribunal à quinquilharia das punições cotidianas, das instâncias da dominação social às estruturas constitutivas de próprio sujeito, encontrar-se-ia, em escalas diferentes apenas, uma forma geral de poder.

Assim, a construção do entendimento das ideias de sexo, do mesmo modo que a ideia da sexualidade, não pode prescindir da sua dimensão histórica e política. Pois elas nos permitem problematizar e compreender sobre os modos como a noção de sexo foi remetida à dimensão biológica que terminaram por contribuir com o modo binário como foram e são produzidos os sujeitos.

A sexualidade, afirma Foucault, é um “dispositivo histórico” (1998). O que quer dizer que, a sexualidade é uma invenção social, já que se constitui historicamente, a partir de diversos discursos sobre o sexo, discursos esses que buscam por regular e normatizar os corpos e as relações, instaurando saberes que produzem “verdades” (FOUCAULT, 2014 p, 77).

O discurso sobre a sexualidade na sociedade ocidental, portanto, não tratará propriamente dela, mas também dos modos como as diversas instituições sociais se apropriam como modo de normatizar, controlar e estabelecer verdades sobre o sujeito, sobre seu corpo, seus desejos e seus prazeres.

Do singular imperativo, que impõe a cada um fazer de sua sexualidade um discurso permanente, aos múltiplos mecanismos que, na ordem da economia, da pedagogia, da medicina e da justiça incitam, extraem, organizam e institucionalizam o discurso do sexo, foi imensa a prolixidade que nossa civilização exigiu e organizou. (FOUCAULT, 2014, p. 37)

Esses discursos alcançando cada vez mais os sujeitos integram um complexo mecanismo de controle sobre os mesmos, pois não utilizam para tal a negação ou a proibição, mas a produção do conhecimento, a ciência por meio das instituições cria as nuances e as verdades sobre o corpo, a sexualidade e o sexo. (FOUCAULT, 20014)

Essa complexa rede de mecanismos específicos de saber e poder que permeiam o sexo produziram discursos normativos sobre a sexualidade das crianças, das mulheres, dos casais e delimitam o que é permitido interrogam o sujeito a partir de suas práticas, fazem-no confessá-las e, assim o classificam dentro de padrões de normalidade ou anormalidade. Desse modo, a ciência cria a ideia do “sexo verdadeiro”, da sexualidade e dos corpos normais. (FOUCAULT, 2014).

No diálogo com Foucault, Judith Butler (2015)¹² afirma que não existe um sexo verdadeiro. Contrapondo-se a determinação sexo/gênero e a ideia do sexo como natureza, ela afirma que não há garantias de que homens se estabeleçam unicamente em corpos biologicamente determinados como masculinos e que mulheres se enquadrem apenas em corpos femininos. Desse modo, Butler questiona e coloca em xeque o conceito de gênero apresentado pela teoria feminista que se pautou muito fortemente na ideia de que o gênero seria uma construção social e relacional. Para a autora, a noção de gênero não conseguia romper com a divisão sexo/gênero e esta estava na base da teoria feminista, de modo que havia (e ainda há) a defesa de que o sexo é natural e o sexo é socialmente construído. A partir desse pressuposto, a filosofia questiona a ideia do conceito mulher como sujeito do feminismo e questiona as proposições feministas postuladas até meados da década de 1980.

Em seu trabalho, Judith Butler (2015) formula uma crítica e faz pensar a identidade ‘mulheres’ afirmando, em sua obra, a inexistência desse sujeito que o feminismo desejava representar. Ela faz a crítica, sobretudo, a uma noção estável de mulheres. A filósofa questiona o modelo binário, coloca sob suspeita a linearidade sexo/gênero; problematiza a associação da noção de feminino com fragilidade,

¹² A obra original de Judith Butler – *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity* – foi publicada nos Estados Unidos em 1990. No Brasil, foi traduzida com o título *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, e, lemos a 8a. edição, datada de 2015.

submissão, e como possibilidade de justificativa de preconceitos e discriminações; chama a atenção para o fato de que o feminismo não chama a atenção para a relação gênero e desejo e indica que o sexo é discursivo e cultural como é o gênero. Ela argumenta, nesse sentido, que "[...] a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma." (p. 25), que aceitar o sexo como natural e o gênero construído e determinado culturalmente, significa manter a ideia de que o gênero expressa uma essência do sujeito.

Ao questionar a noção de gênero empreendida pela(s) teoria(s) feminista(s), Butler propõe a ideia do gênero como *efeito*, o que a permite afirmar que a identidade do sujeito é uma expressão, e não um *sentido em si*. Ela dialoga com Jacques Derrida na sua formulação da desconstrução e da diferença e afirma a identidade como efeito em um jogo de referências, em um regime de diferenças.

Butler (2015, p. 50) assim defende:

A desconstrução da identidade não é a desconstrução da política; ao invés disso, ela estabelece como políticos os próprios termos pelos quais a identidade é articulada. Esse tipo de crítica põe em questão a estrutura *fundante* em que o feminismo, como política de identidade, vem-se articulando. O paradoxo interno desse fundacionismo é que ele presume, fixa e restringe os próprios sujeitos que espera representar e libertar.

O raciocínio de Butler (2015, p. 69) permite refletir sobre a produção da matriz heterossexual - coerência da sequência sexo-gênero-sexualidade -, a heterossexualidade compulsória, o apagamento dos gêneros dissidentes, a compreensão de que “[...] certas configurações culturais do gênero assumem o lugar do “real” e consolidam e incrementam a sua hegemonia por meio de uma autonaturalização apta e bem-sucedida”, e a noção de corpo como

[...] conjunto de fronteiras, individuais e sociais, politicamente significadas e mantidas [...] e o sexo como uma significação *performativamente* ordenada (e portanto não “é” pura e simplesmente), uma significação que liberta, da interioridade e da superfície naturalizadas, pode ocasionar a proliferação periodística e os jogos dos significados dos gêneros. (BUTLER, 2015, 70)

Desse modo, olhar para as imagens veiculadas nas publicações dos *blogs*, que também nos olha, é buscar pelos modos como elas operam com as noções de corpo, sexo, sexualidade e gênero. É também perguntar pelos corpos, sexualidades, sexo e

gênero que elas se comprometem, que ordem sexual e as relações entre os sexos e as próprias sexualidades elas ajudam a determinar.

1.3 A propósito das imagens ou sobre como e a partir de quem a concebemos nesse estudo

Entendendo que a imagem é um recorte do que se pretende mostrar e que ela não representa o real, mas é uma possível criação do real, buscamos por autores/as, tais como Didi-Huberman (2010), Fisher (2006), Juliana Bom-Tempo (2015a), que pudessem sustentar a ideia de que a imagem chega primeiro aos olhos de quem a vê, ou seja, o/a leitor/a é capturado por ela; a imagem é uma estratégia micropolítica de dominação, pois nela pode estar configurado um discurso que mantém e reafirma a ordem capitalista da heteronormatividade, do consumo e da produção de subjetividades.

A imagem produz uma ambiguidade, ela reforça um discurso dominante e por isso assume uma posição de clichê¹³, já que está sempre organizando e induzindo encadeamentos para nos fazer acreditar que o que vemos está inscrito restritamente no que olhamos, enquanto, na verdade, nunca percebemos tudo que há na imagem. As imagens não estão dispostas a representarem a realidade, mas estão inseridas em um campo de forças que criam processos de individuações e corpos utópicos¹⁴ (DELEUZE, 2010). Para Deleuze (2013) as situações rotineiras e mesmo aquelas que não são, como a morte, o matrimônio, as viagens, os acidentes que inesperadamente ceifam a vida de pessoas ou a iminência deste, não são marcadas por algo peculiar ou inusitado. De uma forma ou outra, os sujeitos são afetados por emoções/sensações que circunscrevem estes acontecimentos, sendo, portanto, criado pelos sujeitos, instrumentos que os fazem suportarem, comportarem-se diante deles, aprovando ou desaprovando, a partir de suas capacidades e de como foram afetados por esses acontecimentos, isso é o que Deleuze irá chamar de esquemas sensório-motores.

¹³ Clichê é uma expressão idiomática que por ser muito utilizada, se torna previsível, causa um efeito esperado ou repetitivo. O clichê é a colagem estabelecida entre a imagem e o dizível, passando a uma imagem clichê, um acoplamento da imagem com o discurso.

¹⁴ A noção de corpo utópico é trabalhada por Michel Foucault (2013, p. 7) no livro *Corpo utópico*, as *Heterotopias*. A partir de Proust, o filósofo francês afirma: “Meu corpo é o contrário de uma utopia, é o que jamais se encontra sob outro céu, lugar absoluto, pequeno fragmento de espaço com o qual no sentido estrito, faço corpo. [...] Meu corpo topia implacável.”. A utopia, para Foucault, “é um lugar fora de todos os lugares, mas um lugar onde eu teria um corpo sem corpo, um corpo que seria belo, límpido, transparente, luminoso, veloz, colossal na sua potência, infinito na sua duração, solto, invisível, protegido, sempre transfigurado”. (FOUCAULT, 2013, p.8).

Os esquemas sensório-motores, em Deleuze (2013), é o que nos faz reconhecer algo e imprimirmos emoção sobre o mesmo, prevenir quando nos parece desagradável, nos estarrecermos diante do horrível, nos admirarmos frente ao belo; eles se compõem de uma particularidade de sentimentos.

Propomos neste estudo pensar as imagens dos *blogs* que selecionamos, à esquemas sensório-motores, pois, tenham elas o recorte que tiverem, todas se estabelecem como um contorno do real, compostas por cores, pessoas, coisas, elementos da natureza, e, portanto, dizem de um lugar que suscita um discurso, promove o aparecimento do mesmo, sendo que este discurso que surge é instaurado por aquele que faz o recorte, a imagem seria então a inspiração para o discurso.

As imagens possuem uma função social, econômica e, sobretudo política, basta observarmos o quanto somos cotidianamente alvos delas, nossas vidas, nosso trabalho, espaços como as escolas, hospitais, igrejas, cemitérios, as ruas, a decoração de nossas casas, de nossos quartos, todos carregam imagens que contam de nós ou nos contam coisas dos outros. Nesse sentido, o discurso que é por vezes, criado pelas construções imagéticas, apresenta um propósito, uma intencionalidade, conduz o sujeito ao lugar que deseja.

Esse discurso que cola na imagem Deleuze chama de clichê. Para ele o clichê conduz o sujeito a perceber a imagem, o clichê seduz, incita quem a olha, acopla o discurso à imagem, assim modos operantes de ser, de sexualidade, de ter, de pensar, passam por essa engrenagem que se estabelece entre o dizível e o visível.

Deleuze (2013) nos convida a seguinte análise:

Notemos a este respeito que mesmo as metáforas são esquivas sensório-motoras, e nos inspiram algo a dizer quando já não se sabe o que fazer: são esquemas particulares, de natureza afetiva. Ora, é isso um clichê. Um clichê é uma imagem sensório-motora da coisa. Como diz Bergson, nós não percebemos a coisa ou a imagem inteira, percebemos sempre menos, percebemos apenas o que estamos interessados em perceber, ou melhor, o que temos interesse em perceber, devido a nossos interesses econômicos, nossas crenças ideológicas, nossas exigências psicológicas. Portanto, comumente, percebemos apenas clichês. (DELEUZE, 2013, p. 31).

Como dito em outros momentos deste estudo, as imagens podem conduzir os sujeitos à um lugar estabelecido pelo discurso, ou a lugares não planejados, que podem

não dizer nada ou ainda a outras produções imagéticas geradas pelos próprios sujeitos, distantes porém, da intenção do clichê. Sendo assim é possível quebrar, interromper, bloquear os esquemas sensório-motores propostos por Deleuze (2013), e quando isso acontece a imagem se mostra incorruptível, evidenciando suas características mais plenas, expondo o em ‘si’ dela mesma. Deleuze (2013) nos esclarece que

Mas, se nossos esquemas sensório-motores se bloqueiam ou quebram, então pode aparecer outro tipo de imagem: uma imagem ótico-sonora pura, a imagem inteira e sem metáfora, que faz surgir a coisa em si mesma, literalmente, em seu excesso de horror ou de beleza, em seu caráter radical ou injustificável, pois ela não tem mais de ser “justificada”, como bem ou como mal... (DELEUZE, 2013, p. 31).

A relação criada entre as imagens só faz reforçar os clichês. Tomemos como exemplo a moda, notemos que as roupas, os estilos, as cores, as combinações, as e os modelos que desfilam marcas caras e famosas marcam sempre um único tipo de beleza, aquela onde cabem apenas corpos esguios, em sua massacrante maioria, pele branca, olhos claros, cabelos lisos e dizem mais que isso, os produtos comercializados por estas indústrias da moda nos contam quem pode tê-los, já que possuem um alto valor agregado.

A forma operante de agir sobre a estética dos corpos, é algo que se reproduz em praticamente toda a indústria da moda, revelando comportamentos, estabelecendo padrões e estilos próprios para determinados lugares, épocas, estações, idade. Notamos isso desde a organização das vitrines das lojas em shoppings até a disposição das peças no interior das lojas, que estabelecem setores para os públicos masculino, feminino, infantil, enquadrando no binarismo o que homens e mulheres vestem. Esse seria um mecanismo de manutenção dos clichês.

Outra forma operante e bastante eficiente de manutenção dos clichês são as redes sociais nas quais as informações devem ser rápidas, breves e em muitas vezes as legendas não condizem com a imagem ‘postada’. As imagens nos atravessam e criam coisas em nossos seres. Vivemos em uma época em que as imagens são mantenedoras dos clichês, haja vista, que nos cerca um cenário tecnológico que exige de nós rapidez, precisão, estar conectado não é mais a única regra, mas divulgar imagens da roupa, da comida, das companhias, do lugar, do bem adquirido, do bem violado, do que se almeja enfim, tornar público o privado e lutar para tornar privado o público.

Para que a imagem consiga quebrar e interromper os encadeamentos sensório-motores, é necessário exaurir a imagem, esvaziar lá, crer em outras possibilidades antes não consideradas. Deleuze (2013) nos afirma que

Às vezes é preciso restaurar as partes perdidas, encontrar tudo o que não se vê na imagem, tudo o que foi subtraído dela para torná-la “interessante”. Mas às vezes, ao contrário, é preciso fazer buracos, introduzir vazios e espaços em branco, refazer a imagem, suprimir dela muitas coisas que foram acrescentadas para nos fazer crer que víamos tudo. É preciso dividir ou esvaziar para encontrar o inteiro. (DELEUZE, 2013, p. 32).

Com isso identificamos como componentes da imagem: o enquadramento, que é o recorte, o quadro que compõem a imagem, a decupagem que se define como sendo a organização dos elementos nesse quadro ou o recorte e a montagem, que é entendida como a aproximação de fragmentos da imagem articulados entre si e entre os planos, entendendo planos como sendo imagens.

Sobre a montagem podemos pensar no cinema, utilizado por Deleuze para pensar a questão do tempo-imagem e, portanto o que há na criação de um filme é a montagem dos planos, ou seja, planos ou imagens que podem durar tanto mais ou tanto menos, um corte de uma imagem para outra, uma tela negra em meio às imagens, enfim isso seria as articulações possíveis entre os planos, entre as imagens.

Para tanto podemos fazer um contraponto com a linguagem, para Deleuze ela funciona como um tipo de fixação, organização dos signos, e os signos reforçam a normatização, o que o autor pretende é mobilizar esses signos para que eles entrem em variação, ou seja, existe uma política da linguagem de estabilizar o signo, fixar o signo em um único significado e direcionar o pensamento a partir dos signos fixados, isso é a linguagem, isso funciona como normatização.

A proposta dele então é resistir, produzir outros sentidos. A linguagem funciona, portanto como um clichê, assim pontua Deleuze (2013)

Substituindo a imagem por um enunciado, ele pode e deve aplicar-lhe certas determinações que não pertencem exclusivamente à língua, mas condicionam os enunciados de uma linguagem, ainda que essa linguagem não seja verbal e opere independentemente de uma língua. (DELEUZE, 2013, p. 37).

Há na imagem um poder de agenciamento que produz um campo de forças, capturando os indivíduos e os levando a produzir outras imagens no pensamento, imperando e sendo organizadas em contextos de imagens dominantes próprios de uma política de dominação que prevê a ordem, a estabilidade e a normatividade dos mundos ou não. Há as utopias que avivam ou apagam os corpos.

Desse modo, defendemos que a imagem se ocupa de si mesma, ou seja, ela tem vida própria, carrega uma potência capaz de criar algo a partir de processos de individuação que, ao se constituírem, são capazes de recriarem o meio em que isso se processa. Por isso, diz-se de uma ‘ecologia das imagens’ - conceito utilizado por Bom-Tempo (2015a)- que são capazes de criarem múltiplas topologias, lugares possíveis e múltiplos que uma mesma imagem pode conduzir quem a vê. Sendo assim, uma mesma imagem pode ser interpretada por diferentes sujeitos ou significar coisas diferentes à eles, depende de quem a olha, como a olha e como essa imagem afeta quem a vê.

Este afeto nos leva a construção de outras imagens mentais, ela comunica com quem a vê, transmite mensagens, diz mais do que as palavras que a compõem, afinal a linguagem não é o único sistema de signos utilizado pelos/as homens/mulheres em sua comunicação. Neste sentido, uma imagem é capaz de criar novos espaços imagéticos em um processo de individuação de imagens.

Juliana Bom-Tempo (2015b) nos ajuda a pensar que as heterotopias ou os lugares ocupados pelas imagens aniquilam a linguagem, porque não permitem sua classificação, sua nomeação, existem por si só, por uma perspectiva analógica.

A imagem não é mais considerada representação da realidade vista por uma consciência, mas sim um efeito material em uma imagem-movimento, um efeito que não se restringe à visão, mas que é polissensorial, engendrando uma construção territorial, espaço-temporal que intervém nos territórios já erigidos pela cultura, imagem em buscas por construir um terreno. (BOM-TEMPO, 2015b, p. 9).

Para a autora, a imagem operaria em um campo de forças no plano da subjetividade. Ela “captura os sujeitos para além de suas consciências, para além de seus sentidos, ela não é exclusividade do visível”. As imagens constroem outro lugar, ocupam um outro espaço, “[...] uma heterotopia distante dos *topos* já elegidos”. (BOM-TEMPO, 2015b, p. 8).

Na concepção de Didi-Huberman (2010), há um “entre” a imagem e quem a vê, de um lado o olhar a imagem e de outro o olhar que a imagem retorna. Este espaço proposto pelo autor se assemelha aos afetos de Deleuze (2013) que só serão construídos

e/ou experimentados na medida em que os encontros acontecem, não sendo possível prevê-los ou premeditá-los. O espaço ocupado pelo “entre” da imagem inquieta o olhar e cria espaçamentos construídos por distâncias contrárias, próprias de uma dialética ocupada entre o visível e o imagético.

O pensamento é um espaço de construção e montagem de formas plurais, é o lugar que dá legitimação à subjetividade; é a imaginação que autoriza a construção do discurso e permite que esse alcance outros espaços, ultrapassando o “entre” ocupado por ela e atingindo quem a olha. A ação da imagem é, ao mesmo tempo, provocativa e inquietante, sendo que quem a olha pode ser capturado pela mensagem que a ela foi colado, completando a engrenagem da máquina que atravessa os sujeitos e cria estereótipos, confirma lugares, define desejos e constrói os corpos; ou poderá escapar dessa captura, revelando sua intencionalidade e sendo, portanto capaz de romper com o mecanismo eficiente e operante que age sobre os indivíduos o tempo todo por meio das imagens. (BOM-TEMPO, 2015a).

Para Didi-Huberman (2010), as imagens causam inquietação em quem a vê e a ação de ver possibilita criar uma lacuna entre quem a olha e o que é visto. Diante desta incontestável construção, o autor sugere que quem vê a imagem poderá ver sempre algo a mais do que se vê ou nada além do que é visto, para ele esta escolha dirá do sujeito da tautologia, ou seja, este sujeito não pretende ver nada além da imagem, nada além do que é visto. Para Didi-Huberman não se trata de uma questão de escolha, mas refere-se a uma inquietação com o “entre”.

As imagens convencem os sujeitos a inclinarem a ela, pois para “ver” a imagem basta “olhá-la”, o texto é uma consequência da imagem, só vai até ele se a imagem convencer a isso. A imagem é um recorte daquilo que se quer apresentar, um enquadramento, ela ocupa um lugar próprio. Aquele que olha a imagem cria um espaço do “entre”, próprio de quem olha para um espaço paradoxal, que de acordo com Didi-Huberman (2013, p. 29) “o que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha. Inelutável, porém é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha”.

Com isso, o filósofo destaca o inelutável e paradoxal campo do visível, no qual a imagem não se ocupa unicamente no ato de ver as evidências visíveis, como a ação de uma máquina que percebe o real, mas o dar a ver é sempre o inquietar ao que se vê, em seu próprio ato, no próprio sujeito. Então, ver é sempre uma operação do sujeito

estabelecida em um intervalo que inquieta, agita, repleta de possíveis entre aquele que olha e aquilo que é olhado.

Este autor trabalha com a perspectiva objeto e sujeito e nos ajuda a pensar no processo de elaboração das imagens. Segundo ele frente ao objeto, o sujeito olha e é olhado, expõe-se e é exposto. O objeto não se apresenta como uma produção estanque do que aparentemente se revela, mas sim como uma entidade possível na qual se rompem aberturas improváveis por onde se precipita o olhar em desassossego.

O que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha. Inelutável, porém é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha. Seria preciso assim partir de novo desse paradoxo em que o ato de ver só se manifesta ao abrir-se em dois. (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 29).

Ao admitir que aquilo que vemos nos olha, o autor não pretende conferir ao objeto propriedades antropomórficas, mas orientar a sua reflexão para algo instintivo, simbólico do ato de ver, isso porque nessa abordagem sujeito/objeto ou objeto/sujeito há a impossibilidade de um olho sem sujeito. Diante do fato do olho trazer consigo um revestimento, permite que o que olha abra uma brecha naquilo que vê. Assim temos que

O ato de ver não é o ato de uma máquina de perceber o real enquanto composto de evidências tautológicas. O ato de dar a ver não é o ato de dar evidências visíveis a pares de olhos que se apoderam unilateralmente do “dom visual” para se satisfazer unilateralmente com ele. Dar a ver é sempre inquietar o ver, em seu ato, em seu sujeito. Ver é sempre uma operação de sujeito, portanto uma operação fendida, inquieta, agitada, aberta. Entre aquele que olha e aquilo que é olhado. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 77).

O visível se alinha ao dizível em uma relação de incompletude do discurso e do sujeito, possibilitando assim a atribuição de sentidos. Ao pensar a imagem na relação com a exterioridade, estamos buscando por uma concepção do discurso em abertura com o simbólico, constituído em uma trama formada por um processo cultural, histórico e político de produção.

Sobre isso Didi-Huberman (2012) esclarece

Ora, é preciso fazer com a imagem, de um modo teoricamente rigoroso, o que fazemos já, sem dúvida com mais facilidade (ajudou-nos Foucault), com a linguagem. Pois em cada produção testemunhal, em cada acto de memória, ambos – linguagem e imagem – são absolutamente solidários, não cessando de compensar as suas respectivas lacunas: uma imagem surge amiúde no momento em que a palavra parece falhar, uma palavra surge frequentemente quando é a imaginação que parece falhar. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 43).

Para o autor supracitado, a imagem é capaz de conectar o materialismo histórico à fenomenologia do ver, por meio de eficaz conexão entre a dimensão histórico-crítica que age como uma colagem de saberes que emerge no presente, e a dialética do ver que se faz no espaço imaginativo, denominada por este autor de imagem crítica. A imagem dialética pode ser compreendida como um ponto de confluência de teorias da história, do conhecimento e da imagem, sendo esta capaz de atingir a amplitude cognitiva, histórica e do pensamento, multidimensional, ao mesmo tempo em que é um instrumento poderoso de recorte da produção imagética moderna, atravessando os sujeitos com discursos que operam sob a égide da ordem capitalista burguesa.

Didi-Huberman (2012) afirma que nesse campo de tensões dialéticas provocado pelo pensar na imagem, conceber a imagem e produzi-la há um “entre”, de um lado o olhar a imagem e de outro o olhar que a imagem retorna. Este espaço proposto pelo autor resgata os afetos de Deleuze (2013), no sentido em que ele é revelado, percebido, ou seja, os afetos só serão construídos e/ou experimentados na medida em que os encontros acontecem, não sendo possível prevê-los ou premeditá-los. O espaço ocupado pelo “entre” da imagem inquieta o olhar e cria espaçamentos construídos por distâncias contrárias, próprias de uma dialética ocupada entre o visível e o imagético.

Esse “entre” para o autor é o momento exato em que o que vemos é atingido pelo que nos olha, é o lugar que o sujeito é capturado pelo olhar da imagem, ou ainda por esse movimento diacrônico entre o olhar do sujeito e a imagem, pelo movimento do que nos olha no que vemos.

Assim veremos que algo que mobiliza essa imagem é o pensamento, sendo esse um espaço de construção e montagem de formas plurais, é o lugar que dá legitimação à subjetividade, é a imaginação que autoriza a construção do discurso e permite que esse alcance outros espaços, ultrapassando o “entre” ocupado pela imagem e atingindo quem a olha. A ação da imagem é ao mesmo tempo provocativa e inquietante, sendo que quem a olha pode ser capturado pela mensagem que a ela foi colado, completando a engrenagem da máquina que atravessa os sujeitos e cria estereótipos, confirma lugares, define desejos e constrói os corpos ou poderá escapar dessa captura, revelando sua intencionalidade e sendo, portanto capaz de romper com o mecanismo eficiente e operante que age sobre os indivíduos o tempo todo por meio das imagens.

Desse modo a memória é o elemento temporal que transpassa o ato de ver e reconhece a dialética do visível. É ela que nos permite encontrar no plano do visível, o

acesso para aquilo que nos situa concomitantemente no presente e para além dele, articulando, portanto, o encontro entre o vivido e o lembrado. Dirá Didi-Huberman: “Nesse momento, portanto, o passado se dialética na pretensão de um futuro, e dessa dialética, desse conflito, justamente surge o presente emergente (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 151).

Essa temporalidade citada anteriormente é decorrente da *dialética do ver* atravessada, portanto, pela memória. Campo esse que se dilata e ocupa o passado e o futuro compondo o próprio situar-se no mundo como uma irrupção constante no tempo presente. O ato de ver inquieta, desassossega e atravessa o presente emergindo como ação pungente, capaz de deflorar a temporalidade que envolve o indivíduo em sua historicidade.

A *dialética do ver* se entrecruza com a memória ao reluzir a autenticidade da imagem, revelando, portanto o caráter de imagem crítica, ato que só ocorre plenamente quando se ultrapassa o inexprimível, experienciando a imagem criticamente. *O que vemos, o que nos olha*, nos impulsiona a voltar o olhar repetidamente para onde aparentemente não há nada a ver, ou mesmo “fechar os olhos”.

A dimensão crítica da imagem dialética é na verdade um trabalho crítico realizado pela memória, realizado no embate entre tudo o que resta e tudo que se perdeu.

[...] uma imagem que critica a imagem – capaz, portanto, de um efeito, de uma eficácia teórica – e, por isso, uma imagem que critica nossas maneiras de vê-la, na medida em que, ao nos olhar, ela nos obriga a olhá-la verdadeiramente. E nos obriga a escrever esse olhar, não para transcrevê-lo, mas para constituí-lo. (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 172).

A imagem se estabelece como um plano de forças, não é mais a imagem em si, a relação entre sujeito e objeto é suplantada pelo “entre”, não prevalece a dicotomia do sujeito que olha a imagem e essa é percebida por ele, ou seja, existe uma relação ontológica que constitui tanto sujeito quanto objeto, assim o sujeito é objeto e objeto é sujeito. (DIDI-HUBERMAN, 2014).

Disseminando desse modo uma mescla descontínua de discursos que constituem a história desse objeto, ou seja, o “entre” surge quando sujeito e objeto se encontram, se afetam, suscitando nesse momento, o desassossego capaz de disparar sensações e promover o aparecimento de construções imagéticas estabelecidas entre o objeto e o sujeito.

Ao abrir-se ao olhar do sujeito, lançando imagens, um objeto nunca será apenas um objeto, obrigando quem o olha a dilacerar o olhar, cindindo o, inquietando o, em seu próprio discurso, a percorrer a perspicácia das dialéticas. E, portanto, é nesse interstício do “entre” que se estabelece o campo de forças que opera as imagens, isso não é dialético, e sim constitutivo do espaço do “entre”.

O olhar do sujeito muda e os signos que a imagem lança também modifica quem a olha, é uma construção que se estabelece nesse espaço. É como um metal e um ímã, que se atraem porque os aproximamos, se esse “encontro” não ocorrer não se estabelecerá o campo magnético entre eles, ou seja, esse interstício não se estabiliza, sua produção é incessante, já que quem olha a imagem modifica a mesma, e por sua vez produz outras imagens.

Portanto, não se estabelece a relação entre sujeito e objeto, porque esse sujeito está sendo continuamente reconfigurado, reformatado pelas imagens, o que há é uma proposta de subjetivação pela imagem.

Considerando desse modo, tomamos as imagens dos *blogs* e suas relações com corpos, sexo, sexualidade e gênero em nosso estudo, como aquelas que, de um modo ou de outro nos afetaram, e dispararam em nós outras imagens¹⁵. É certo que a nossa compreensão destes conceitos produzem em nós modos particulares de olhá-las, de modo igual, perguntamos o que ela nos dizia e o que estava entre nós e elas.

Sem dúvida, as imagens são construções que operam eficientemente nos processos de disseminação de modos de ver e pensar os sujeitos, seus corpos e suas experiências de sexualidade. Assim, o que vimos e estamos vendo nas imagens reafirmam quadros que confirmam padrões de normatividade de sexo, gênero, sexualidade e corpos, portanto, de clichês linguísticos, sociológicos, políticos e comportamentais bastante difundidos por instâncias como a ciência, a internet, a escola e a sociedade em geral. Desse modo, imagens clichês retomam a construção de discursos estabelecidos e naturalizados na sociedade, como os discursos que operam com a ideia naturalizada do sexo e construída da sexualidade e do gênero. Por outro lado, elas também operam com a manutenção da ordem binária dos gêneros, das estratégias de manutenção da heterossexualidade como norma e de modelos identitários que reafirmam o que Butler (2015) denomina por alinhamento sexo/gênero que apagam

¹⁵ Falo aqui da potência que as imagens possuem em mobilizar quem as olha, sendo promotora em disparar outras imagens, construções sensoriais a partir daquela que se olha, que se vê.

e desaparecem com os corpos que transgridem a norma. Os clichês são, portanto, construções sociais que compõem a engrenagem de “fazer colar” o discurso dominante ao que se olha, entendendo que o “ver” é a ação que dispara no sujeito outras construções imagéticas, que tendem a confirmar os discursos normativos presentes nas sociedades.

1.4 E qual o propósito das imagens? Uma rápida incursão em Jacques Rancière

Utilizamos a abordagem de Jacques Rancière (2012) para nos ajudar a pensar nas imagens de nosso estudo já que ele busca compreender as imagens como sistemas de visibilidades, visualidades, dizibilidades e representações que envolvem o conceito de imagem, pensando com isso em um destino das imagens.

Para isso o autor irá falar em alteridade das imagens, ou seja, em uma operação que se relaciona a uma trama dual, composta por imagem-realidade, sendo este o direcionamento a que devemos considerar para a significação atribuída à imagem, na sua própria composição imagética e na possibilidade de significação que é associada a ela. Rancière assinala:

Essas imagens não remetem a “nada além delas mesmas”. Isso não quer dizer que elas sejam como se fala comumente, intransitivas. Significa que a alteridade entra na própria composição das imagens, mas também que essa alteridade depende de outra coisa, não das propriedades materiais do meio cinematográfico. (JACQUES RANCIÈRE, 2012, p. 11).

As imagens, segundo esse autor, são elas mesmas, e nunca dizem de uma realidade simples, a realidade do mundo em uma e outra já não se distinguem, essa operação se estabelece e propõe que a imagem não se opõe mais à coisa, com isso a forma tampouco se oporá à imagem. O que ela se opõe é uma outra imagem porém, uma outra imagem não é uma imagem com teor diverso, é uma imagem disposta diversamente, disposta num outro registro perceptivo.

Para o autor as imagens compõem se em operações, entre um todo e as suas partes, “entre a visibilidade e uma potência de significação e de afetos que lhe é associada, entre as expectativas e aquilo que vem preenchê-las” (JACQUES RANCIÈRE, 2012, p. 12).

Essas operações revelam a potência que as imagens possuem não apenas de demonstrar o visível, mas de apresentar vestígios acerca do dispositivo por meio do qual o visível é apreendido. O autor esclarece que:

São operações que vinculam e desvinculam o visível e sua significação, ou a palavra e seu efeito, que produzem e frustram expectativas. Essas operações não decorrem das propriedades do meio cinematográfico. Pressupõem mesmo um distanciamento sistemático em relação a seu uso comum. (JACQUES RANCIÈRE, 2012, p. 13).

Rancière (2012) afirma que há hoje uma tentativa de elucidar que as imagens e obras artísticas são políticas, isso porque há imagens que desejam transmitir e reforçar os discursos de dominação, por meio de questionamentos à estereótipos, convocando aqueles/as a quem chega essas imagens a assumirem uma determinada postura crítica. Para ele “As imagens nunca são uma realidade simples. As imagens do cinema são antes de mais nada operações, relações entre o dizível e o visível, maneiras de jogar com o antes e o depois, a causa e o efeito” (RANCIÈRE, 2012, p. 13).

No entanto segundo Rancière (2012), as imagens contribuem para configurar novas possibilidades do visível e do dizível e, por isso capaz de, configurar novos cenários possíveis.

O artista, dirá o autor, não tem controle sobre os efeitos de sua produção, ele não pode afirmar, com certeza, que ela é política, afinal isso cabe a quem olha a imagem e não mais a quem produz, cria a imagem. A imagem depois de produzida dispara ‘coisas’ que o artista já não alcança mais, sendo assim há uma eliminação da continuidade promovida entre o desejo do artista e a interpretação de quem olha a imagem.

Com isso, é preciso que haja um intervalo entre a imagem, entendendo que esse determina o modo como a olha, sendo uma ação livre, pois a imagem não solicita nada de quem a olha e o observador não deve produzir nenhuma ação que impute um poder ordenador àquela.

Portanto as imagens são políticas na medida em que podem devolver a dissidência e a ruptura a paisagens homogêneas, de concordância unânime e subjugação. Então qual seria o destino das imagens? Rancière (2012) sobre isso diz que

O que se pode chamar propriamente de destino das imagens é o destino desse entrelaçamento lógico e paradoxal entre as operações da arte, os modos de circulação da imageria e o discurso crítico que remete à sua verdade escondida as operações de um e as formas da outra. É esse entrelaçamento da arte e da não-arte, da arte, da mercadoria e do discurso, que o discurso midialógico contemporâneo

busca apagar, compreendendo sob essa denominação, para além da disciplina declarada como tal, o conjunto de discursos que pretendem deduzir das propriedades dos aparelhos de produção e de transmissão as formas de identidade e de alteridade próprias das imagens. (JACQUES RANCIÈRE, 2012, p. 27).

A política da imagem associa-se ao modo como a imagem pode revelar potências, reconfigurar regimes de visibilidade e questionar ordens discursivas e opressoras. A política da imagem é o movimento que reconfigura os quadros sensíveis no cenário que dispõem o ordinário, rompendo com a evidência de uma ordem natural que opera modos de fazer, de dizer e os modos de visibilidade.

Assim uma imagem é política quando predizem as operações que influenciam na interpretação daquilo que vemos, ou seja, a potência política está tanto nas imagens quanto nas relações e operações que as definem.

As imagens são operações que produzem uma distância, uma dessemelhança, assim elas nunca são simples realidade, mas antes disso um jogo de afloramento e ocultação, um conjunto de operações e relações entre o visível e o dizível.

Isso quer dizer duas coisas. Em primeiro lugar, as imagens da arte, enquanto tais, são dessemelhanças. Em segundo lugar, a imagem não é uma exclusividade do visível. Há um visível que não produz imagem, há imagens que estão todas em palavras. Mas o regime mais comum da imagem é aquele que põe em cena uma relação do dizível com o visível, uma relação que joga ao mesmo tempo com sua analogia e sua dessemelhança. (JACQUES RANCIÈRE, 2012, p. 16).

Essas operações influenciam na natureza política do que vemos, são as relações que definem as imagens, isto é as relações que se estabelecem dentro e fora do contexto da arte, que antecedem ou que esculpem os enunciados, que montam e desmontam relações entre o visível e o invisível, o dizível e o silenciável. Rancière (2012) dirá que

É nesse sentido que a arte é feita de imagens, seja ela figurativa ou não, quer reconheçamos ou não a forma de personagens e espetáculos identificáveis. As imagens da arte são operações que produzem uma distância, uma dessemelhança. Palavras descrevem o que o olho poderia ver ou expressam o que jamais verá, esclarecem ou obscurecem propositalmente uma ideia. (JACQUES RANCIÈRE, 2012, p. 15).

Esse constante movimento provocado pelas imagens ou um incessante devir, promove uma relação entre arte e imagem que sobrepuja a presença e o testemunho da história esse estabelece como sendo fluida, eternamente mutável, e, carregada de possibilidades.

Em nosso estudo, como já referido, utilizamos referenciais teóricos que apesar de não se referirem a imagens e a mídias como as utilizadas por nós, nos possibilitam pensar em uma proposta de investigação que nos permitisse buscar pela a relação entre o visível e o dizível; buscar pelo discurso que aparece com uma força tal na imagem, e pensar que ela conduz quem a olha para o lugar do discurso que deseja, ou promove outras construções imagéticas ou ainda, pode não levar a lugar algum. Essas imagens para nós carregam uma potência capaz de produzir ‘coisas’ em quem as olha.

Assim sendo buscamos em Deleuze uma perspectiva de análise que evidenciasse ao/a leitor/a o quanto as produções imagéticas afetam os sujeitos que as olham, o quanto essas produções podem e vão reproduzir discursos que operam em campos de forças de dominação, afetando padrões sociais, de comportamentos, de estilos de vida e inclusive no modo como esses sujeitos olham, escolhem, desejam, criam e (re) criam seus corpos, suas sexualidades e seus prazeres. Em Didi-Hubermann, sobretudo para pensar que *aquilo que vemos nos olha*. Este autor permitiu-nos, como já afirmado anteriormente, a começar a pensar no alinhamento entre o visível e o dizível. Uma relação de incompletude ressalta o autor, entre o discurso e o sujeito, o que favorece a atribuição de sentidos.

Sabemos de nossa limitação na apropriação de textos tão densos, do campo da filosofia da arte, mas acreditamos com eles que travessuras são permitidas, como esta de que as imagens, as sexualidades, os corpos e os gêneros são também aí afetados e produzidos. A pesquisa em educação, sem dúvida, é para nós, formas de artistagem.

Capítulo II

A PRODUÇÃO DAS IMAGENS NO ESTUDO

Considerando o percurso até aqui sobre a produção desse trabalho, passo a apresentar o modo como procedi na construção do mesmo. Como referido desde o início, cheguei aos *blogs* que se tornaram material de meu estudo, a partir dos mesmos (07) investigados por Gabriela Diniz (2015). O movimento inicial que realizei foi verificar a atualização dos mesmos ao longo do ano de 2016, de modo que pude observar que os *blogs* - Diário de Biologia, Biologia Total, Dicas de Ciências, Eu quero biologia, Tudo de Bio, Planeta Bio, Fabiano Biologia – mantinham-se em funcionamento.

Após detectar que todos estavam em plena atividade – atualização das postagens, acesso, etc., procedi ao levantamento das imagens em publicações que envolviam o tema da minha pesquisa e, o processo de acesso das mesmas nas páginas do *facebook* atreladas, respectivamente, a cada *blog*, por meio das ferramentas de buscas neles disponíveis. De modo igual a Diniz (2015) também observei que dois deles não apresentavam ferramentas de busca: Planeta Bio e o Fabiano Biologia.

Em nenhuma das mídias foi necessária a realização de cadastro, sendo, portanto, caracterizada como pública e aberta à visitação. Nas páginas do *facebook*, não houve exigência de convite ou autorização direta. Desse modo, do ponto de vista da ética em pesquisa, segui o mesmo procedimento do trabalho de Diniz (2015), qual tenha sido o de entender que é recente o uso da internet como campo de pesquisa no Brasil e que é possível classificar o tipo de privacidade dos ambientes virtuais. Assim, Diniz (2015) referindo-se ao trabalho de Frago, Recuero e Amaral (2011), a quem também recorri, os ambientes digitais podem ser considerados como abertos e disponíveis a todos, público; aqueles que requerem cadastro ou participação, semipúblico; aqueles que encaminham convite ou aceitação de administrador/a, semiprivado; e, por fim, os que exigem autorização direta, privado. Portanto, quanto ao tipo de privacidade, fizemos uso de ambientes virtuais públicos e abertos.

Fiz uso dos seguintes termos de busca pelas publicações e suas possíveis imagens: sexualidade, sexo e gênero. O uso do termo sexo se deu em razão da forte associação deste com as noções de gênero e sexualidade, como retrata a literatura do campo de pesquisa. A sexualidade e o gênero são tomados e constituídos atrelados a certo discurso biomédico que instaura, na modernidade, como pontua Foucault (1998) uma “verdade sobre o sexo”. E tal verdade, como referida no capítulo anterior, tem sido produzida também em campos como o da Embriologia, da Genética e da Reprodução Humana.

Ao recorrer às páginas do *facebook* vinculadas aos *blogs* Planeta Bio e Fabiano Biologia repeti a busca por publicações sobre sexualidade e gênero e neles não encontrei nenhuma publicação, tal fato me fez excluí-los da investigação. Em síntese, selecionei 05 *blogs* e suas respectivas páginas de *facebook* que se mantinham atualizados (2016), em funcionamento e com publicações envolvendo, de algum modo, os distratores *gênero, sexo e sexualidade* - Diário de Biologia, Biologia Total, Dicas de Ciências, Eu quero biologia e Tudo de Bio – como o cenário de onde retiráramos as imagens para o estudo.

Percebemos que grande parte das publicações veiculadas nos *blogs* se repetem em suas páginas do *facebook* e o acesso a essa rede social possibilitou que demarcasse o alcance das mesmas - pela quantidade de “curtidas”, número de “compartilhamentos” e número de “comentários” realizados, já na página dos *blogs* foi possível verificar o autor, a data/hora e as “visualizações” das postagens. Feito o rastreamento das publicações, passamos a buscar pelas imagens que comporiam o estudo, primeiro nos *blogs*, de modo aleatório, e depois em suas respectivas páginas do *facebook*. Para delimitar as imagens que ocupam o estudo fomos a partir do acesso as mídias assinaladas, elegendo alguns critérios de seleção: o primeiro deles foi a recorrência das publicações com imagens tanto nos *blogs* quanto em suas respectivas páginas do *facebook*; outro critério foi o número de visualizações, compartilhamento e comentários das mesmas; e, um último a atualização da publicação. Fazendo esse entrelaçamento, chegamos ao final a um total de 13 (treze imagens), sendo 04 (quatro) do Diário de Biologia; 04 (quatro) do Biologia Total; 02 (duas) do Dicas de Ciências; 01 (uma) do Eu Quero Biologia e por fim, 02 (duas) do Tudo de Bio.

O acesso às páginas do *facebook* de cada *blog* se deu a partir da página deste. Todos eles redirecionam para outras redes sociais que, além da citada, são indicadas o *twitter*, o *G+*, e, em alguns casos, o *instagram*, *pinterest*, *youtube*, *snapchat*.

Realizado o esclarecimento quanto aos procedimentos que adotamos para a definição das imagens que selecionamos, apontamos que diferente do que fez Gabriela Diniz (2015) em seu estudo, não nos é possível afirmar que fizemos uso da etnografia virtual, embora não possamos também afirmar que não realizamos a viagem nos ambientes virtuais e por lá permanecemos para observarmos o que ocorria. No decorrer da nossa viagem de busca e produção das imagens, sem dúvida, levamos conosco outras imagens – aquelas já produzidas pelas leituras e experiências vividas. Nela, fomos produzindo a incursão na leitura dos/as autores/as que indicamos no capítulo anterior e, em grande medida, retomaremos neste.

Tomando como pressuposto o apontado por Marli André (2013) de que nem sempre é possível tipificar uma pesquisa e de que o seu rigor metodológico encontra-se na capacidade de apontamento do caminho que foi construído, no momento mesmo em que ele se fez, das decisões tomadas e dos seus condicionantes, o esforço até aqui neste capítulo foi o de situar o/a possível leitor/a deste trabalho acerca do que fizemos.

O caminho e as escolhas não foram simples. Elas exigiram diálogo com os/as amigos/as da caminhada, a escuta sensível da banca de qualificação, o debate e lutas individuais. Imaginem que o acesso aos *blogs* me colocou diante de um grande número de publicações e de imagens divulgadas no ano de 2016. No **Diário de Biologia** ao utilizar o distrator “sexualidade” acessei 29 publicações, em um total de 03 páginas; para “sexo” 177 publicações em 18 páginas e para “gênero” 162 publicações, em um total de 17 páginas. Já no **Biologia Total**, com o termo “sexualidade” encontrei 04 publicações, para “sexo” 03 “aulas encontradas”, 59 *posts*, a imagem selecionada, no *facebook*, atingiu 660 curtidas, 69 compartilhamentos e 118 comentários. **Biologia Total** para “sexo” 03 publicações; “gênero” 04 publicações. No *blog Eu Quero Biologia*, ao utilizarmos os distratores ‘sexo’ e ‘gênero’ os resultados obtidos, em 08 páginas, se concentraram em publicações de caráter eminentemente biológico, distante do que buscávamos. São publicações em torno de terminologia científica, gametogênese, sexo homogâmico e heterogâmico, cromossomos sexuais, sistemas de determinação sexual, entre outros. Ou quando não, se restringiam a exemplos

associados a ecologia animal, sem associação com a espécie humana. Mas, localizamos uma publicação com uso do termo ‘gênero’ cuja postagem apresentou 650 curtidas e 100 compartilhamentos. No **Dicas de Ciências**, com o termo sexo 02 publicações; com o termo gênero e sexualidade 01 em cada.

O que fazer diante dessa multiplicidade? Fomos para a qualificação sem saber. Mas saímos dela com a convicção de que não seria possível abarcar a todas e que poderíamos tomar um *blog*, ou dependendo do que faríamos, uma ou duas publicações.

No entanto, no caminhar escolhemos os cinco *blogs*, movidas pela curiosidade acerca do que diriam as imagens neles circuladas. Para o corte, nos perguntamos sobre o número de acessos a elas, o alcance das mesmas. Obviamente, que nesse processo também observamos que as imagens selecionadas nos afetavam de alguma maneira.

Dado esse exercício incompleto e não definido passamos a apresentar o nosso encontro com os *blogs* e algumas de suas imagens, que tornamos nossa nesse estudo.

2.1 – As imagens do Diário de Biologia

O primeiro *blog* que acessei, de modo aleatório, foi o “Diário de Biologia”. Nele fiz uso das palavras sexualidade, sexo e gênero para buscar pelas publicações e suas imagens, o que me disponibilizou um conjunto delas, em grande parte, se repetindo com uso dos diferentes termos.

Para que o estudo se aproxime da perspectiva das abordagens teóricas, lanço alguns questionamentos antes de apresentar as imagens, com o propósito de mobilizar o olhar do leitor ou ainda despropositadamente a “ver” nas perguntas outras imagens.

A que se propõem as imagens? A quais outras produções imagéticas elas conduzem quem as olha? Estas são as questões que lançamos no processo analítico, concluída a seleção das imagens. Para a realização da análise, agora que concluímos o estudo, percebemos que oscilamos entre a realização de uma leitura semiótica – decompondo os elementos das imagens – e ora fizemos a tentativa de alinhamento aos referenciais teóricos que assinalamos nos capítulos precedentes a este. E assumimos ter sido, de fato, um exercício, tanto num campo quanto noutro.

Descreveremos aqui o movimento que nos conduziu a analisar as imagens e suas produções discursivas, procurando com isso apresentar a eficaz captura que a montagem ou o recorte da imagem faz com o leitor. Entendendo a legenda ou o dizível como uma produção também imagética, esta ocupa a função de um importante instrumento de colagem que provoca o trânsito de ir à legenda e voltar à imagem, como uma espécie de confirmação do que se lê. Ao mesmo tempo ao olhar a imagem e se voltar à legenda o leitor pode ser surpreendido pelo distanciamento entre o que se vê e o que está escrito.

A construção da imagem é outro instrumento importante para enunciar o que será dito. Na Figura 06 o cenário composto por duas pessoas de rostos cobertos por um tecido acinzentado, o fundo com paredes de tons que combinam com as vestimentas dos indivíduos, compõe a sobriedade da imagem, o terno usado por um deles nos conduz a outros ambientes que exigem formalidade, sendo que o que será dito sobre esta imagem deve ser algo que contém uma certa gravidade, que não se diz de qualquer jeito e nem em qualquer lugar, um cenário de um nevoeiro, onde se perde a acuidade visual, não se enxerga bem o que está à frente ou ao lado.

Figura 6: Existe “opção sexual”? A resposta da ciência é “NÃO”.



Fonte: <<http://diariodebiologia.com/?s=nao+existe+op%C3%A7%C3%A3o+sexual>> (2016)

É a imagem que nos captura em primeiro plano, via de regra pelas suas cores, os objetos que a constituem podem nos prender a atenção, a rapidez de sua apreensão e a facilidade em ser vista e apresentar a potência de nos fazer construir outras imagens a partir da apresentada. Não estamos aqui generalizando este movimento, apenas descrevendo o a partir de nossos afetamentos.

Ao olharmos a imagem da Figura 06 além de toda composição já descrita, marcamos os indivíduos como possíveis corpos de homem e mulher, a cor bordô da

vestimenta do indivíduo da esquerda sugere um corpo feminino, enquanto o terno e a gravata do indivíduo da direita são marcas características de um corpo masculino.

Assim ao buscar informação na legenda que diz “*Existe ‘opção sexual’? A resposta da ciência é que NÃO!*”, atrelado a ele, o autor apresenta a observação “*Atenção: Este texto não está ‘levantando bandeiras’. Apenas estamos suprimindo a necessidade de diversos leitores interessados na posição da ciência quanto a ‘opção sexual’*”, entendemos que a publicação discorrerá sobre sexualidade, porém qual sexualidade? E de novo voltamos à imagem, e constatamos a construção dos corpos masculinos e femininos.

A imagem esquadrinha um beijo entre dois indivíduos que presumimos ser de um homem e uma mulher pelo contorno dos corpos, porém velados, escondidos, negligenciados, ocultos e por que esses rostos estariam encobertos? E novamente retomamos a questão de qual sexualidade estaria falando a publicação?

Ao olharmos para a imagem e buscarmos pelos elementos que a compõem, descrevemos um cenário composto por um binarismo homem/mulher, nossa percepção da imagem passa pela construção social majoritariamente heteronormativa, assim ao falarmos de sexualidade e isso fica claro na íntegra da publicação ao se preocupar em explicar porque “ultimamente” se fala tanto em homossexualidade, encontramos termos como “*sair do armário*”, “*gene homossexual*”, “*eles sempre estiveram por aí*”, está se falando da heterossexualidade e para apoiar, certificar o discurso, a autora recorre à epigenética¹⁶ para embasar sua argumentação.

Assim ao enquadrar os corpos em cores, roupas, a montagem estética como sendo representações de corpos masculinos ou femininos, está se reafirmando e confirmando o binarismo. Os elementos constitutivos dos discursos heteronormativos colam o dizível ao visível e o inverso também ocorre, na verdade esse espaço é o mesmo, e essa colagem acontece ao mesmo tempo.

¹⁶ A epigenética é definida como modificações do genoma que são herdadas pelas próximas gerações, mas que não alteram a sequência do DNA. Por muitos anos, considerou-se que os genes eram os únicos responsáveis por passar as características biológicas de uma geração à outra. Entretanto, esse conceito tem mudado e hoje os cientistas sabem que variações não-genéticas (ou epigenéticas) adquiridas durante a vida de um organismo podem frequentemente serem passadas aos seus descendentes. A herança epigenética depende de pequenas mudanças químicas no DNA e em proteínas que envolvem o DNA. Existem evidências científicas mostrando que hábitos da vida e o ambiente social em que uma pessoa está inserida podem modificar o funcionamento de seus genes.

O discurso heteronormativo é expressamente naturalizado na nossa sociedade, já que pensar em outras possibilidades de sexualidades, ou nas prováveis manifestações de masculinidades e feminilidades, ou ainda marcar objetos, roupas, cores como sendo de homens ou de mulheres, atingem inclusive canais midiáticos como *blogs* construídos por professores/as de ciências e biologia.

A publicação irá discorrer sobre a impossibilidade da escolha no que chama de “opção sexual”, recorrendo para isso à estudos genéticos, o que reforça os argumentos de que fatores culturais ou possibilidades de “ser” nada interferem nas vivências e experimentações das diversas formas de sexualidades.

Com isso ao irmos à legenda “*Existe ‘opção sexual’? A resposta da ciência é que NÃO!*” e nos voltarmos à imagem, percebemos o quanto a colagem do padrão heteronormativo é eficaz. Nesse caso, texto imagético e não imagético se apoiam, se confirmam como uma engrenagem de uma maquinaria que opera em produzir discursos territorializantes de corpos femininos e masculinos. Ressaltando que esse movimento é intercambiante, ou seja, há uma concordância de discurso quando partimos da imagem para a legenda.

O olhar para a Figura 07 parece “normal” até sermos conduzidos à sua legenda “*Mulher engravidada através de sexo anal e choca médicos. Veja como aconteceu!*”¹⁷ na sequência diz “*Até o momento, tudo que você pensou sobre gravidez através de penetração anal, foi que esta prática é impossível.*”, o que nos faz voltar o olhar à imagem e a compor seus elementos.

Figura 7: Mulher engravidada através de sexo anal e choca médicos. Veja como aconteceu!



Fonte: <<http://diariodebiologia.com/?s=mulher+engravidada+atraves+de+sexo+anal>> (2016)

¹⁷ Ao percorrer o texto que segue à imagem o leitor entenderá que tal acontecimento se refere a uma “malformação cloacal”, acontecimento raro, de natureza congênita atingindo uma menina a cada 50 mil nascimentos.

A imagem faz um recorte preciso acentuando partes de um corpo, partes estas que são suficientes para se definir de qual corpo se fala, a partir de discursos imperantes de sexualidade. Mãos delicadas sobre o ventre nos direcionam ao cuidado parental da cria ou mais que isso ao afeto zeloso de uma mulher que aguarda embalar em seus braços seu rebento, seios volumosos característicos de uma mulher que gesta a vida em seu ventre, discretamente apresentados por um decote também característico de um corpo feminino, unhas compridas, esmalte rosa e a inclinação delicada de um corpo grávido.

Quando o movimento é feito da imagem para a legenda parece causar estranheza, primeiro porque o padrão estabelecido da heterossexualidade aponta para uma reprodução dissociada de práticas de prazer e desejo excluindo, portanto, qualquer outra forma de penetração que não a vaginal. Em segundo plano de análise temos que a gravidez é um evento biológico marcadamente de corpos femininos, não sendo consideradas as gestações entre casais homoafetivos femininos e entre os transgêneros femininos que assumiram outra identidade de gênero descolada do sexo biológico, porém apresentam a possibilidade biológica de reprodução. Os homens transgêneros ou transexuais, que apresentam o sexo biológico definido como feminino, e, em algum momento da sua vida desobedecem a norma binária do gênero são corpos potencialmente reprodutivos, caso não realizem a retirada completa dos órgãos que permitem o acontecimento desse fenômeno.

As construções sociais e culturais que atravessam os corpos e dizem os lugares que devem ocupar colam discursos nas imagens mesmo antes deles aparecerem. Os indivíduos são educados a se construírem e repetirem modos de ser como fizeram seus antepassados, as roupas contam quem são, onde estão. Esses padrões vão sendo construídos antes mesmo de estarem no mundo, a preocupação social de uma mulher gestante é se “homem” ou “mulher”, para que o enxoval seja construído em “azul” ou “rosa”, os adornos do quarto devem ser definidos dentro apenas, dessa dualidade, desse binarismo.

Eis que a legenda da figura 07 nos dirá: “*Mulher engravida através de sexo anal e choca médicos. Veja como aconteceu!*”¹⁸ na sequência diz “*Até o momento, tudo que*

¹⁸ Ao percorrer o texto que segue à imagem o leitor entenderá que tal acontecimento se refere a uma “malformação cloacal”, acontecimento raro, de natureza congênita atingindo uma menina a cada 50 mil nascimentos.

“você pensou sobre gravidez através de penetração anal, foi que esta prática é impossível.” A elaboração da legenda parece não condizer com a imagem, afinal as condutas e performances sexuais seguem um padrão de aceitação na sociedade e a penetração anal, parte da legenda que chama a atenção do leitor, não está inserida neste contexto, ao contrário são práticas veladas, reprimidas, pouco relatadas, entendidas como promíscuas e reservada às práticas homossexuais, causando estranhamento quando realizada por um casal heterossexual.

Além disso, a mulher da imagem constrói no pensamento um quadro de fragilidade, sutileza, delicadeza, distanciando de práticas sexuais consideradas “aberrantes” pelos padrões sociais. Portanto as práticas sexuais são também aprendidas e vivenciadas dentro do binarismo “certo” e “errado”, “proibido” e “permitido”, homem e mulher. O esquema do conflito entre imagem e texto, é a estratégia utilizada pelo/a autor/a do *blog*.

A imagem da Figura 08 compõe a construção de uma fotografia na qual uma criança de cabelos compridos, vestida com roupa de cor rosa, pulseiras no braço, segura em suas mãos um brinquedo que não sugere ser brinquedo de menina ou de menino, porém apresenta as extremidades de também cor rosa, o que seguramente arremete para o universo feminino. Seu quarto contém os objetos triviais de um quarto de criança, escrivaninha, computador, cômoda e alguns brinquedos se fazem visíveis, sendo também na cor rosa.

Figura 8: Essa menina nasceu menino. Danann Tyler é transgênero e já tentou cortar o próprio pênis para “se livrar do problema”.



Essa menina nasceu menino. Danann Tyler é transgênero e já tentou cortar o próprio pênis para “se livrar do problema”

🕒 22:08 🧑‍🔬 Karlla Patrícia - Bióloga

Danann Tyler, nascida em 2003, veio ao mundo com o par de cromossomos XY, que define na fase embrionária os órgãos sexuais masculinos...

READ MORE

Fonte:

<<http://diariodebiologia.com/?s=dann+tyler+tentou+cortar+o+penis>>(2016)

Descrever essa imagem parece não causar dúvidas em quem a olha poder confirmar de que se trata de uma menina, essa construção é possível quando o movimento acontece primeiro da imagem para a legenda, no entanto, ao ler o enunciado “*Essa menina nasceu menino. Danann Tyler é transgênero e já tentou cortar o próprio pênis para ‘se livrar do problema’*” e voltar à imagem, segundo movimento, parece não colar a imagem textual com a imagem fotográfica, isso devido aos estereótipos e padrões de sexualidade naturalizados dentro do binarismo homem/mulher.

Essas imagens dentre tantas outras produz muitos afetamentos em que a olha sem a legenda e os espantos que produz ao acessar seu enunciado. As possibilidades que ela carrega são múltiplas, o que vai conduzir esse elaborado campo de construção é o lugar de onde fala quem a olha.

A legenda diz “*Essa menina nasceu menino. Danann Tyler é transgênero e já tentou cortar o próprio pênis para ‘se livrar do problema’*”. As marcas de transgressão estão ditas no discurso da autora em “*essa menina nasceu menino*”, determinando que o corpo transgênero escapa à norma, distancia este da possibilidade de expressar mais um tipo de sexualidade que não seja homem ou mulher.

Recorrer à ciência para explicar, justificar ou mesmo confirmar as transgressões é algo comum e bastante aceito na sociedade, afinal discursos religiosos de “cura” gay e tratamentos hormonais ou terapêuticos para o homossexualismo são divulgados e defendidos por uma parcela alarmante da sociedade.

O espaço entre o dizível e o visível é carregado de possibilidades e vai sendo montado, criado ou recriado a partir dos afetamentos experimentados ao longo da vivência de cada um/uma, ou seja, depende do que se leva no olhar, o que se carrega do plano sensível para ler o que olha dentro. Esse olhar pode ser tanto mais ou menos aguçado pelas construções e desconstruções provocadas pelos e nos discursos constitutivos das sociedades por meio de vários instrumentos eficientes de manobra, são eles a família, a escola, a religião que vão ditando modos operantes de ser e conceber os corpos e suas sexualidades.

O discurso heteronormativo atravessa vários campos da sociedade. O *blog* de uma professora/bióloga que atinge com suas publicações um grande número de usuários, ao dizer “*essa menina nasceu menino*” torna relevante, ao nosso olhar, o sexo

biológico e desconsidera os fatores culturais em que os indivíduos estão inseridos. O desalinhamento da ordem sexo-gênero, como nos aponta Butler (2015) é desconsiderada. A imagem está colada ao alinhamento sexo-gênero, mesmo que a legenda aponte para outra informação. É esse jogo que aparece em todos os *blogs*.

Isso só reforça a importância de temas que envolvem as sexualidades, os corpos e o gênero serem discutidos em espaços escolares e sociais mais amplos. Questionamentos acerca dos modos como processos de criação de si e do outro são produzidos em nosso tempo.

Outra marca encontrada nas imagens é a legitimação e resguardo da heteronormatividade e da ordem do gênero já instalada. Vários são as imagens que confirmam tal movimento, o que, invariavelmente, pode contribuir para a manutenção dos preconceitos e violências materializadas em fenômenos lesbo-transfóbicos que temos assistido nos contextos sociais.

Saindo das imagens dos *blogs* que selecionamos e perseguida por elas, me deparei com o caso de Romeo Clarke, uma criança britânica que no seu dia a dia usa vestidos. Com o apoio da família Clarke causou estranheza em seu convívio social, principalmente na escola, tendo sido banido do contraturno da mesma até que, judicialmente a família conseguisse reverter o caso.

A história do Clarke parou na capa de uma das revistas de grande circulação nas escolas brasileiras, A Revista Nova Escola como apresentado na figura a seguir:

Figura 9: Romeo Clarke, criança transexual da Grã-Bretanha.



Fonte: <<http://dezanove.pt/revista-brasileira-aborda-o-tema-das-750815>> (2016)

A imagem reforça o que afirmo. Ao publicar “*Vamos falar sobre ele?*”, a revista em sua chamada, utiliza o pronome masculino marcando a posição de sujeito em que a reafirmação do sexo biológico desconsidera a identidade de gênero assumida por Clarke. Vestir-se de acordo com seu gênero causa polêmica, pois “descumpre” as regras socialmente aceitas sobre ser homem ou ser mulher. A capa joga com as cores, aquelas que, social, cultural e politicamente são apropriadas para o processo binário de genderificação.

Como Clarke, várias outras crianças se vestem de acordo com seu gênero e sofrem severas punições por isso, algumas delas começam no ambiente familiar e atingem outros espaços, como a escola, sendo assim é necessário repensar em como a sociedade está educando as crianças para o entendimento das diferenças.

A imagem da figura 10 corresponde a um camundongo e uma legenda “*Os amantes de genética piram! Geneticistas criam ratos machos a partir de cromossomos femininos*” continua dizendo “*Pela primeira vez, geneticistas obtiveram camundongos do sexo masculino (com testículos e tudo!) sem nenhum traço do cromossomo Y*”.

Figura 10: Os amantes da Genética piram! Geneticistas criam ratos machos a partir de cromossomos femininos.

The image shows a Facebook post from the page 'Diário de Biologia'. The post is dated December 20, 2016, and contains the following text: 'Os amantes de genética piram! Geneticistas criam ratos machos a partir de cromossomos femininos' and 'Pela primeira vez, geneticistas obtiveram camundongos do sexo masculino (com testículos e tudo!) sem nenhum traço do cromossomo Y.' Below the text is a close-up photograph of a white mouse. The post has received 1.5 million likes and is from the page 'Diário de Biologia'.

Fonte: <<https://www.facebook.com/DiarioDeBiologia/>> (2016)

Afinal se trata de um animal com pelagem branca, solitário em algum ambiente indetectável pela imagem. Porém, anterior a ela foi apreendido por meio de saberes científicos de que se trata de uma cobaia de laboratório, integrando o campo das ciências aplicada, dos experimentos, dos testes de laboratórios que apresentam destaque e relevância nas descobertas científicas.

Pois bem, a imagem por sua característica múltipla nos permite elaborar num plano sensível, várias construções e, portanto não estabelece o real, cabe ao discurso fazer isso, é a legenda que cola a informação tramando a captura pela imagem.

A expressão “... *criam ratos machos a partir de cromossomos femininos*”, me faz pensar nas construções e possibilidades das feminilidades e masculinidades que quebram a superioridade do masculino. Essas possibilidades são estabelecidas dentro de padrões culturais que estabelecem a hegemonia da manifestação do masculino em detrimento do feminino, reforçados pela ciência. O extraordinário da legenda se encontra na possibilidade do cromossomo feminino ser capaz de produzir um ser masculino, o que não causaria tanto espanto se fosse o contrário “do cromossomo masculino ser capaz de reproduzir um ser feminino”, porque afinal, são muitos os textos que narram o surgimento da mulher por meio de partes de um corpo masculino, confirmação de que a pujança da vida está no homem e não na mulher.

Na outra parte da legenda “... *geneticistas obtiveram camundongos do sexo masculino (com testículos e tudo!) sem nenhum traço do cromossomo Y*”, aponta para padrões pré-estabelecidos do sexo que definem a organização do masculino e feminino, ou seja, o gênero está vinculado à genitália. Nessa perspectiva como ser do sexo masculino e não apresentar os órgãos que o caracterizam? A informação genética define os sexos, desconsiderando os afetamentos culturais experimentados pelos indivíduos.

De acordo com a ciência a definição do sexo biológico se encontra unicamente na herança do cromossomo “X” do pai e, portanto sexo feminino e a herança do cromossomo “Y” será então do sexo masculino, o que determinará taxas hormonais que promoverão o surgimento de características sexuais secundárias típicas de homens e de mulheres. Esse conhecimento é inclusive disseminado nas aulas de ciências e biologia por uma enormidade de professores/as que ao abordarem o tema da reprodução se

concentram nessa única possibilidade, desconsiderando, portanto outras manifestações de organização cromossômica.

O que nos chamou a atenção para essa imagem, figura 10, foi o grande número de curtidas obtidas no *facebook*, 1,5 (mil e quinhentas), 445 (quatrocentas e quarenta e cinco) compartilhamentos e 80 (oitenta) comentários. Eu não escapei de ir aos seus comentários, e neles observei a associação direta que muitos/as usuários/as fizeram com o mito da criação bíblica, ou seja, tornaram relevante a possibilidade de um cromossomo feminino gerar vida sem, no entanto depender do cromossomo masculino.

Isso nos permite pensar o entrelaçamento entre as questões biológicas e culturais; o quanto organizações que detém e disseminam discursos normativos se esbarram em outras experiências que lhes escapam. Quando a Igreja sustenta que a “criação” está sob a determinação do homem, o Estado se organiza estipulando as posições homens e mulheres, elas promovem modos violentos de atuação sobre os corpos que redundam em atitudes de misoginia, machismo e preconceito que são naturalizados.

Talvez o maior impacto da publicação da figura 10 esteja em como seria possível um corpo feminino gerar outro masculino, isso só reforça a fragilidade do sexo feminino, à sua incapacidade, “falta” ou “ausência” do que seria essencial para gerar vida, já que, a presença do útero não a qualifica para essa função, mas apenas abriga o que foi previamente fecundado por uma célula masculina.

O reflexo dessa abordagem é comprovado em dados estatísticos diários que irão dizer sobre a diferença salarial entre homens e mulheres ocupantes de uma mesma função, o que é permitido à eles e que não cabe à elas, os lugares de ocupação que foram historicamente sendo construídos e mantenedores de uma segregação estabelecida na sociedade.

Sobre as perguntas que abrem a análise das imagens: A que se propõem as imagens? A quais outras produções imagéticas elas conduzem quem as olha? Recorremos a Deleuze (2013) quando ele afirma:

[...] a imagem visual remete a uma natureza física inocente, a uma vida imediata que não precisa de linguagem, enquanto o intertítulo ou o escrito manifesta a lei, o proibido, a ordem transmitida que vem essa inocência, como em Rousseau. (...) A imagem visual mostra a

estrutura de uma sociedade, sua situação, seus lugares e funções, as atitudes e papéis, as ações e reações dos indivíduos, em suma, a forma e os conteúdos. E, é verdade, ela envolve de tão perto os atos de fala que pode nos fazer ver as lamentações dos pobres ou o grito dos revoltados. (DELEUZE, 2013, p. 268).

Sem dúvida que a maneira ou forma de afetar os indivíduos depende de cada um e se dá unicamente com o encontro entre esses e as produções imagéticas, não há previsibilidade ou intencionalidades nesse processo. As possíveis produções são estabelecidas ao colar o discurso às imagens estabelecendo, portanto os clichês, nesse sentido a “imagem virtual mostra a estrutura de uma sociedade”, não obstante revela sobre quem arquiteta a maquinaria que faz colar o dizível ao visível.

Mas também revela o novo na estratégia de manter o clichê, a colagem entre discurso e imagem. Talvez possamos dizer que nada mais é do que a estratégia de captura do/a internauta, mas não podemos dizer que ela se efetua sem barreira alguma.

2.2 – As imagens do *Biologia Total*

Para este *blog* o critério de escolha da imagem em sua referida página do *facebook* não foi a mais curtida e sim a mais recente, devido as publicações apresentarem caráter estritamente biológico, ou seja, associados a algum conteúdo específico da biologia sem no entanto, indicar referência ao nosso tema de estudo.

Qual a potência dessas imagens? O que eu vejo é mesmo o que quer que eu veja?

O que vemos na figura 11? Um perfil marcadamente feminino, a roupa clara, o olhar ao horizonte, a maquiagem leve e a postura de um corpo que deita para repousar, suaviza e aproxima a mulher retratada na imagem à ideia de singelo, delicado, incitando o instinto materno compondo um cenário da pureza da mulher, repetida e contemplada pelos textos evangélicos da virgindade esculpida em uma santidade própria desta, no entanto quando o olhar do/a leitor/a parte da imagem para a legenda, ele/a “lê” que a imagem se refere a um comportamento que nada traduz esse tal “instinto materno”, muito ao contrário disso, coloca o no plano dos desejos e dos prazeres.

Figura 11: Instinto materno? Estudo garante que mulheres querem sexo, não bebês!.



Fonte: <<https://www.biologiatotal.com.br/blog/instinto-materno-estudo-garante-que-mulheres-querem-sexo-nao-bebes.html>>(2016)

Então a pergunta ‘O que eu vejo é mesmo o que quer que eu veja?’ Parece ser respondida pela construção da Figura 11, já que a organização de seus elementos nos permite construir outras imagens que não são as mesmas possíveis quando esta se conecta à legenda, assim sendo a imagem possui uma potência em si, capaz de disparar a produção de outras imagens que podem colar ao discurso ou distanciar se deste.

Estas outras imagens dizem respeito a uma representação social e política de ser mulher. As imagens da pureza e da singeleza emolduradas na figura 11, faz movimentar a construída fragilidade do sexo feminino que se sustenta por meio da reafirmação de exclusões, preconceitos e violências.

No entanto a legenda da figura 11, “*Instinto materno? Estudo garante que mulheres querem sexo, não bebês!*”, brinca com a negação da ordem hegemônica – mulheres querem amor. E continua: “*Na verdade, seria provocada pela liberação de alguns hormônios e mudanças biológicas*”. A desordem tem sustentação na mudança hormonal. As partes da publicação parecem não corresponder com a sutileza invocada pela imagem -, a apresentação do desejo pelo sexo claramente permitido em nossa sociedade para os homens.

O sexo é uma prática politicamente autorizada pelos homens e para seu deleite, às mulheres o sexo se presta à reprodução, sendo que qualquer outra relação estabelecida com essa prática pelas mulheres irrompe a ordem moral e adjetivação

destas como ‘vadias’, ‘vagabundas’, ‘galinhas’, ‘putas’ ou ainda ‘mulher fácil’. Tal relação e economia sexual já foi apontada no volume 2 da História da Sexualidade produzida por Michel Foucault (2014).

As colagens promovidas pelos discursos integram a engrenagem das construções sociais sobre as sexualidades. Afinal o desejo das mulheres pelo sexo se justifica pelo seu instinto materno, à elas as práticas sexuais se concentram na reprodução, prova disso são os períodos férteis ditados pela ciência, nos quais a mulher está autorizada a fazer sexo, por razões óbvias de manutenção e perpetuação da espécie.

As construções sociais e os discursos hegemônicos sobre sexualidade controlam os desejos e a conduta das práticas sexuais, sendo assim, ao homem é natural e justificada a “necessidade” do sexo, ele é o ser viril, que abstêm-se dos anseios da paternidade e pratica sexo pelo simples gozo e satisfação pessoal.

Quando o desejo pelo sexo se instaura na mulher deve ser justificado pela ciência, a desregulação dos hormônios, as disfunções fisiológicas, os distúrbios psicológicos, todos constroem um corpo desregulado e por vezes doente. E ainda ao autorizar o corpo feminino a praticar o sexo, esse deve atender aos requisitos do discurso dominante, o do corpo passivo, que se doa para dar prazer ao outro, sem o controle efetivo sobre as relações sexuais, isso age no senso comum e pode justificar o assombroso número de mulheres estupradas e violentadas diariamente.

Sendo assim as construções normativas de sexualidade constroem e sustentam padrões de caráter social, econômico e político, já que o enfretamento pela efetivação das identidades sexuais se estabelece em um campo de luta promovida pelo engajamento dos corpos.

Quando nos deparamos com a imagem contida na figura 12, fizemos o movimento de olhar a legenda e a imagem. A legenda afirma: “*Vacina do HPV¹⁹ é liberada para meninos*” e continua “*O ano de 2017 começou com uma promissora notícia na área da saúde: meninos com idade entre 12 e 13 anos já podem tomar a vacina contra o HPV*”.

¹⁹ HPV: o *Human Papiloma Virus*, ou HPV, é um vírus que vive na pele e nas mucosas dos seres humanos, tais como vulva, vagina, colo de útero e pênis. Quando afeta os órgãos genitais é uma infecção transmitida sexualmente (DST). O sexo desprotegido é a principal causa da transmissão. Fonte: <http://www.gineco.com.br/saude-feminina/doencas-femininas/hpv/> acessado em 02/02/2017.

Figura 12: Vacina do HPV é liberada para meninos.



Fonte: <<https://www.biologiatotal.com.br/blog.html?keyword=vacina+hpv>>(2016)

A chamada e a imagem me leva a pensar nas práticas de controle do sexo e do corpo. Obviamente que, na condição de mulher e professora de Biologia, me ocupo da importância da informação acerca dos mecanismos preventivos e tecnologias de controle de infecções virais. O contraponto que colocamos também é o de que, ao lado desta ação de uma política de saúde, vivemos em um momento em que cresce no Brasil a defesa de muitos grupos políticos, religiosos e da sociedade civil que defendem a exclusão das questões de gênero e sexualidade, e, nesse bojo, de discussões acerca das práticas sexuais, do erotismo e do desejo entre crianças e adolescentes, particularmente, no espaço escolar. Os paradoxos então sobressaem no mesmo cenário.

Retomando a imagem do controle dos corpos e do sexo, recuperamos a leitura de Foucault (2014) quando o filósofo aponta que

Falar do sexo das crianças, fazer com que falem dele os educadores, os médicos, os administradores e os pais. Ou então falar de sexo com as crianças, fazer falarem elas mesmas, encerrá-las numa teia de discurso que ora se dirigem a elas, impondo-lhes conhecimentos canônicos ou formando, a partir delas, um saber que escapa – tudo isso permite vincular a intensificação dos poderes à multiplicação do discurso. (FOUCAULT, 2014, p. 33).

Outra mensagem importante que capturamos na imagem da figura 12 é a do entendimento transmitido pela ciência de que a adoção de práticas como esta vacinação dos meninos, contribui para a diminuição do câncer de colo do útero e vulva nas

mulheres, já que medidas assim possibilitam a diminuição da circulação do vírus na população, o que beneficia diretamente o público feminino.

Colada a esta mensagem nos escapa a construção do universo masculino e feminino e suas relações com o sexo. Até aqui, em pleno século XXI, ainda assistimos o quanto as práticas sexuais tem sido incentivadas mais cedo entre os meninos, e na maioria das vezes o entendimento transmitido sobre o corpo feminino é de que este se presta a dar prazer; reservatório do desejo do homem- passivo que se torna disponível aos desejos deste.

A imagem presente na figura 13 repete a configuração da imagem 12, um ambiente hospitalar, evidente pela indumentária do indivíduo que sem apresentar seu rosto segura um objeto que traz os dizeres *Human Organ Transplant*, proficuo em conduzir quem a olha a outras imagens com estreita relação a órgãos, humanos e transplantes. Porém quais órgãos seriam? Quais imagens de órgãos os discursos hegemônicos nos condicionam a criar?

Figura 13: Você já ouviu falar em transplante de pênis?.

The image is a screenshot of a web page from 'Biologia Total'. At the top, there is a navigation bar with a red 'ASSINE JÁ!' button and links for 'VIDEOAULAS', 'MATERIAIS', 'SIMULADOS', 'CURSOS', 'BLOG', 'RANKING', 'AO VIVO', and 'CONTATO'. The main content area features a large blue header with the title 'Você já ouviu falar em transplante de pênis?' and the date '22 de Janeiro de 2016'. Below the title is a photograph of a person in a white lab coat holding a white bucket with the text 'HUMAN ORGAN FOR TRANSPLANT' printed on it. To the right of the main image is a sidebar with a red 'CATEGORIAS' button and an 'ABRIR' button. Below this is a section titled 'MAIS LIDOS' with a small image of a dog and the text 'O que fazer para ajudar seu cachorro que morre de medo de fogos de artifício?' and the sub-heading 'Fisiologia Animal'. At the bottom left of the main content area, there is a red 'LEIA MAIS' button.

Fonte: <<https://www.biologiatotal.com.br/blog/voce-ja-ouviu-falar-em-transplante-de-penis.html>>(2016)

A imagem ao colar no discurso cai na condição de imagem clichê, organizando encadeamentos sensório-motores. (DELEUZE, 2013).

Assim sendo a legenda “*Você já ouviu falar em transplante de pênis?*” logo abaixo “*O primeiro transplante de pênis realizado com sucesso ocorreu na África do Sul em 2014*” nos captura pelo corte dos possíveis que ela promove, visto que as produções sensoriais criam imagens de transplantes de coração, fígado, rim e pensar em transplante de pênis é algo que as nossas produções cotidianas e triviais dificultam e/ou impedem de serem construídas.

Mas por que a imagem não condiz com o real? O discurso diz o mesmo da imagem? Não seria a legenda um outro tipo de imagem? A imagem, seja ela discursiva ou fotográfica, possui a capacidade de criar vazios e a partir desses vazios produzir “coisas” em quem a olha, fundam operações para além da relação estabelecida entre o sensível e o real “... devemos fechar os olhos para ver quando o ato de ver nos remete, nos abre a um vazio que nos olha, nos concerne e, em certo sentido, nos constitui.” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 31).

A imagem seleciona alguma coisa, ela é propositiva, toda imagem tem uma seleção e organiza elementos que não representam o real, mas propõe um real, por isso as imagens são políticas.

A busca no *facebook* utilizando os mesmos distratores e, portanto “sexualidade”, “sexo” e “gênero” resultou na imagem apresentada na Figura 14. Quais significados esta imagem carrega? Estranhamento, ausência de significado ou vazio, são possibilidades de olhar para essa imagem, mas será tarefa da imagem carregar significados? Por que se busca traduzir o visível?

Figura 14: O pênis humano não tem osso, mas poderia ter.



A imagem pode levar quem a olha a diversos espaços, a diversas outras construções imagéticas, como já referido, no entanto, pode não levar a lugar algum. O que ela causa em quem a olha será desencadeado pelo encontro, só haverá afetamentos se houver encontros, “Claro, os encontros podem tomar formas muito diferentes, chegar ao excepcional, mas mantêm a mesma fórmula” (DELEUZE, 2013, p. 10).

A partir disso a imagem da figura 14 causou-me estranhamento quando a olhei, por provocar em mim um deslocamento ao desconhecido. A condição de significação da imagem é promissora em associar ou produzir imagens a partir de outras imagens apreendidas pelos nossos sentidos. O *blog* ao se utilizar da legenda fez dela um eficiente subterfúgio para promover a construção da imagem, mesmo que essa colagem estabelecida entre o discurso e a imagem se constitua como um clichê.

A sua legenda “*O pênis humano não tem osso, mas poderia ter*” nos possibilita olhar novamente para a imagem e ver nela uma estrutura óssea, rígida, cilíndrica que faz uma alusão ao formato do pênis do homem. A legenda que também é um tipo de imagem, afirma que o “*pênis humano não tem osso*”, ao mesmo tempo usa de uma conjunção adversativa para dizer “*mas poderia ter*”, ao fazer isso cola um discurso que suscita a virilidade masculina representada pela genitália desse, a potência do corpo

masculino, bem como a construção de sua sexualidade está assentada na rigidez, na força e no poder representado pelo pênis. E continua dizendo “*De acordo com pesquisadores, o modo de relação e o tempo de penetração influenciaram o desaparecimento do báculo, o osso do pênis, nos seres humanos. Em sociedades poligâmicas, como acontece com bonobos e chimpanzés, nossos parentes próximos, o osso do pênis facilita a penetração e a fecundação na fêmea, já que mantém a uretra aberta e promove um sexo com maior duração, reduzindo o acesso de outros machos à fêmea.*” O órgão que garante a reprodução humana é o símbolo da garantia e da manutenção de prazer à fêmea, o sexo é entendido como condicionante à manutenção das relações, é necessário dizer do que esse órgão é capaz, construir em torno dele proposições de desejo, figurações de sua capacidade de prazer.

A esse respeito retomo a Foucault (2014):

Não se trata somente de dizer o que foi feito – o ato sexual – e como, mas de reconstituir nele e a seu redor, os pensamentos e as obsessões que o acompanham, as imagens, os desejos, as modulações e a qualidade do prazer que o contém. Pela primeira vez, sem dúvida, uma sociedade se inclinou a solicitar e a ouvir a própria confiança dos prazeres individuais. (FOUCAULT, 2014, p. 71).

O fragmento acima confirma de acordo com Foucault (2014), a confissão sobre o sexo, o propósito das confissões sexuais instaurando e classificando os prazeres, descrevendo eficiências e deficiências do órgão. A eficiência na construção do modelo de masculinidade por meio do pênis é reproduzida pelo seu desenho anatômico, o órgão exposto, que ‘para fora’ revela sua força, sua potência, desperta curiosidade e libido ao mesmo tempo. A ciência será a responsável por ditar e estabelecer padrões de comportamentos sobre o sexo e as práticas sexuais, configurando os discursos de verdade em nossa sociedade.

2.3 – As imagens do Dicas de Ciências

Por que os discursos contribuem para ler as imagens? Os enunciados também são imagens?

A imagem da figura 15 apresenta como elementos constituintes de um recorte, inúmeros vocábulos em cores vermelha, verde, lilás, preto, amarelo e em tamanhos

reproduzindo e disseminando preconceitos? O que queremos com nossas aulas de reprodução humana? Qual dimensão de corpo estamos falando? Tratamos das diferenças? Ou reproduzimos e sustentamos discursos hegemônicos e normativos sobre sexualidade?

Os discursos normatizantes interferem nas construções curriculares, pois são elaborados dentro uma perspectiva moral e cristã na qual o binarismo determina as ações, como o certo e errado, o bem e o mal, homem e mulher. Sendo que para esta perspectiva não há trânsito ou possibilidades de ser e estar, e sim padrões de condutas e de masculinidades e feminilidades.

A imagem da Figura 16 apresenta uma potência tal capaz de articular discursos por meio de sua composição, quem brinca com os carrinhos é a menina, mantendo a proposta da cor ‘rosa’ de roupa e o menino, de azul, segura uma boneca, ambos se apresentam felizes e contentes com seus brinquedos e as brincadeiras que os objetos permitem construir. O ambiente de uma sala parece familiar e aconchegante.

Figura 16: Sexo, Gênero e Orientação Sexual.



Fonte: <<https://www.facebook.com/Dicas.de.Ciencias//sexp-genero-orientacaoosexual>>(2016)

Buscar pelo entendimento de que educação e sexualidade são assuntos que se atravessam é importante para promover atitudes de igualdade de gênero, pois compreender que meninos podem brincar com quaisquer objetos, visto que a criança não sabe da associação ‘para meninos’ e ‘para meninas’ elaboradas pelos adultos, constrói para este, dentro do universo infantil, a possibilidade de aprender a trocar

fraldas do bebê, dar banho e mamadeira, além de colaborar com a lida da casa, limpar, cozinhar, passar roupa e outras tantas tarefas reservadas ao sexo feminino.

O mesmo pensamento pode ser elaborado para as meninas, que excluídas das brincadeiras ‘de meninos’, ao se tornarem adultas irão enfrentar situações que para os meninos são corriqueiras devido sua intimidade na infância, são elas trocar pneu, levar o carro a uma oficina mecânica, instalar eletrônicos em casa, trocar o gás e tantas outras tarefas que naturalizadas como sendo ‘de meninos’ segregam meninas e aquelas entendidas como sendo ‘de meninas’ excluem meninos.

O entendimento de que imagens e discursos operam sentidos que são mantidos, sustentados e disseminados por diversas instâncias e instituições sociais. Padrões morais determinam condutas, definem atitudes e condicionam corpos a expressarem modelos de sexualidade.

A família é o cristal no dispositivo da sexualidade: parece difundir uma sexualidade que de fato reflete e difrata. Por sua penetrabilidade e sua repercussão voltada para o exterior, ela é um dos elementos táticos mais preciosos para esse dispositivo. (FOUCAULT, 2014, p. 77).

Pensada como dispositivo, a sexualidade se instala nos modos de existir e tomada como peça fundamental para fazer funcionar e gestar a vida. Olhar para os seus efeitos pode ser um passo importante para fazer romper com modos de funcionamento violento.

2.4 – As imagens do Eu quero Biologia

Por que os discursos da ciência reforçam os preconceitos de gênero?

Em vias de concluir o estudo, já no penúltimo *blog*, ratifico a utilização dos discursos heteronormativos e quão forte e sutil é o mecanismo de colagem destes com ou por meio da legalidade da ciência. Na imagem selecionada o enunciado ‘*Sistema de determinação do sexo: XY, X0 e ZW*’ que irá discorrer sobre a determinação sexual através de cromossomos, aponta de uma forma lúdica a representação dos sexos biológicos nos personagens dos Simpsons.

Sob essa perspectiva assenta-se o binarismo homem/mulher e como tal não aponta as possibilidades do intersexo²⁰, ou seja, o discurso da ciência reforça a construção social vigente de que as únicas possibilidades de expressão dos cromossomos são homem ou mulher. É masculino o que não é feminino. Entendendo que as definições não dão conta de definir as diferentes identidades sexuais existentes e, portanto, há inúmeras possibilidades de se viver as distintas formas de sexualidade.

A imagem é um mecanismo que opera discursos, é um fazer ver pela subjetividade, o que ela cria diante os olhos de quem a vê diz e reforça sobre os entendimentos sobre o que se olha. A imagem independe do texto verbal ou do dizível para expressar seus significados, ela encaminha entendimentos, direciona olhares.

Os imperativos de normatização operam significados e dissipam seus discursos nos mais diversos ambientes e (re) produzem elementos que agem nesse sentido. Os desenhos, contos e histórias infantis confirmam o dito acima, na massacrante maioria das produções infantis o padrão heteronormativo, bem como as feminilidades e masculinidades obedecem à regras de como ‘as meninas e os meninos’ devem se portar em sociedade.

Esses elementos são apropriados pelas diversas instituições que reforçam a diferença entre os gêneros, a mídia é uma grande disseminadora dos papéis femininos e masculinos, ela age como articuladora no processo de efetivação dos padrões dentro do binarismo o que é ser homem e o que é ser mulher. A imagem presente na Figura 17 caracteriza o formato de uma família padrão, um homem, uma mulher, um filho e duas filhas, a normatização se consolida como produções educativas.

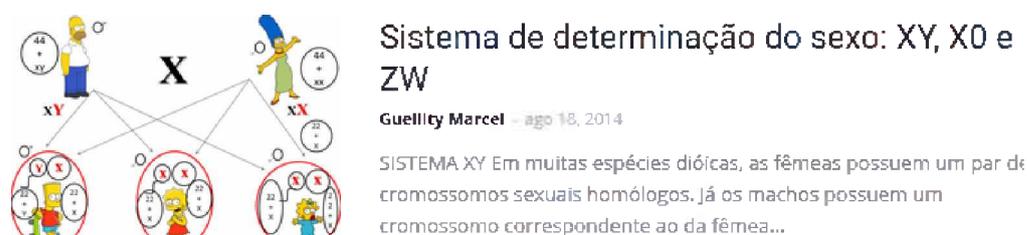
As imagens são, portanto políticas pelos elementos que a compõe, sua potência em mostrar o visível, mas em fornecer pistas acerca de como o visível é apreendido enfatiza estigmas de dominação, evidenciam estereótipos, o que convoca quem a olha, alcança o outro e com isso produz subjetividades.

A imagem selecionada na Figura 17 apresenta esses elementos dos quais falamos acima, ao ser enquadrada dentro da visão binária na composição de uma família por

²⁰ Intersexo masculino (xy) embora os órgãos sexuais externos não se desenvolvam normalmente. Intersexo feminino (xx) o clitóris desenvolve excessivamente adquirindo um formato semelhante a um pênis.

uma casal de um homem e uma mulher a compor a família como ideal heteronormativo, buscou se com isso expressar marcas de gênero, sendo este o padrão estabelecido socialmente.

Figura 17: Sistema de determinação do sexo: XY, X0 e ZW.



Fonte: <<http://www.euquerobiologia.com.br/2014/08/sistema-de-determinacao-do-sexo-xy-x0-e.html>>(2016)

A imagem representa o ideal social e não está reduzida ou conectada a legenda ao dizível, mas esta cola o discurso eficientemente e constrói vínculos que se reproduzem um no outro, ou seja, ‘ler a imagem é ao mesmo tempo ver a legenda’, a organização dos elementos se dá pela engrenagem que estabelece os clichês da imagem.

2.5 – As imagens no TUDO de BIO

Em que momento a relação entre o visível e o dizível desencadeia imagens que passam a integrar o próprio discurso?

Os referenciais do campo dos estudos de gênero, utilizados em nosso estudo, corroboram com afirmação de que as imagens que encontramos no contexto dos *blogs* servem como possibilidades de reafirmação da naturalização dos discursos heteronormativos, da manutenção do binarismo de gênero e da expressividade de feminilidades e masculinidades alinhadas ao modelo sexo-gênero. Elas funcionam como operações de colagem a palavras e a modos de fazer aparecer um padrão de corpo e indivíduo, que segue a norma, a mantém, a legaliza e a institucionaliza.

As imagens possuem uma potência própria, capaz de provocar, incitar, afetar ou nada revelar naquele ser que a olha, não é tarefa da imagem proliferar discursos já que ela é por si só, o que parece acontecer é uma captura do visível pelo dizível e uma

engrenagem então se estabelece, a cola se dá quando quem olha para a imagem se apropria dessa para ler o discurso e volta ao dizível e vê a imagem, essa cola se repete continuamente e, portanto se estabelece o clichê, a forma como as análises das imagens do nosso estudo foi feita atendem à essa dinâmica.

Para Rancière (2012) nós não estamos diante das imagens e sim no meio delas e elas no meio de nós, o que precisamos é saber como circular entre elas e como as fazemos circular. Com isso buscamos entender como os discursos hegemônicos e normativos capturam as imagens e se fazem serem vistos por quem as olha, estabelecendo uma relação entre o visível e o dizível, entre palavras e corpos.

A imagem presente nas Figuras 18 e 19 invocam como o fumo se associa aos fatores genéticos '*Fumar e Genética*' e '*Fumar: Dano Genético Expresso*', porém a forma como esses recortes são postos nas publicações, elas manifestam de formas diferentes a utilização dos corpos masculinos e femininos.

A sensualidade marcada na Figura 18, com a boca feminina (ou um corpo que apresenta marcas sutis de feminilidade) entreaberta, marca de desejo, revela erotismo, incita o olhar e promove construções possíveis de outras imagens que se relacionam ao prazer.

Figura 18: Cigarro e Genética.

sexta-feira, 27 de abril de 2010
Cigarro e Genética



Consumo de cigarro está ligado a fatores genéticos, diz estudo. As variações genéticas individuais têm influência sobre o consumo de tabaco, em especial sobre o número de cigarros fumados diariamente, que supõem um indicador de dependência, concluem três estudos publicados na revista Nature Genetics. "Fumar faz mal à saúde, mas a genética também influencia a ac-

ela apresentação da boca do que se reconhece como .quela capaz de provocar e fazer desejar, não qualquer mulher, e a imagem que se apresenta em meu movimento de olhar para a imagem. Ao fim, é o cigarro que libera substâncias que promovem sensações de relaxamento aos seus consumidores. A mulher da imagem não traga. O cigarro é objeto de alimentação da sensualidade e erotismo. Do desejo de fumar.

Fonte: <<http://tudodebio.blogspot.com.br/search?q=cigarro>>(2016)

Na imagem da figura 19, em contrapartida, está anunciada pela barba, a boca de um homem. Uma boca que fuma. Suas marcas falam de um corpo masculino e este sim, se serve do prazer, consome o cigarro.

Figura 19: Fumar: Dano Genético Expresso.

Fumar: Dano Genético Expresso



Estudo: fumar causa danos genéticos minutos após inalação
Estudo realizado por cientistas americanos concluiu que a fumaça do cigarro começa a provocar danos genéticos minutos - e não anos - após chegar aos pulmões. A pesquisa foi publicada na revista *Chemical Research in Toxicology*. Os pesquisadores envolvidos no estudo de pequeno porte descreveram os resultados como um alerta para pessoas...

Fonte: <<http://tudodebio.blogspot.com.br/search?q=cigarro>>(2016)

As duas imagens – figuras 18 e 19 - confirmam discursos de gênero ao se utilizarem, como tantas outras imagens, dos corpos femininos e masculinos como lugares dos possíveis – ao prazer, ao consumo de drogas.

Sobre o dispositivo da sexualidade e o mecanismo de fazer os corpos expressarem discursos, Foucault (2014) dirá que,

...o dispositivo de sexualidade engendra, em troca, uma extensão permanente dos domínios e das formas de controle. Para o primeiro, o que é pertinente é o vínculo entre parceiros com status definido; para o segundo, são as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões, por tênues ou imperceptíveis que sejam. (...) o dispositivo de sexualidade se liga à economia através de articulações numerosas e sutis, sendo o corpo a principal – corpo que produz e consome. (FOUCAULT, 2014, p. 116).

As imagens se estabelecem, portanto, como um conjunto de operações que permite a apreensão do visível, sendo assim a utilização apelativa pela exposição dos corpos evidencia ao público o que se quer atingir.

Essa construção parte das naturalizações sobre o que é permitido ao homem e à mulher, afinal fumar ‘é feio’ para mulheres, já para os homens essa prática é tanto possível quanto incentivada. São imagens e figurações que reforçam a noção de ‘privilégio biológico’ e do ‘destino biológico’ configurando relações de poder e dominação entre as demarcações do feminino e do masculino, do homem e da mulher.

Tal construção é perpassada por imagens e imagens que são mantidas e proliferadas em diversos meios. Se bem observarmos as imagens agenciam discursos, práticas que instalam e constituem modos de existência.

Capítulo III

AFETAMENTOS DA PESQUISA

A elaboração deste estudo promoveu em mim inúmeros afetamentos que foram acontecendo na medida em que ele foi tomando forma, a cada linha escrita uma implicação nova surgia, os encontros com as imagens me causavam ‘coisas’ diferentes e a retomada ao texto ou à escrita me fazia pensar sobre como eu própria escrevia.

O envolvimento com a discussão presente neste estudo precede a elaboração deste trabalho, no entanto, entendo que ele seja um construto político, algo que me lança para além do espaço da academia e me mobiliza a pensar como se dão as relações nas diferentes esferas sociais, para tanto passa a ser uma ferramenta que me subsidia a provocar movimentos em outras pessoas e em outros lugares que me encontro.

Pensando assim ao tempo que me encaminhava para o fecho deste texto, já no momento da qualificação, dialogava com a minha banca sobre meu desejo pulsante de levar as imagens para a minha ação docente. Queria provocar as pessoas com as imagens que compõem o próprio estudo, pois estava interessada saber o que elas ‘viam’ naquilo que olhavam ou o que as faziam ‘olhar’ para as imagens. Interessava-me a relação que estabeleciam entre o dizível e o visível, procurei por promover encontros entre pessoas e imagens e colher disso percepções que me faziam entender como, em uma sociedade imagética que nos encontramos, se dá o movimento de olhar para aquilo que as olham.

Assim passei a construir esses encontros. Escolhi como cenário três espaços que envolvem a uma grande parte de pessoas da minha convivência profissional e de relações de amizades e familiares. Julguei-os como locais interessante devido ao fácil acesso às respostas e às pessoas, pois fazem parte de meu convívio diário e pessoal. A escola, o primeiro deles por ser aí que os meus afetamentos mais se dão, contemplando minha rotina diária de trabalho e as mídias sociais, *facebook* e *instagram* por me possibilitarem acesso às pessoas e por comporem minhas relações afetivas.

Descrevo a seguir como se deu cada um desses encontros.

3.1 - O encontro entre as imagens e a escola

Apresentar as imagens à escola aconteceu dentro de um projeto que desenvolvi, denominado “Sexualidade na escola. E agora?”, no segundo semestre de 2016, com turmas dos 8º anos do ensino fundamental, em uma escola da rede privada de ensino. Organizado em três módulos, o projeto transcorreu no espaço da sala de aula de Ciências e em outros espaços da escola: No *primeiro módulo* discutimos sobre a questão do corpo feminino nas músicas ou a própria situação em que as mulheres são enfatizadas nas relações tratadas de uma forma geral pelas canções brasileiras dentro dos variados gêneros musicais.

As letras das músicas foram escolhidas e levadas para a sala de aula pelos/as alunos/as que escolheram o gênero musical *funk*. Eles/as foram caracterizados de *‘funkeiros/as’* o que já causou controvérsias no interior da própria turma, pois as meninas diziam que não se sentiam a vontade com ‘aquelas’ roupas porque sabiam que isso seria motivo mais que suficiente para serem assediadas pelos meninos, e que, entre elas, seriam chamadas de “cachorras”, “putas”, “vagabundas” e outros adjetivos mais que utilizaram para defenderem que o machismo também está impregnado e disseminado também entre as mulheres.

A defesa das letras assentou-se no entendimento de que elas, majoritariamente, subjagam as mulheres, enaltecem partes do corpo, evidenciam a sua coisificação. Foi destacado que os gestos sexuais que o corpo executa, durante a melodia, na maioria das vezes, contribui para que ocorram assédios, mas mesmo reconhecendo isso, afirmavam gostar da melodia para dançar. Em razão das discussões promovidas, mesmo havendo questionamento sobre dançar o *funk*, foi colocada pelo próprio grupo de meninas que garotos não têm direito de tocá-las. Os meninos reagiram dizendo que a dança os provoca.

Apresento assim, de forma rápida e sem detalhamento maior, dado que estas situações de sala de aula não foram o foco da minha pesquisa, mas dela decorreu, um conjunto de questões assinaladas a partir de um campo constitutivo das vidas dos/as adolescentes – e não apenas deles/as – que é a música. Do mesmo modo que as imagens a música também carrega preceitos, modos de ver e de existir no campo do gênero, do corpo e da sexualidade.

A discussão sobre o corpo humano suscitada pelas experiências musicais da turma foi possível no projeto. Por meio delas, pude colocar em funcionamento a problematização acerca das feminilidades – e das masculinidades - como alerta Juliana Ribeiro Vargas (2015, p. 5-6), “[...] uma vez que as mesmas tensionam, em determinadas situações, a exemplo de algumas como as analisadas neste estudo, características associadas a um ideário feminino ainda vigente. [...]”.

No *segundo* módulo problematizamos a questão da funcionalidade da roupa em nossa sociedade. Nele procurei com eles/elas os elementos históricos que justificassem a utilização das roupas, para isso recorremos a informações no campo da Evolução para compreender que nossa espécie – *Homo sapiens*, em seus primórdios, apresentava uma quantidade de pelo tal que dispensava a utilização de vestimenta. Com o passar do tempo e a diversidade de ambientes conquistados pelo homem, este perde consideravelmente seus pelos o que o forçará a criar meios para protegê-lo contra o frio, o calor e as variadas intempéries do meio.

Fazê-los/as pensar sobre isso conduziu a uma série de questionamentos acerca de quem e como são definidas as nossas vestes (roupas), da possibilidade de nos vestirmos do modo como quisermos, independente do sexo e do gênero e duplas (meninos e meninas) se propuseram a trocar as suas roupas, e, de roupas trocadas, assistiram a todo o horário da aula. Ao final perguntei sobre como sentiam-se aqueles/as que haviam trocado as roupas e relataram sentirem-se bem, as meninas, porque as roupas masculinas são confortáveis, e de modo bizarro, um menino, porque o vestido que estava era muito apertado.

A troca da roupa não foi prevista em meu projeto, ela decorreu de uma ação dos/as alunos/as no meio da discussão. Essa atitude e a forma séria como encararam as possibilidades de masculinidades e feminilidades nos mostra que a escola é espaço de aprendizagens diversas. É espaço de conviver com as pessoas, essa convivência pode nos afetar de modo variado e nos proporcionar experiências, além disso, prova que esses/as meninos e meninas aprendem conosco, adultos que os rodeiam, sobre muitos acontecimentos e questões da vida, no caso particular, foi uma experiência que mobilizou alguns preconceitos. Terminei o módulo com a certeza de que a escola pode ser um espaço das diferenças.

No *terceiro módulo* uma caixa “do anjo”²¹ foi utilizada para que depositassem perguntas sobre sexualidade. A identificação pelo nome não era necessária, pretendia assim promover com que todos/as participassem, evitando o constrangimento perante a turma, isso porque a proposta foi a de que a pergunta fosse lida e respondida em voz alta a todos/as. As perguntas foram de muitas ordens, mas todas pareciam dizer das experiências daqueles/as adolescentes, no momento particular de suas vidas. Elas referiram-se ao apaixonamento, ao prazer sexual, aos estereótipos de feminilidades e masculinidades, a cirurgia de redesignação sexual, a práticas sexuais, a fisiologia dos órgãos sexuais, ao uso de métodos anticoncepcionais femininos, a masturbação, ao orgasmo feminino, virgindade, uso de preservativo masculino, a primeira relação sexual, ao ponto G, a relação menstruação prática sexual, a AIDS, a homossexualidade, o tamanho do pênis, entre outras.

Abrir espaço para que sejam colocadas perguntas, dúvidas tem a dupla finalidade que é a de aproximação do que pensar no campo da sexualidade, do gênero e do corpo e as ressonâncias com o que são as questões dos/as alunos/as. Em nossa perspectiva, falo também em nome do GPECS, a intenção não é buscar e substituir verdades, mas olhar para o modo como elas circulam e coloca-las em debate. Assim, as perguntas produzidas se esbarram nas experimentações vividas por eles/as, as dúvidas dizem deles/as que iniciando suas práticas sexuais estão ávidos/as por compartilhar questionamentos, ação essa que nem sempre encontram o movimento da escuta.

Foi neste *terceiro* e último módulo que as imagens da minha pesquisa foram apresentadas a eles/as.

Pensar, organizar e implementar o projeto, serviu, para mim, como forma de articular as discussões do grupo de pesquisa, as leituras e discussões sobre a minha pesquisa e, ao mesmo tempo, carregar as imagens, a sexualidade, o gênero e o corpo por mim encontrados para lugares que ocupava e ocupo fora, ou melhor, na articulação com a pós-graduação.

Levar essas imagens para a escola e pensar/descrever os afetamentos causados em mim define um relato de experiência que sobremaneira contribui para o processo movente de minha constituição neste momento da dissertação –

²¹ Denominei de “caixa do anjo” ironizando a concepção de que os adolescentes nessa faixa etária (entre 13 e 15 anos) são desprovidos de conhecimentos sobre sexualidade e eu alguém “dotada” de esclarecimento a esclarecer suas dúvidas.

MulherProfessoraPesquisadoraGente. Essa experiência me permitiu olhar para a naturalização dos discursos que concernem às questões de gênero, de sexualidades e os corpos nesses contextos. Viver a pesquisa em lugares múltiplos: esse tem sido o desafio!

O momento em que apresentei as imagens aos/as alunos/as, foi quando discutia o tema *corpo humano*, precisamente na apresentação do conteúdo *reprodução humana*, assunto no qual, em regra geral, os/as alunos/as levantam dúvidas, questionamentos, o que, ao mesmo tempo, exigem nossa intervenção e abertura ao diálogo.

Então, confeccionei pranchas com as imagens, presentes no *blog* Diário de Biologia, utilizei as imagens deste *blog* por ter sido o primeiro a ser investigado por mim e, portanto as primeiras imagens selecionadas foram dele, sendo apresentadas em dois momentos: um primeiro apenas a imagem descolada da publicação e o segundo com a publicação completa – e imagem. Promover essas duas possibilidades me permitiu perceber a situação de colagem entre o texto não imagético e as imagens.

Imagens sem legenda



Figura 6



Figura 7



Figura 8

Imagens com legenda



Figura 6a

Existe "opção sexual"? A resposta da ciência é "NÃO".

08:03 Vinicius Silva - Biólogo

Atenção: Este texto não está "levantando bandeiras". Apenas estamos suprimindo a necessidade de diversos leitores interessados na posição da ciência quanto a...

READ MORE



Figura 7a

Mulher engravidada através de sexo anal e choca médicos. Veja como aconteceu!

15:13 Karlla Patricia - Bióloga

Até o momento, tudo que você pensou sobre gravidez através de penetração anal, foi que esta prática é impossível. Isso porque, não...

READ MORE



Figura 8a

Essa menina nasceu menino. Danann Tyler é transgênero e já tentou cortar o próprio pênis para "se livrar do problema"

22:08 Karlla Patricia - Bióloga

Danann Tyler, nascida em 2003, veio ao mundo com o par de cromossomos XY, que define na fase embrionária os órgãos sexuais masculinos.

READ MORE

Para ver as imagens, eles/elas se agruparam com seus/suas afins, e foi instaurado um debate sobre o que poderiam representar tais imagens. O movimento da escuta foi outro afeto experimentado por mim tão prazeroso quanto ler sobre suas percepções.

Com isso tecerei comentários acerca destes afetos, utilizando-me das escutas que realizei e apresentarei o quanto os discursos sobre sexualidade foram capturados por eles/as, de forma quase invisível, e o quanto as verdades sobre ela ou sobre o sexo, ou ainda sobre o corpo, são inquestionavelmente concebidos dentro de padrões que contemplam o binarismo homem/mulher. Outro dado é o quanto a descrição do universo que compõem o espaço do homem e da mulher é determinado socialmente e naturalizado em cores e modelos de roupas, gestos, comportamentos, deveres, obrigações e funções que atendem e reforçam ao binarismo de gênero e a matriz heterossexual como nos ensina Judith Butler (2015).

Na escuta e leitura dos comentários realizados sobre a Figura 07 percebi o quanto são múltiplas as possibilidades de olhar a imagem. Houve o relato de que o recorte aponta para “uma mulher grávida” ou ainda o cuidado dessa futura mãe com seu ventre. Para outros/as nuances que compõem a imagem, unhas compridas e pintadas de rosa, o decote, a própria vestimenta marcam o sexo feminino o que parece ter permitido a inferência sobre o sexo do bebê ser também mulher.

Ouvi também outras inferências sobre a mesma imagem como a que se tinha uma “barriga de aluguel ou inseminação artificial”, “filho sem seu parceiro”, “mãe solteira”, “pensando em aborto”, “xingamentos da sociedade”. Tal audição produziu em mim a imagem acerca do modo como foi estabelecida uma consonância com estereótipos e preconceitos sociais, haja vista, que o padrão é o evento da gravidez acontecer após o enlace matrimonial entre um homem e uma mulher, qualquer ação fora disso carrega preconceitos e “xingamentos”.

Retomando Deleuze (2013) pensei no quanto “... percebemos sempre menos, percebemos apenas o que temos interesse em perceber...” (DELEUZE, 2013, p. 31) e pensei também no espanto que muitos/as demonstraram ao se depararem com a legenda da Figura 8a. Conduzir o/a leitor/a a olhar para a imagem e traduzi-la é um movimento comum e, por isso, utilizado como estratégia na disseminação de discursos que determinam maneiras de ser e estar dos indivíduos. A imagem textual encaminha o indivíduo a ver o que a construção do texto possibilita, ou seja, as legendas carregam

discursos que fazem colar às imagens apresentadas, daí o movimento de fazê-los olhar primeiro para a imagem sem a legenda e só depois apresentar a imagem colada ao texto. Um movimento de fazer ver a imagem sem que ela se apresente como uma imagem-saber.

Com a exposição das imagens completas, com a publicação escrita, pude assistir como elas provocaram reações de indignação, espanto, até a verbalização de não ter assumido tal interpretação por considerá-la absurda. O que me leva a dizer que os discursos dominantes como os da heterossexualidade, do binarismo de gênero, da normatização, via cores, roupas e brinquedos, povoam as relações sociais e o cotidiano.

Meus registros das reações frente a Figura 06 foram os de que havia a demonstração de certa segurança em olhar para a imagem e buscar as possibilidades encontradas por aqueles personagens a escaparem da norma heterossexual. A afirmação de que a imagem trazia um casal homossexual é o que os rostos cobertos na imagem provocam em alguns alunos. Suas afirmações de que poderia ser um casal se beijando, um casal homossexual, “reprimidos” ou se “escondendo” da sociedade. Assim, falam em pessoas reprimidas, que se escondem, tem medo, sofrem preconceitos. Mas há quem escape dessa possível leitura da imagem, pois aponta para a possibilidade de a foto demonstrar uma forma de protesto.

O recorte dessa imagem apresenta uma composição de seus elementos constituintes: a gravata, o terno vestido por um/a deles/as, a cor bordô da roupa do outro/a, e a aproximação dos rostos envolvidos por um lenço cinza. São todos esses elementos que produzem a imagem e a fazem olhar para quem a olha. Nesse movimento, são construídas uma série de relações entre os/as personagens da imagem.

O fato de os rostos estarem cobertos criou para outra possibilidade de relação, que não a binária entre um homem e uma mulher, produziu assim outras imagens a partir da que olhavam. Por que esses rostos estariam encobertos? Essas pessoas escondem o quê? De quem? Essas perguntas que também me fiz, ao me deparar com a imagem, ajudam a pensar que os discursos se estabelecem na sociedade de uma forma sutil, assim como um véu que tenta esconder algo. Qual a potência desses rostos cobertos na imagem? Qual a potência da imagem? Creio que tanto revelar quanto encobrir, depende das ferramentas de quem as possam olhar.

O pano que encobre os rostos na figura 06 esconde as faces. Haveria a sugestão de ‘olhos abertos’ é possível fazer escolhas? O questionamento lançado pela legenda “*Existe opção sexual*”? É também respondido, prontamente, por ela: “*A resposta da ciência é “NÃO”, e ainda afirma que o texto “não está ‘levantando bandeiras’”*”. Apenas suprimindo a necessidade de leitores interessados na posição da ciência quanto à “opção sexual”. (DIÁRIO DE BIOLOGIA, 2016).

O pano que encobre os rostos na imagem a mim parece revelar que qualquer outra conformação que não seja a heteronormativa, se enquadra no que deve ser velado, secreto, errado e, sobretudo escondido. As evidências dos elementos constituintes da imagem, a cor bordô, o terno e a gravata não confirmam de forma alguma a realidade dos/as personagens, sendo possível que aqueles corpos sejam de dois homens ou duas mulheres. Quando retomo a publicação e leio nas suas palavras-chave (*Tags* na linguagem midiática) a palavra Renè Margrite, fui em busca e me deparei com o quadro desse artista nascido na Bélgica intitulado *Os amantes*. Exposto na Galeria Nacional da Austrália, ele é retirado de seu contexto e readequado na imagem da publicação. A obra original apresenta duas pessoas com rostos envolvidos, mas posicionados um ao lado do outro. Uma das pessoas vestido com paletó, gravata escura e uma camisa branca. A outra, com roupa bordô, com gola em V, permitindo que, em nossa cultura, associemos a uma mulher. No plano de fundo é formado por montanhas, árvores, em tom verde escuro, e um céu igualmente acinzentado. Não foi a nossa tarefa, ir em busca das imagens originais. Mas, fiquei me perguntando sobre o que essa segunda imagem provocaria em meus/minhas alunos/as. Em mim, continuo pensando que há possibilidade de serem de mesmo sexo biológico e identidades de gênero diversas ou pessoas alinhadas sexo-gênero. Sabendo que é um quadro de Margrite, o original, precisaria ir a busca da sua história. Mas voltando o olhar para o quadro da publicação, reitero que, como o original, há nele, e em quem os escolheu para compor a publicação uma intencionalidade.

Ao lerem a legenda no segundo momento, muitos/as afirmaram que os personagens tinham o mesmo sexo e a relação estabelecida entre eles seria homossexual. O intuito não estava em decifrar enigmas, nem darem repostas corretas, visto que não há respostas e menos ainda que quando apresentadas, estas devem estar corretas, mas esse movimento com as imagens foi importante para me fazer pensar sobre os preconceitos que nutrimos por desconhecimentos ou devido à uma educação

impregnada por hábitos e morais religiosas que nos conduzem a práticas desumanas, segregatórias e punitivas para com aqueles/as que escapam à norma.

A imagem da figura 08 foi talvez a mais reveladora para mim, pois a configuração dos elementos presentes nela e a estética corporal assumida pela personagem induziram a todos/as a acreditarem no que viam. As reações e informações foram as de que se tratava de uma menina com brinquedo de menina, do estado de felicidade de uma menina que ganha um unicórnio de brinquedo ou o estado de solidão de uma menina dócil que não tem muitos amigos. Sem nenhuma dúvida, para quem via a imagem, que ela estampava uma menina, assim a identidade de gênero alinhada ao sexo biológico concordava com a tipificação da personagem como a cor rosa preenchendo a maior parte do cenário, cabelos longos, adornos no braço, portanto, uma menina do sexo feminino.

Pude experimentar o sentimento de admiração causada no grupo, quando apresentei a legenda. Observei o quanto o desalinhamento de sexo-gênero ainda não é parte de nossos pensamentos cotidianos a conformidade biológica com a expressão de gênero é sempre *cis*²².

A partir do processo de desestabilização provocado pela legenda, a organização do espaço feminino e do espaço masculino demarcados social e culturalmente, pela escola, família, igreja, mídias, nas cores, nos brinquedos. Os diálogos acerca desses marcadores me colocam diante da percepção que muitos/as têm sobre a organização social ocupada por corpos femininos e masculinos, porém ainda se distanciam em perceber outras nuances de feminilidades e masculinidades que se descolam do alinhamento sexo-gênero, presentes na sociedade.

Ouvi muitos questionamentos diante da legenda da imagem da figura 08 que afirma: “*Essa menina nasceu menino. Danann Tyler é transgênero e já tentou cortar o próprio pênis para ‘se livrar do problema’*”. A maioria das dúvidas concentraram-se nos fatores biológicos, do tipo como isso é possível? Até o estranhamento quanto a organização desse tipo de corpo (transgênero). À medida que avançamos no assunto passei a observar que a legenda despertou sentimentos de compaixão e revolta, isso

²² *Cis* é uma expressão utilizada para definir o alinhamento entre o sexo biológico, a identidade de gênero e seu corpo. <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/09/17/o-que-sao-pessoas-cis-e-cissexismo/>.

ocorre quando a criança da imagem passa a ser vista, e que e tantas outras/os têm atitudes como a retratada na legenda por conta da abjeção, repulsa e estranheza em um modelo de sociedade formatada dentro de padrões estereotipados de gênero.

Observar o caminho tomado na turma reforça a minha defesa da necessidade de se trabalhar, no âmbito escolar, temas como, sexualidade, identidade de gênero, corpo, sexo e tantos outros, que compõem a Educação em Ciências, que são negligenciados, tais como o debate acerca das questões das violências, étnicas, culturas juvenis, etc.

Experimentar essas imagens com eles/as foi extremamente significativo para a conclusão desse estudo, pois foi possível promover discussões impensadas por eles/as em outras disciplinas sob a perspectiva de desconstruir preconceitos e quebrar pressupostos, eles/as puderam falar de si e do mundo.

Outro momento que desloca minha prática docente, devido ao alto grau de responsabilidade em ser eu a dividir com eles/as construções tão privadas e singulares em suas vidas. Venho entendendo ao longo dos meus anos de prática docente que informar-los/as a cerca dos riscos, conscientiza-los/as sobre seus corpos e fazer-los/as pensar sobre questões que concernem ao sexo é uma tarefa antes que social, política, por entender que suas sexualidades compõem e os/as fazem ocupar lugares na sociedade.

Para encerrar o projeto, convidei os pais e as mães para participarem de uma conversa sobre o projeto desenvolvido com seus filhos/as. No total foram convidados/as 77 (setenta e sete), desses 25 (vinte e cinco) compareceram.

A conversa durou em torno de duas horas sendo aberta com as formalidades das apresentações e em seguida sugeri que todos/as se levantassem e percorressem livremente e aleatoriamente o espaço da sala em que estavam, ao som das músicas de *funk*, as mesmas que foram escolhidas pelos alunos/as. Durante a ‘caminhada’ avisei que no momento em que eu parasse a música eles/elas deviam parar e permanecer diante a pessoa que estava ao seu lado, sem procurar pelo esposo ou esposa.

Assim o fizeram e diante de outra pessoa, a maioria desconhecia seu par, sugeri que em um tempo determinado por mim, aproveitassem para saber da vida desse/a outro/a pessoa, sugeri perguntas como gosto musical, pratos que mais apreciavam, viagens inesquecíveis entre outras. Encerrado o tempo busquei algumas duplas e as interroguei só que promovi perguntas impensadas e não feitas por eles/as, como qual a

altura do seu par, quanto calçava ou qual presente mais gostara de ganhar em sua infância. Essa dinâmica permitiu ‘quebrar o gelo’ e dar prosseguimento ao encontro.

Então projetei os questionamentos feitos pelos seus/as filhas no *terceiro* módulo e perguntei à eles/as os/as questionei sobre os motivos de seus/as filhos/as fazerem aquelas perguntas a mim. Eles/as apresentaram vários argumentos desde a confiança que depositavam em mim como profissional, passando pela informação de que era um tema não tratado em casa por tabu ou medo de serem incentivadores das suas práticas sexuais. Outra resposta foi a de um pai que afirmou conversar com o filho, mas que a filha era “problema” da mãe.

Caminhando para o fim do encontro projetei uma pergunta que apareceu na caixa do “anjo”, ela dizia sobre um segredo guardado desde a infância e que um/a aluno/a, no *terceiro* módulo do projeto, resolveu escrever. O segredo dizia respeito a homossexualidade que não podia revelar aos/as amigos/as nem a família, muito religiosa. Deixei um tempo para que pais/mães pensassem na pergunta e fui induzindo-os/as quanto ao temor evidente na fala desse/a autor/a da pergunta.

O silêncio incomodava e foi quebrado pelo choro de uma mãe que revelou não saber como lidar com a situação, mas ao mesmo tempo sabia da importância de se aproximar dos/as filhos/as por entender que essa pergunta poderia ter vindo de algum/a deles/as. Várias foram as manifestações de concordância, e ao final, salientaram para a relevância de projetos como o realizado.

Para encerrar, o encontro com os/as pais/mães, apresentei um curta-metragem ²³a eles/as que ressalta o sentimento do amor em detrimento a raça, cor da pele, escolha religiosa ou sexual, aparência física, idade e tantas outros marcadores sociais que separam, ferem e até ceifam a vida de tantos indivíduos excluídos da convivência de pessoas que amam, de partilhar suas histórias por se apresentarem fora do padrão normativo.

Assim o projeto alcançou seu propósito assim como este estudo em mim: afetar, fazer pensar, implicar-me com o que está posto, inquietar-me com as regras sem

²³ O vídeo intitulado ‘casal que se beija atrás de painel de raio x’, foi retirado do canal *youtube* no seguinte endereço <https://www.youtube.com/watch?v=Cz4-K87VMXo>.

pretensões breves de mudança, mas incomodar. Recorremos a Foucault (2014), para afirmar como discursos sobre o sexo é utilizado como dispositivo de controle e como, desde o século XVIII, a interdição é utilizada como manobra de incitar e fazer falar sobre ele

A separação entre adultos e crianças, a polaridade estabelecida entre o quarto dos pais e das crianças (que passou a ser canônica no decorrer do século, quando começaram a ser construídas habitações populares), a segregação relativa entre meninos e meninas, as regras estritas sobre cuidados com os bebês (amamentação materna, higiene), a atenção concentrada na sexualidade infantil, os supostos perigos da masturbação, a importância atribuída à puberdade, os métodos de vigilância sugeridos aos pais, as exortações, os segredos, os medos e a presença ao mesmo tempo valorizada e temida dos serviços, tudo faz da família, mesmo reduzida às suas menores dimensões, uma rede complexa, saturada de sexualidades múltiplas, fragmentadas e móveis. (FOUCAULT, 2014, p. 51-52)

3.2 – As imagens no *facebook*

Outro ambiente que visitei com as imagens foi o *facebook*, dentro da minha página criei um grupo com 61 (sessenta e um) membros, sendo alguns/as desses/as integrantes do GEPECS, outras pessoas que mantenho uma convivência tal que me permitiu efetivamente lê-las sobre suas implicações.

As postagens das imagens, as mesmas apresentadas em sala de aula, foram realizadas ao longo 04 (quatro) semanas. Em cada semana publicava uma imagem e aguardava pelos seus afetamentos. No primeiro momento postei as imagens sem as legendas, depois as imagens com as legendas, do mesmo modo que fiz na escola, e por fim organizei várias imagens em um mesmo post sem legendas, esta montagem, não apresentei em sala de aula.

A primeira imagem publicada, figura 11, obteve 02 (duas) curtidas, 45 (quarenta e cinco) visualizações e 02 (dois) comentários, sendo eles: “Ela é vaidosa e a gravidez estraga seu corpo!” e “Esperança e incertezas juntas”.

Já a segunda imagem da figura 12, obteve 02 (duas) curtidas, 45 (quarenta e cinco) visualizações e 16 (dezesesseis) comentários.

Na tentativa de buscar possibilidades de como as imagens são vistas, o que as pessoas olham nelas, verificamos que os discursos normativos colocados pelos/as

adolescentes em sala de aula também apareceram nos comentários da rede social, entendendo que o visível é capaz de produzir entre tantas coisas, o previsível.

A terceira imagem, figura 13, alcançou 02 (curtidas), 45 (quarenta e cinco) visualizações e 13 (comentários).

Os membros da página, que foram convidados/as a acessarem-na e participarem da pesquisa, apresentam mais de 25 anos de idade e graduação em diversas áreas, Direito, Pedagogia, Geografia, Letras, Filosofia, História, Publicidade, Administração, Biologia, Química Industrial, Engenharia Civil, sendo alguns/as mestres e outros/as doutores. Ressalva feita, pois os discursos não se distanciam daqueles feitos pelos/as meus/minhas alunos/as do ensino fundamental, ou seja, os discursos dominantes de heteronormatividade, do padrão binário de gênero atingem grupos sociais diversos e são naturalizados e apreendidos por todos/as.

As imagens sem legendas, publicadas na página do *facebook*, funcionaram como clichês ao sustentarem a relação do discurso dominante, heteronormativo e binário com tal eficiência que os/as membros se afetaram de formas muito parecidas, não porque se implicaram de uma mesma forma, mas por ocuparem espaços sociais que se organizam dentro dessa ordem, de acordo com Deleuze (2013, p. 31) “... comumente, percebemos apenas clichês”.

Apresentar as imagens sem legendas foi intencional, já que pretendia desconectar o visível do dizível e provocar quem as olhasse. Intencional por prever que as legendas também funcionam como imagens que disparam coisas em que as lê, sendo que o movimento de ir à legenda e voltar à imagem, possibilita construções que colam eficientemente ao discurso presente nestas.

Ao postar as imagens com suas respectivas legendas 06a, 07a, e 08a, contabilizamos 04 (quatro) curtidas, 46 (quarenta e seis) visualizações e 01 (um) comentário “Nossa, vejam como as aparências enganam e as interpretações são subjetivas neh...” A intenção em fazer colar o texto não imagético carregado por discursos dominantes parece funcionar ao fazer perceber apenas os clichês pela perspectiva dos interesses que envolvem esse discurso, seja ele econômico, seja por crenças ideológicas ou pelas exigências sensoriais. As imagens existem por elas mesmas, os afetamentos são diversos porque os encontros mesmo que se deem, ao

mesmo tempo, para diferentes pessoas, ele provoca ‘coisas’ diferentes em que as olha, uma imagem nesse sentido, nunca se esgota de possibilidades.

A quarta e última imagem postada nessa página foi uma combinação de várias imagens selecionadas no estudo, por isso mais recente que as demais. Obteve 03 curtidas e 09 comentários.



Figura 20

A postagem com a composição de várias imagens teve mais uma função provocativa de como as pessoas olham para elas, do que propriamente investigativa isto porque o recorte agrupa informações que ora se completam, ora se excluem e ora se opõem, como um quebra cabeças onde as peças estão misturadas sobre o tabuleiro, entendendo para este estudo, o tabuleiro como sendo os discursos imanentes à existência e permanência dos indivíduos nos diversos espaços sociais.

As imagens se ocupam em representar as variações dos corpos femininos e masculinos, promovem a elaboração de outras tantas possibilidades que causa diversos questionamentos em quem as olha, sendo esses relevantes e promotores para a criação de outras maneiras de se olhar para as imagens que compõe a figura.

É sobre a singularidade das imagens que estamos falando ao apresenta-las, as provocações que serão sabidas quando experimentadas, vivenciadas e isso é o ato de se

dar ao encontro delas, não é possível falar da imagem sem olhá-la, nessa eficiência de produção o dizível cola discursos, por vezes conduzindo o olhar de quem a olha. Sobre a alteridade das imagens Rancière nos dirá que

Essas imagens não remetem a “nada além delas mesmas”. Isso não quer dizer que elas sejam, como se fala comumente, intransitivas. Significa que a alteridade entra na própria composição das imagens, mas também que essa alteridade depende de outra coisa, não das propriedades materiais do meio cinematográfico. (RANCIÈRE, 2012, p. 11)

As imagens se estabelecem como operações ao conectar eficientemente o discurso ao que está sendo visto, entendendo que essa não é a função da imagem ou sua intencionalidade já que as imagens existem por si só, não existem pelo discurso, mas talvez para ele, para que esse se efetive, a imagem é anterior ao dito, pois ela consegue disparar produções mesmo sem o dizível colado, presente.

Devemos entender que o visível não se estabelece unicamente nas imagens, o dizível também produz imagens, as legendas disparam produções imagéticas, segundo Rancière (2012, p. 14) “Há um visível que não produz imagem, há imagens que estão todas em palavras.”

3.3 – As imagens no *instagram*

O último espaço virtual que visitei com as imagens foi o *instagram*, nele há a possibilidade de publicar fotos em um ambiente denominado ‘Sua história’ que pode ser visualizado durante alguns segundos por 24 horas e depois desse tempo a publicação desaparece. Nesse aplicativo não há o recurso de criar páginas ou grupos, escolhendo com isso seus membros, assim a publicação poderia ser visitada por todos/as que me ‘seguem’, sendo no total 805 (oitocentos e cinco) pessoas.

Esses seguidores/as apresentam os mais variados perfis, desde alunos/as da educação básica, ensino médio e pré-vestibular, graduados/as em diversas áreas, incluindo para esses/as mestres e doutores, até pessoas que ocupam cargos em diversos tipos de instituições sem, no entanto apresentarem ensino superior. Julgo necessário apresentar o perfil geral dos integrantes por entender as diversas possibilidades de

produção imagética que uma única imagem se ocupa, sendo assim o discurso que cada um/uma se apodera condiciona o olhar para a mesma.

O movimento de postagem aqui seguiu uma dinâmica diferente devido aos recursos do aplicativo, aqui a exposição da imagem se reserva à ela, ou seja, a legenda, ou a presença de um texto explicativo ou mesmo descrever a composição dos elementos da imagem é indispensável, pois esta se ocupa da tarefa de fazer ver. A visualização se dá pelo recorte da imagem, se olha para o que se vê e a partir disso o encontro é promovido seguido de seus possíveis afetamentos.

Sendo assim publiquei as três imagens selecionadas no *blog* Diário de Biologia, sem nenhum texto ou legenda as postagens permaneceram como já mencionado durante 24 horas. Todas as três publicações alcançaram mais de 100 (cem) visualizações e nenhum comentário foi feito a cerca do que viam, todas foram vistas pelas mesmas pessoas, a segunda imagem contando com um número maior que 100 visualizações (em torno de 120) apresentaram visitantes novos (porque não apareciam nas outras postagens).

Os comentários são possíveis por meio de um ícone disponível chamado '*direct*' o qual envia instantaneamente a mensagem para o/a proprietário/a da conta no aplicativo em questão, sendo possível de ser visto apenas por esta pessoa, ou seja, comentar a '*história*' de alguém não o/a torna público.

O *instagram* é uma variedade de redes sociais *online* que permite o compartilhamento de fotos e vídeos de seus usuários/as desde 2010, sendo bastante popular entre os brasileiros com acesso à internet é um aplicativo para acesso móvel o que torna possível registrar imagens em variadas situações e ambientes, promovendo destaque para a produção imagética, já que as legendas são dispensadas pelos usuários/as.

Com isso percebemos o quanto as pessoas se ocupam com as imagens, elas dizem dessas, contam coisas sobre elas, o número de visualizações ou curtidas encenam uma fama local, instantânea ou ainda efêmera, mas contribui para que seja vista divulgada, notada, vive se em uma atualidade composta por imagens, as notícias pessoais antes reservadas a grupos restritos hoje podem ser públicas, pode se inclusive saber sobre quem está longe, quem não faz parte do seu convívio social, de forma rápida os discursos se revelam em imagens, as mensagens são focadas e registradas instantaneamente.

A partir disso compreender a ausência de comentários nas imagens publicadas acima parece previsível. Uma sociedade imagética se comporta com a rapidez do olhar, tem se pressa pela próxima postagem e, portanto a mensagem deve estar colada na imagem, para que assim não se demore em sua visualização, daí a eficiência das imagens clichês, que revestem a imagem de forma que não a percebamos inteira, encobrem-na com o interesse de encobrir algo que está nela.

Ao olhar para essas imagens a obviedade nelas parecem ressaltar de maneira que qualquer outro olhar possa parecer improvável, ou ainda que esse movimento exigisse reparo por quem as olha, o que não condiz com a brevidade do tempo para esse tipo de público. Uma sociedade imagética usa as imagens para confirmar, manter e dissipar discursos dominantes, heteronormativos e binários, utiliza-se os textos imagéticos para atingir com rapidez quem os “lê”. É uma forma de linguagem eficaz para dizer o não dito, o que não é permitido dizer, assim menciona Foucault (2014) acerca do sexo “Sob a capa da linguagem que se tem o cuidado de depurar de modo a não mencioná-lo diretamente, o sexo é açambarcado e como que encurralado por um discurso que pretende não lhe permitir obscuridade nem sossego.”.

Sobre “*ir por aí*”

Neste momento me propondo a escrever sobre o que se entende como conclusão do estudo, alguns barulhos acontecem dentro de mim e relembro Paulo Freire (2011, p.94) em “Como impossível seria sairmos na chuva expostos totalmente a ela, sem defesas, e não nos molhar”. A construção, a elaboração e fundamentalmente conviver com esse processo me provocou tantos afetamentos que aqui não haveria espaço suficiente para descrevê-los, sigo em frente com um título talvez menos importante do que as mudanças que se operaram em mim e me conduziram a tornar uma mulher mais politizada, engajada com as discussões concernentes ao estudo e, sobretudo sem medo.

Com 13 anos de idade vivendo com os avós, longe da convivência amorosa dos pais, executando lidas domésticas habituais, um dos produtos de limpeza para tal trabalho finda, como criança sempre cheia de vida e energia que era, coube à tarefa de ir ao mercado da esquina, o do senhor Geraldo, que sempre atendia os clientes com um sorriso franco, oferecia balas às crianças quando estavam com seus pais e brincava com elas, era o “vovô Geraldo”. Neste dia, não estava acompanhada, e, o vovô Geraldo como de costume, ofereceu doces, mas ao esticar a mão para recebê-los, segurou forte no braço da criança e com um sorriso débil imprimiu força, sua mão foi subindo, subindo até encostar-se aos seios nascentes e delicados como os de toda criança na puberdade. Não sei explicar sobre os sentimentos que me ocorreram naquele momento, tanta coisa passou em minha cabeça em frações de segundos e ao perceber que com sua força estava sendo conduzida para detrás do balcão, arranquei meu braço de suas mãos e corri em prantos para casa. Demorei um dia inteiro para contar em casa o que havia acontecido, tinha medo de meus avós me culparem pelo ocorrido, me sentia suja, roubada e isso me causou marcas profundas.

Aos 15 anos estava eu em uma festa familiar, dessas regadas a muita bebida e música, sinônimo de alegria e descontração para muitos/as. Sem me integrar com as comemorações fui para o quarto dormir, lembro-me de cada detalhe deste lugar, quarto grande, várias camas e a minha ficava ao fundo. Aos poucos elas foram sendo ocupadas e a festa se encerrando, permanecendo apenas aqueles que se embriagavam ainda mais. Recordo-me que despertei no meio da noite com um toque de mãos em minhas pernas, o calor que fazia me impediu de cobrir meu corpo, usava um vestido longo, senti

aquelas mãos subindo e com isso levando também meu vestido. Meu pânico era tão grande que não sabia o que fazer, apertava os olhos cheios de lágrimas e segurei forte o travesseiro, de novo estava acontecendo comigo. Consegui em um súbito de espanto virar o corpo em direção ao algoz e dizer ‘o que é isso?’, era um dos tios mais queridos por todos/as, brincalhão, divertido, sempre com uma piada pronta, era casa cheia onde se encontrava. Exalando a álcool, ao me ver assustada apenas disse “é o titio”, bravejei que saísse dali, naquele momento saiu para voltar em um momento posterior, ninguém naquele quarto acordou com seus movimentos e outra vez tentou me violentar. Dessa vez disse incisiva e em tom de voz mais alta “eu vou gritar”, com isso uma das pessoas que dormia ali remexeu se na cama e ele assustado com a possibilidade de alguém tê-lo visto e foi embora.

Nas duas situações não houve consumação dos fatos e nem precisava, as insinuações foram suficientes para criarem em mim medos, pavores, repulsas que impossibilitaram-me, durante muito tempo, a troca de afetos. E o que houve também foi o silêncio, poucas pessoas souberam desses fatos, não houve punições e a vida seguiu seu curso dentro de uma normalidade assustadora. Esse estudo então é sobre meu passado, é sobre o presente de tantas meninas, moças e mulheres e queira eu não seja o futuro de outras, para isso entender sobre a naturalização da dominação masculina, as diferenças sociais confirmadas e garantidas entre os gêneros é parte de mim em empunhar lutas, enriquecer discursos e não mais me silenciar para qualquer forma de violência. Assim seguimos pensando nas questões de gênero associadas às imagens retiradas de *blogs* e páginas do *facebook* de professores e professoras de Ciências e Biologia. Perceber como opera o dispositivo de sexualidade nos coloca em ação para pensar sobre o ambiente em que os corpos, as formas de pensar, ser e estar atuam e estabelecem relações de poder a partir dessas mídias e, portanto no interior das redes virtuais.

Vivemos em uma sociedade imagética, todos os discursos podem se tornar uma imagem, serem vistos ou lidos como tal. As imagens nos atravessam o tempo todo e nesse processo podem disparar em nós, pela potência que carregam, uma infinidade de possibilidades ou simplesmente não afetar quem a olha, não há uma tarefa definida para ela, assim como não há uma função própria dela, sua subjetivação é parte do encontro.

Buscarei neste momento encaminhar respostas aos questionamentos que abrem esse estudo e me motivaram durante toda sua elaboração. O que as imagens, dispostas

em *blogs* de autoria de professores/as de Biologia, que também me olham querem que eu veja – o que elas selecionam? O que elas operam na produção de sexualidades, de corpos e de gêneros? O que elas produzem, o que gestam? Retomamos a Foucault (2014) para nos ajudar a pensar sobre o mecanismo de poder,

O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E o “poder”, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de autoreprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apoia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. Sem dúvida, devemos ser nominalistas: o poder não é um certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. (FOUCAULT, 2014, p. 101).

Percebemos com isso que o mecanismo que opera os discursos de sexualidade, pela sua eficiência, se estabelece como um dispositivo que norteia práticas discursivas e não discursivas, saberes e poderes visando normatizar, controlar e estabelecer “verdades” a respeito do corpo e seus prazeres. Esses dispositivos em determinados momentos históricos, a partir de contextos específicos, surgem como discursos e práticas que visam responder à demandas sociais, políticas ou morais.

Nesse sentido as imagens são colocadas nos *blogs* e páginas de *facebook* de professores/as de Ciências e Biologia ratificando discursos normativos e confirmam a concepção de sexualidade que estabelecem como padrão o desejo ‘fálico’, em que o corpo ao qual o prazer e as práticas sexuais estão autorizadas e garantidas é o do homem, sendo este inserido em relações entendidas como heterossexuais.

As imagens são publicações que atendem a uma perspectiva de poder que agencia dizeres sobre o sexo e suas práticas, estabelecendo uma relação íntima e quase indissolúvel entre o visível e o dizível. Elas são esquemas sensoriais que estabelecem a própria realidade (DELEUZE, 2013), capazes de produzirem no plano dos afetos, subjetividade.

As imagens se estabelecem como clichês quando são aprisionadas, confiscadas pelos discursos de sexualidade, no caso de nosso estudo estes capturam as imagens e direcionam o olhar de quem as vê. Durante todo o tempo quando olhei para as imagens estava sendo reconfigurada, as imagens promoveram em mim uma espécie de formatação e por isso instauraram um processo de subjetivação. Esse movimento

instaura a construção de novos signos, novas percepções, ações e afecções, sobre esse movimento das imagens Deleuze (2013) irá dizer,

A imagem-movimento não desapareceu, mas só existe como a primeira dimensão de uma imagem que não para de crescer em dimensões. Não falamos de dimensões do espaço, já que a imagem pode ser plana, sem profundidade, e com isso conquistar ainda mais dimensões ou poderes que excedem o espaço. (DELEUZE, 2013, p. 33).

No decorrer de nosso estudo a apresentação das imagens selecionadas reafirmou a ideia de clichê como afirmado por Deleuze. A construção das minhas análises iam me fazendo ver argumentações que justificavam a sua localização e elaboração nas publicações, discorrendo sempre sob os aspectos da naturalização dos conceitos apreendidos acerca do entendimento sobre modelos hegemônicos de gênero, da sexualidade. Recorrendo aos discursos normativos imperantes na sociedade e carregados e mantidos pelas instituições sociais, como a Família, a Escola, a Igreja e o Estado.

No entanto, compreendi a potência que habita as imagens e o movimento sensorial que promovem, sendo assim a apreensão dos discursos transmitidos por elas me atingiram de várias formas e percebi que também atingiu quem as viu – meus alunos/as e amigos/as. Elas também, em algumas vezes, pareceram não provocar ou afetar quem as olhou, entendendo que esses afetamentos se dão no entre, no plano dos afetos, nesse plano que não foi codificado e, portanto só acontecem no encontro. Eu não busquei o entre, inicialmente. Mas a descoberta por esse entre me movimenta a realizar as experiências na escola e nas redes sociais. Percebi, a partir de mim, e dos textos, que esse movimento é incessante, ininterrupto, intercambiante; ele produz outras imagens e modifica as pessoas que, por sua vez, produzem outras coisas, em um interstício que não se estabiliza.

Sendo assim os possíveis afetamentos provocados pelas imagens do nosso estudo não se findam com essas considerações finais, esse não é o fim para elas, continuarão a produzir, a desestabilizar tantos/as outras/as que as olharem ou mesmo aqueles/as que as encontrarem em momentos posteriores ao deste.

A utilização de referenciais teóricos que dialogassem com nosso tema de estudo e a seleção das imagens feitas a partir de mídias sociais *blogs* e *facebook*, tendo como autores/as professores/as de Ciências e Biologia, nos possibilitou pensar nos discursos

que habitam as imagens ou o que elas carregam, sendo assim a relação estabelecida entre o dizível e o visível se interpõem, se conectam, mesmo entendendo que o texto discursivo também é imagético e potente na produção de outras imagens. Além disso, é sabido que a confluência entre a imagem e o texto é garantida por meio de uma colagem eficiente.

Essa colagem se estabelece como uma engrenagem eficaz e ainda que a imagem seja a primeira fonte de captura e produza outras tantas imagens, será o texto, a legenda, o discurso capaz de promover o direcionamento de quem a olha, fazendo o/a leitor/a voltar à imagem e se propor a ver a ‘cola’ feita pelo dizível. Promover ruptura nessa engrenagem é se permitir atravessar por outras possibilidades de olhar. Assim, sem a pretensão de fechar ou concluir o texto, visto que este estudo pode ser conduzido a tantas outras possibilidades desconhecidas a mim mesma, desejo que os/as leitores/as tenham um encontro de afetos com o que foi cuidadosamente escrito aqui, que o olhar para as imagens possa conduzi-los/as a perceberem quão direcionado esse olhar está e para onde, afinal olhar para ‘fora’ é tirar o que se tem ‘dentro’.

Indubitavelmente esperamos que este estudo contribua para outras pesquisas sobre sexualidade, Educação em Ciências e Biologia, corpo e gênero, buscando dentro do universo imagético ao qual estamos imersos, pensarmos na dimensão política ocupada pelos nossos corpos e sendo assim promotores/as de mudanças e disseminadores/as de humanidades. Que o estudo seja um leve e sutil convite a “*vir por aqui*” ou a “*ir por aí*”.

Sobre a imagem que abre o estudo

A produção deste estudo provocou em mim muitos afetamentos, entre eles uma apurada acuidade visual em relação às imagens, que me permite ser vista por elas e tentei com isso me movimentar para também vê-las. Sendo assim, tecer comentários sobre imagens me conduziu a pensar na construção histórica dessa produção humana, e, nas andanças pelas mídias eletrônicas, encontrei essa imagem que apresento na abertura do texto, já que tecer comentários sobre ela ao final é intencional.

Denominada de “O Pecado Original e a Expulsão do Paraíso”, a imagem trata de um acontecimento que irá determinar a organização da sociedade ocidental, carregando componentes como o pecado, a culpa e o medo. Os eventos se dão ao mesmo tempo, numa sequência que escapa ao tempo cronológico e as marcas do dualismo são evidentes, bem e mal, alegria e tristeza, certo e errado, homem e mulher, morte e vida, elementos que parecem ser confirmados, reproduzidos e mantidos por séculos. Entendendo que o olhar para imagem se dá entre muitos fatores pela organização histórica, política, social de uma determinada época, de formas diferentes devido ao fator cultural de cada povo, e com isso marca olhares diversos e atemporais. Essa imagem vista quando da sua construção, no tempo atual deste estudo e em um momento posterior a ele, certamente contemplará diferentes ‘olhares’, mesmo que feito pela mesma pessoa, com isso ressaltamos que as insurgências se dão no encontro estabelecido, ou seja, os afetos se dão na medida em que esses acontecem.

O que me despertou a atenção e me fez coloca-la para abrir a leitura foi o enquadramento dos elementos na imagem, corpos nus, sendo a exposição do corpo masculino mais evidente, a serpente configurada como mulher, sendo sabido por todos/as que é ela quem induz o casal a cometer pecado, o anjo que cobre o corpo e carrega uma espécie de espada. Após a expulsão a postura que esses indivíduos assumem o homem mais esguio e encorajado, enquanto a mulher ocupa uma posição de medo, vergonha, parecendo estar sendo protegida por este homem que recebe o toque da espada.

Uma imagem que parece confirmar de uma forma ética toda a discussão de que nosso estudo se preocupa, ou seja, a concepção da naturalização de discursos que

segregam é de uma profundida moral tal que pensar diferente dessa organização previamente determinada pelos homens parece comprometer a ‘salvação’. A ideia da punição pelo pecado funciona bem porque lida com o imaginário, com o plano sensório, estabelecendo uma relação de poder e utilizando mecanismos de controle, como o corpo, a sexualidade e as práticas sexuais. Que essa imagem tenha cumprido a proposta dela ao introduzir o/a leitor/a ao texto, deslocar, incomodar e produzir ‘coisas’, ou ainda ‘enfeitar’ com arte a arte da escrita.

Referências

ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**. Salvador, v. 22, p.95-103, jul/dez. 2013.

BARRETO, Gilson. **A Arte Secreta de Michelangelo**. São Paulo: Arx, 2004.

BARROS, Suzana C.; RIBEIRO, Paula R. C.; QUADRADO, Raquel P. O sexting e suas implicações no âmbito escolar. In: Berenice Bento; Antônio Vladimir Félix-Silva. (Org.). **Desfazendo gênero: educação da diferença, masculinidades, feminismos e literatura..** 1ed.Natal: EduFm, 2015, v. 1, p. 111-136.

BOM-TEMPO, Juliana Soares. **Por uma clínica poética: experimentações em riscos nas imagens em performance**. 2015. 209 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015a.

_____. **Heterotopias das imagens: a docilização dos corpos e os corpos utópicos no filme ‘Depois da Chuva’**. In: IV Colóquio Nacional Michel Foucault: O ronco surdo da batalha, 2015, Uberlândia/MG. IV Colóquio Nacional Michel Foucault: O ronco surdo da batalha – 40 anos de Vigiar e Punir. Uberlândia/MG; FAGED UFU, 2015b. v. 1. p. 1-10.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8. ed. Trad. Renato Aguiar. Gender Trouble: feminism and the subversion of identity. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

Blog Biologia Total. Disponível em: <https://site.biologiatotal.com.br/> Acessado em jan. 2016.

Blog Diário de Biologia. Disponível em: <http://diariodebiologia.com/> Acessado em jan. 2016.

Blog Dicas de Ciências. Disponível em: <https://dicasdeciencias.com/> Acessado em jan. 2016.

Blog Eu quero Biologia. Disponível em: www.euquerobiologia.com.br/ Acessado em jan. 2016.

Blog Tudo de Bio. Disponível em: <https://tudodebio.blogspot.com.br/> Acessado em jan. 2016.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, 477 p.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pal Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **A imagem-tempo**. Trad. Eloisa de Araújo Ribeiro. Revisão filosófica de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 2014.

_____. **Imagens apesar de tudo**. Tradução Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. Lisboa, 2012.

DINIZ, Gabriela Almeida. **Sexualidade na internet**: a publicação em blogs de professores/as de Ciências e Biologia. 2015. 215 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Biológicas, Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

FERNANDES, Wânia Ribeiro; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz. Cinema e relações de gênero: ouvindo mulheres idosas. **Anais da 29ª Reunião Anual da ANPED**. ANPED: Caxambu, 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT23-2327--Int.pdf> Acesso em jan. de 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação**: fruir e pensar a TV. 3a. ed. Belo Horizonte: Autentica 2006. 150p.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade 1**: A vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. **Vigiar e Punir**: Histórias da violência nas prisões. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo Educado**: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MENDES, Cláudio Lúcio. Quem pode resistir a Lara Croft? Você? **Anais da 28ª Reunião Anual da ANPED**. ANPED: Caxambu, 2005. Disponível em: <http://www.anped.org.br/biblioteca/item/exualidade-e-genero-mediaco-es-do-cinema-na-construcao-de-identidades> Acesso em jan. de 2016.

PEREIRA Mariangela Rosa. Gênero, sexualidade e infância: nas telas do cinema, a criança como sujeito o amor romântico. **Anais da 33ª Reunião Anual da ANPED**. ANPED: Caxambu, 2010. Disponível em: <http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6270--Int.pdf> Acesso em jan. de 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Tradução: Mônica Costa Netto. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2012.

RIBEIRO, Cláudia Regina Santos; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. Construindo a masculinidade hegemônica: acomodações e resistências a partir da apropriação de personagens de novelas por adolescentes das camadas populares. **Anais da 28ª Reunião Anual da ANPED**. ANPED: Caxambu, 2005. Disponível em: <http://www.anped.org.br/biblioteca/item/exualidade-e-genero-mediaco-es-do-cinema-na-construcao-de-identidades> Acesso em jan. de 2016.

RIBEIRO, Cláudia Regina Santos; XAVIER - FILHA, Constantina. Trajetórias teórico – metodologias em 10 anos de produção do GT 23. **Anais da 36ª Reunião Anual da ANPED.** ANPED: Goiânia, 2013. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_encomendados/gt23_trabencomendado_cl_audiaribeiro.pdf Acesso em jan. de 2016.

ROVERI, Fernanda Theodoro. A boneca Barbie e a educação das meninas – um mundo de disfarces. **Anais da 30ª Reunião Anual da ANPED.** ANPED: Caxambu, 2007. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT23-3154--Res.pdf> Acesso em jan. de 2016.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; OLIVEIRA, Dora Lúcia C.L. Gênero e risco de hiv/aids nas campanhas de educação em saúde através da mídia **Anais da 29ª Reunião Anual da ANPED.** ANPED: Caxambu, 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT23-2294--Int.pdf> Acesso em jan. de 2016.

SEVILLA Gabriela Garcia. Sexting: uma prática de visibilidade. **Anais da 37ª Reunião Anual da ANPED.** ANPED: Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt23-3859.pdf> Acesso em jan. de 2016.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. As imagens e a educação generificada dos corpos. **Anais da 36ª Reunião Anual da ANPED.** ANPED: Florianópolis, 2013. Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt23_2599_texto.pdf Acesso em jan. de 2016.

SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. Sexualidade e gênero: mediações do cinema na construção de identidades. **Anais da 27ª Reunião Anual da ANPED.** ANPED: Caxambu, 2004. Disponível em: <http://www.anped.org.br/biblioteca/item/exualidade-e-genero-mediaco-es-do-cinema-na-construcao-de-identidades> Acesso em jan. de 2016.

VARGAS, Juliana Ribeiro de. Tá doidona: a juventude como espaço de permissividades e experimentações. **Anais da 37ª Reunião Anual da ANPED.** ANPED: Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt23-4378.pdf> Acesso em jan. de 2016.

